

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE**

AGENIANA ESPÍNDOLA

**A DANÇA NA ESCOLA: DESCONSTRUINDO IDEIAS DISSEMINADAS PELA
CULTURA TIKTOKER, A PARTIR DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA (PHC).**

FLORIANÓPOLIS

2023

AGENIANA ESPÍNDOLA

A DANÇA NA ESCOLA: DESCONSTRUINDO IDEIAS DISSEMINADAS PELA CULTURA TIKTOKER, A PARTIR DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA (PHC).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientação: Profa. Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva.

FLORIANÓPOLIS
2023

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Espindola, Ageniana
A DANÇA NA ESCOLA: : DESCONSTRUINDO IDEIAS
DISSEMINADAS PELA CULTURA TIKTOKER, A PARTIR DA
PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA (PHC). / Ageniana
Espindola. -- 2023.
121 p.

Orientador: Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2023.

1. Dança. 2. Prática Pedagógica. 3. Pedagogia Histórico-Crítica.
4. TikTok. I. da Rosa Fonseca da Silva, Maria Cristina . II.
Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências
Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.
III. Título.

AGENIANA ESPÍNDOLA

A DANÇA NA ESCOLA: DESCONSTRUINDO IDEIAS DISSEMINADAS PELA CULTURA TIKTOKER, A PARTIR DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA (PHC).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina
Orientadora

Membros:

Profa. Dra. Roselaine Ripa
Universidade do Estado de Santa Catarina
Membro Interno

Profa. Dra. Claudia Carnevski
Universidade Federal do Amazonas
Membro Externo

Profa. Dra. Maristela Muller
Universidade do Estado de Santa Catarina
Membro Interno

Florianópolis, 31 de julho de 2023.

AGRADECIMENTOS

Nesta trajetória do mestrado gostaria de agradecer a minha orientadora Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva por todo apoio e incentivo, sou grata pelas correções, contribuições e trocas para que este trabalho fosse desenvolvido de modo a contribuir nos estudos sobre esta temática na área da educação.

Ao meu noivo Luiz Fernando Queiroz sou infinitamente grata por sempre me ajudar e me apoiar em absolutamente tudo o que faço. E que no mestrado me doou aconchego e tranquilidade em fases turbulentas da minha vida, foi meu suporte e a minha base. Nunca saberei retribuir tamanha força e generosidade. Obrigada meu amor por sempre estar me motivando e me alegrando com gestos e palavras, além das dezenas de doces que você me trazia para concluir a escrita deste “doce” trabalho (risos). Obrigada por tanto amor e parceria, a vida é mais bonita com você por perto, sou grata, feliz e realizada em te ter ao meu lado, te admiro muito. Eu te amo.

Meu filho de quatro patas o Dendo, que ainda não sabe ler (risos), também ajudou muito nesse processo. Adorava estudar o “Viviani”¹, foi meu ouvinte e cãopanheiro nas longas horas de estudos nas madrugadas ou fora dela.

Sou grata a minha família e em especial ao meu pai Agenor Espíndola que me deu a vida e a educação que tenho, principalmente pelas virtudes, princípios e valores oriundos de uma família da classe trabalhadora. Obrigada pai por me doar amor e todo o acalanto paterno nesta etapa da vida e as demais. À minha mana Beatris Espíndola, obrigada por ser esse exemplo de mulher maravilhosa, guerreira e determinada que és, e por sempre me apoiar, me incentivar, e torcer pelo meu sucesso, eu tenho muita sorte em te ter como irmã e amiga. Família Espíndola vocês são admiráveis pela força, coragem e imenso amor. Obrigada pelo apoio fraterno de vocês que me acalentou durante este processo, amo e admiro demais vocês.

Obrigada familiares, amigos e colegas de trabalho que sempre me motivaram e torceram pelo sucesso da minha pesquisa, pela minha felicidade e pela minha conclusão no mestrado. Especialmente uma pessoa querida e especial, Fabiane Jungbluth, minha parceira de almoço, de risadas, de passeios, de trabalho, obrigada por contribuir nesta etapa importante da minha vida, obrigada por sempre me escutar e me motivar, por ser sensível e atenciosa em todas as vezes que precisei. Você é admirável. Obrigada por tanto.

¹ Referência carinhosa a Dermeval Saviani.

Aqui, não irei citar nomes pois são muitos, e também para não correr o risco de esquecer de ninguém, mas gostaria de agradecer a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória e que contribuíram com minha formação até os dias atuais. Indo desde o início da infância, aos atuais professores do PPGE UDESC, bem como as professoras que participaram da qualificação e que fizeram grandes contribuições para esta pesquisa. Obrigada por se dedicarem a esta profissão complexa e desafiadora. Decidir trabalhar para transformar a realidade através do conhecimento é uma luta incrível, e vocês mudaram a minha. A vocês todo o meu carinho e admiração, principalmente para aqueles que foram e ainda são inspiração para mim.

Aqui também registro meu respeito e admiração pela Universidade Pública pela sua excelência de ensino, pois talvez sem essa gratuidade não haveria mestrado. Enfim, agradeço a todos os envolvidos que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão desta pesquisa, obrigada a todos pela generosidade, pelo carinho, pelo conhecimento, pela escuta, pela paciência, pelo apoio e torcida, vocês foram importantes neste processo e também foram importantes para mim. Gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa de Mestrado Acadêmico em Educação é vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE), filiada a linha de pesquisa, Políticas Educacionais, Ensino e Formação (PEF); e ao grupo de pesquisa Artes e Formação nos Processos Políticos Contemporâneos (UDESC/Cnpq) e ao Grupo LUTE - Lutas sociais, Trabalho e Educação (LUTE). Este estudo tem como pergunta de pesquisa: Como a produção científica da área se posiciona acerca da cultura TikTok a partir de uma análise da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC)? Igualmente, traz como objetivo, analisar como a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) e seus fundamentos, podem contribuir com o ensino crítico e transformador da dança no ambiente escolar. Colaborando também para desconstruir as ideias disseminadas pela cultura TikTok, que se materializa hoje em dia como um produto da indústria cultural, ferramenta essa, oriunda do sistema capitalista. O aplicativo (app) TikTok, também conhecido como o app das dancinhas, tem se tornado assíduo na rotina de muitas pessoas de diferentes faixas-etárias, principalmente a partir do período pandêmico onde ele teve viralização a nível mundial. Enquanto docente na área da dança é possível observar que essa cultura TikTok proporciona na dança a homogeneização dos comportamentos/movimentos, e empobrece o conhecimento acerca desta manifestação artística e cultural, principalmente pela sua proporção genérica e descontextualizada. A dança como arte, como cultura muitas vezes é desvalorizada por meio dessa padronização e robotização dos gestos e expressões que são propagados de forma massiva, desconsiderando constantemente a história, o processo criador e a cultura local. Portanto esta pesquisa bibliográfica, terá o propósito de produzir um levantamento e analisar os artigos publicados em revistas científicas brasileiras. O tema da pesquisa investigado nas revistas acadêmicas tomou como descritores: Ensino, Dança, Cultura TikTok, Tecnologias e TikTok. A análise dos textos encontrados fundamentou-se nos pressupostos da PHC, tomando como objeto de análise e de descrição a abordagem do método dialético, contribuindo assim com o ensino emancipador da dança na escola, promovendo um olhar crítico sobre os interesses/propostas desta cultura ofertada pelo app. O recorte deste estudo tomou como base os últimos quatro anos, ou seja, um levantamento dos anos pandêmicos no Brasil, desde 06 de fevereiro de 2020, em que foi sancionada a Lei nº 13.979/20, demarcando o início da pandemia no país, até meados deste ano de 2023. Logo, destacando a dança veiculada nesse app neste período, é possível realizar um recorte na época em que as aulas ocorreram de forma remota, híbrida e agora já no ensino normalizado. Dando tais considerações, neste trabalho alinhamos aspectos que sistematizam e desmistificam o ensino empobrecido e reprodutivista atual por

meio do TikTok, a modo de oportunizar um ensino crítico e emancipador através da conscientização cultural, histórica e social dos sujeitos.

Palavras-chave: Dança. Prática Pedagógica. Pedagogia Histórico-Crítica. TikTok.

ABSTRACT

This Academic Master's in Education research is linked to the Postgraduate Program in Education (PPGE), affiliated with the research line, Educational Policies, Teaching and Training (PEF); and the research group Arts and Training in Contemporary Political Processes (UDESC/Cnpq) and the LUTE Group - Social Struggles, Work and Education (LUTE). This study's research question is: How does scientific production in the area position itself regarding TikTok culture based on an analysis of Historical-Critical Pedagogy (PHC)? Likewise, its objective is to analyze how Historical-Critical Pedagogy (PHC) and its foundations can contribute to the critical and transformative teaching of dance in the school environment. Also collaborating to deconstruct the ideas disseminated by TikTok culture, which materializes today as a product of the cultural industry, a tool that comes from the capitalist system. The TikTok application, also known as the dance app, has become a regular part of the routine of many people of different age groups, especially since the pandemic period when it went viral worldwide. As a dance teacher, it is possible to observe that this TikTok culture promotes the homogenization of behaviors/movements in dance, and impoverishes knowledge about this artistic and cultural manifestation, mainly due to its generic and decontextualized proportion. Dance as an art, as a culture, is often devalued through this standardization and robotization of gestures and expressions that are propagated massively, constantly disregarding history, the creative process and local culture. Therefore, this bibliographical research will have the purpose of producing a survey and analyzing articles published in Brazilian scientific journals. The research topic investigated in academic journals took as descriptors: Teaching, Dance, TikTok Culture, Technologies and TikTok. The analysis of the texts found was based on the assumptions of PHC, taking the dialectical method approach as an object of analysis and description, thus contributing to the emancipatory teaching of dance at school, promoting a critical look at the interests/proposals of this culture offered via the app. The scope of this study was based on the last four years, that is, a survey of the pandemic years in Brazil, since February 6, 2020, in which Law No. 13,979/20 was sanctioned, demarcating the beginning of the pandemic in the country, until mid-2023. Therefore, highlighting the dance broadcast on this app during this period, it is possible to take a look at the time when classes took place remotely, hybridly and now in normalized teaching. Given these considerations, in this work we align aspects that systematize and demystify the current impoverished and reproductive teaching by through TikTok, in order to provide critical and emancipatory teaching through the cultural, historical and social awareness of subjects.

Keywords: Dance. Pedagogical Practice. Historical-Critical Pedagogy. TikTok.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Feitos de Saviani até o ano de 2018	26
Figura 2 - Feitos de Saviani até o ano de 2022	27
Figura 3 - Fases que permeiam a trajetória do conhecimento	46
Figura 4 - Tela inicial do aplicativo TikTok	58
Figura 5 - Festa Junina viraliza após críticas	66
Figura 6 - São João ou TikTok?	67
Figura 7 - Festa junina com funk e dança TikTok	68
Figura 8 - Estudantes dançando TikTok em festa junina de 2019	68
Figura 9 - Comentários dispostos sobre o vídeo acima	69
Figura 10 - Pesquisa no Google sobre como viralizar no TikTok	75
Figura 11 - Exemplo de Duelo no TikTok.....	104

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

app	Aplicativo
CIA	Agência Central de Inteligência
ERE	Ensino Remoto Emergencial
EUA	Estados Unidos da América
IA	Inteligência Artificial
NSA	Agência de segurança nacional norte-americana
PEF	Políticas Educacionais, Ensino e Formação
PHC	Pedagogia Histórico-Crítica
PPGE	Programa de Pós Graduação em Educação
TIC's	Tecnologias da Informação e da Comunicação
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. SISTEMATIZANDO OS FUNDAMENTOS GERAIS DA PHC	22
2.1 BIOGRAFIA DE DERMEVAL SAVIANI	24
2.2 CONTEXTUALIZANDO AS TEORIAS E PEDAGOGIAS EDUCACIONAIS	28
2.1.1 Teorias hegemônicas ou Teorias não críticas	29
2.1.2 Teorias contra-hegemônicas - Teorias críticas e críticas reprodutivistas	39
3. TIKTOK – A IDENTIFICAÇÃO DE UM PRODUTO DA INDÚSTRIA CULTURAL	50
3.1 CONHECENDO O TIKTOK PARA ALÉM DO VIÉS DAS DANCINHA	53
3.2 A DANÇA VISTA SOB UMA PERSPECTIVA RETANGULAR: AS TELAS DO <i>TIKTOK</i> ..	64
4. O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA: UM BALANÇO DAS PRODUÇÕES	78
4.1 O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA SOB A INFLUÊNCIA DO TIKTOK - UMA VISÃO DA PHC	88
4.2 O ERE E SUAS LACUNAS NO ENSINO DA DANÇA	91
4.3 TIKTOK ENQUANTO FERRAMENTA CRÍTICA PARA O ENSINO DA DANÇA NA ESCOLA: UM OLHAR A PARTIR DA PHC	97
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	118

1. INTRODUÇÃO

A dança esteve presente na trajetória desta pesquisadora desde os seis anos de idade, nessa caminhada assumiu diferentes papéis em diversas modalidades e experiências, enquanto espectadora, admiradora, bailarina e coreógrafa/professora. Carregando esta bagagem e o bem estar que a dança proporciona, e conhecendo a importância que ela tem na e para a sociedade, é que surge o interesse por este estudo, que se constituiu de forma mais intensa na formação acadêmica de graduação, especialização e mestrado.

Já a formação acerca da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), iniciou na graduação em licenciatura em educação física, através da disciplina do estágio obrigatório I. Foi um processo muito especial e gratificante conhecer e lecionar por meio dessa pedagogia. O que despertou mais interesse para fazer cursos, e participar de grupos de estudos na área. Escolher a PHC para compor e mediar este trabalho é pertinente, por ser seu fundamento uma concepção histórica e considerar que o indivíduo pertence a esta concepção, assim igualmente como a dança que é uma construção sócio-histórica.

A dança acompanhou (e ainda acompanha) o ser humano em toda sua existência, servindo-lhes em muitos sentidos: em forma de homenagens, agradecimentos, comemorações e festividades ou trabalho humano criativo. Com o passar do tempo ela foi se desenvolvendo e configurando-se em linguagem e expressão cultural, e por esta razão se constitui enquanto conteúdo histórico essencial e enriquecedor para contribuir com a formação integral dos sujeitos dentro do ambiente escolar (LEITÃO, SOUSA, 1995).

Vislumbramos a dança como um conteúdo enriquecedor corporalmente, expressivamente, cultural, artístico e histórico, e encontrar uma pedagogia que vislumbre e defenda esta concepção, é essencial para esta pesquisa e para o seu ensino, pois possibilita prezar, reconhecer e ensinar a dança para além do movimento mecânico, buscando sua concepção na condição de conhecimento produzido historicamente e que para ampliar a humanização dos sujeitos, precisa ser disseminado na escola de forma crítica.

Logo, abordar e guiar esta manifestação artística por meio da PHC, é uma grande oportunidade de proporcionar essa reflexão, sendo assim, uma forma de contribuir para um ensino crítico e transformador, permitindo ampliar as possibilidades de o indivíduo desenvolver e conhecer o seu próprio corpo; suas expressões; os movimentos; o processo criador; os elementos culturais e artísticos presentes nessa prática e não só isso, mas a história e o contexto em que ela está inserida.

Afinal a história da humanidade foi se modificando ao longo do tempo, e considerando a sua longa trajetória, é possível identificar que muitas coisas tiveram que se adaptar às novas concepções de mundo, como por exemplo, a comunicação que existia no tempo dos primatas e que não é a mesma de hoje, pois, vivemos cercado por múltiplas tecnologias (MINUZZI, FACHIN, 2012).

O Filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto (2005, apud Bandeira, 2011, p. 112) “recusa a expressão “era tecnológica”, como se não existisse sucessões de eras e invenções. Para ele, o ser humano não seria humano se não vivesse sempre numa era tecnológica.” Portanto, tudo o que emerge da humanidade é tecnologia, por esse motivo é necessário identificar seus diferentes níveis. Sendo que por meio delas há a “[...] apropriação indébita que as nações ricas fazem das riquezas do mundo subdesenvolvido ou periférico. Esse mundo contemporâneo concretiza-se através da diferença de acesso aos avanços tecnológicos”.

A partir desta afirmativa, Bandeira (2011, p. 114), tendo como base a obra de Álvaro Vieira Pinto, descreve que:

A história da técnica diz respeito à relação do homem com a natureza, onde o homem mediatiza uma relação de afastamento, através de dominação e domínio entre ambos e si próprio. Nada domina em essência o homem a não serem as leis da natureza e, acidentalmente, outro homem. “Do lado da natureza situam-se as forças físicas, enquanto do lado humano entram em ação as forças culturais, o conhecimento racional”. O homem de cada fase histórica desenvolve a técnica numa difusão contínua de sobrevivência sobre a natureza. Não é a técnica o motor da história, mas sim, a necessidade permanente de criação e sobrevivência na qual o homem trava uma relação com a natureza, onde a ferramenta maior é o trabalho. A técnica é um patrimônio da espécie e sua função consiste em ligar os homens na realização das ações construtoras comuns no espaço tempo, sem dominar o homem. Sendo o homem o único capaz de historicizar o tempo, ele sempre contornará qualquer problema de sua existência, desde que não sejam os fenômenos da natureza. Porém, é o homem que pode dominar outro homem através da técnica, mediante sua ideologização e, conseqüentemente, manipulação de outros segmentos sociais, o que resulta em uma anestesia social mediante a relação homem e técnica, e vice-versa. Assim, foram as técnicas do passado que justificaram e serviram aos regimes de produção escravista e que hoje recebem novas artimanhas e veredas de sua existência e racionalidade para apropriação das classes privilegiadas diante de grandes segmentos desassistidos, desfiliaados.

Conseqüentemente a esses avanços tecnológicos, nos dias atuais é possível observar que a tecnologia digital está presente em todas as áreas e setores possíveis, para a população que tem acesso² a esta ferramenta ela se faz presente em grande parte do tempo e na maioria das

² A falta de acesso é uma problemática, sendo esse um fator de desigualdade, que segundo o estudo do Instituto Locomotiva e da consultoria PwC (sem data, sem página): “Há diferenças marcantes no acesso à internet entre

funções que realizam, no entanto, muitas vezes prepondera um uso alienado³ produzido pelo capitalismo - comandado pela classe burguesa - que usufrui desses mecanismos tecnológicos digitais para manipular e coagir a classe trabalhadora e na exploração destes ampliar seus lucros.

O discurso vendido pelo sistema capitalista de agilizar, facilitar a vida dos cidadãos por meio da tecnologia digital, é alienante, pois cada vez mais temos que nos adaptar a essa nova era em que tudo acontece mais depressa, por conta do tempo que se tornou algo cobiçado e primordial para o capitalismo, que se apropriou dele “e o transformou em mercadoria e lucro” (LUSZ, 2015, p. 1). Nesse caso, as tecnologias digitais tornam-se cada vez mais espaços de controle e conformação docente e dialeticamente cada vez mais seus usos precisam ser disputados a partir de um projeto contra hegemônico.

Nesta condição nos tornamos mais atarefados, considerando o pouco tempo para realizar tantas ações distintas, sendo que para isso estamos recebendo o mínimo para sobreviver (sem qualidade de vida). Logo, o trabalho da classe trabalhadora se constitui como uma tarefa alienada. É esta mesma classe que corre constantemente atrás do tempo, que de certa forma já não lhe pertence mais, pois hoje em dia, somente quem é privilegiado pelo capitalismo que desfruta desta regalia (LUSZ, 2015).

O capitalismo, a indústria cultural e a tecnologia digital são três temáticas envoltas por inúmeras problemáticas e críticas que se tornam plano de fundo deste estudo. O consumo, por exemplo, é uma das frequentes queixas que instiga e influencia o ato excessivo da compra e da aquisição de bens. Porém, o que muitas vezes passa despercebido é que os produtos da indústria cultural proporcionam e acabam propagando questões para além do consumo material, visto que projetam estilos de vidas, influenciam comportamentos e personalidades, empregam valores, difundem jeitos de ser e se portar nesta sociedade e acabam interferindo diretamente no conhecimento, não apenas na geração de jovens e crianças, mas de todos os públicos.

os extremos das classes de renda (100% na classe A, em comparação com 64% na DE). Em termos educacionais, o índice de conexão é maior entre estudantes de escolas privadas, o que acentuou o déficit de ensino durante a crise sanitária”. 71% da população com mais de 16 anos não consegue usar a internet todos os dias. Grupo é formado principalmente por pessoas negras, que estão nas classes C, D e E, e que são menos escolarizadas. Para saber mais acesse: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/03/21/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet-diz-pesquisa.ghtml> Acesso em: 03/Jun/2023.

³ Entre as definições encontradas no dicionário sobre as palavras alienação e alienar podemos destacar: o ato de alienar; cessão de bens; loucura; ceder; tornar alheio; transferir; alucinar (BUENO, 1990). O termo alienação compreendido enquanto conceito marxista vai ao encontro destas definições, onde Barros (2011, p. 229) complementa que para Marx “a alienação produzida no mundo do trabalho era o ventre materno de todas as alienações – a raiz do “estranhamento” que lançava no sofrimento e na inconsciência o homem comum do mundo moderno.

A tecnologia digital funciona como ferramenta que dissemina os interesses capitalistas, e através dela somos incessantemente bombardeados por dados e informações que acabam incorporando (direta ou indiretamente) a cultura consumista e participam da nossa plena formação (ética, cultural, emocional, política, social...). Sendo que por meio desta tecnologia o conhecimento vem muitas vezes de forma descontextualizada e segregada, contribuindo para uma educação que se expande para além do ambiente formal escolar, e que devemos nos atentar para exercer um olhar crítico dos produtos e informações que nos alcançam. Segundo Harvey (1982) aponta, as tecnologias são construídas para atender os interesses do estado, desta forma elas já nascem para ser consumidas, afinal a base do desenvolvimento capitalista está centrada na ampliação do consumo.

Como nenhuma área foge dos olhos dessa façanha, com a dança não é diferente, eis então que surge a dança da atualidade, bem como no ilustra esse trecho de Nascimento (2023, p. 2), onde podemos notar a influência que o aplicativo TikTok tem e como ele se insere abundantemente na escola:

[...] percebemos que corpos-crianças faziam coreografias dentro e fora da sala de aula; utilizavam camisas, máscaras e objetos com a marca TikTok; conversávamos paralelamente com corpos-crianças sobre vídeos, montagens e outras produções presentes no aplicativo; corpos-crianças cotidianamente nos interrogavam se tínhamos algum perfil no TikTok para poder segui-las;

Nesta plataforma geralmente a dança não é contextualizada enquanto linguagem artística, histórica e/ou cultural, pelo contrário ela acaba perdendo a sua essência devido a mera repetição de passos da moda, apresentando uma cultura massificada correspondente a essa plataforma, gerando forte influência e doutrinação de movimentos, por meio da padronização e robotização dos gestos e expressões, engessando e causando o seu empobrecimento.

Além da dança ser utilizada muitas vezes para disseminar e promover produtos, empresas, pessoas e ideias, persuadindo “[...] desde a música pop a questões políticas” (STOKEL-WALKER, 2022, p.2). Nesta lógica a dança é desvalorizada e se transforma em mercadoria para consumo, se configurando, portanto, enquanto produto da indústria cultural.

Lecionando o conteúdo de dança no ano de 2021, em uma escola municipal de Florianópolis para os quintos e sextos anos, foi possível identificar a influência desse aplicativo, que surgiu de forma tão enfática que se tornou uma problemática nas aulas e também fora dela, sendo capaz de influenciar amplos setores da sociedade, em especial crianças, jovens e adolescentes. No decorrer das primeiras aulas foi possível notar uma padronização dos gestos e movimentações. Mesmo diferenciando as propostas pedagógicas em ambas as turmas, eles

manifestavam-se de forma idêntica, havia nessas experiências, algo repetitivo que apontava um padrão, uma mecanicidade que é ocasionada pela cultura TikTok. Ainda neste ano de 2023, a solicitação dessa abordagem dentro das aulas vem se tornando ainda mais assídua.

O app criou duas configurações importantes que geram uma valorização dessas danças repetidas, conhecidas como: *trends* e os *challenges*, que traduzindo seriam as tendências e os desafios do momento que circulam no mundo⁴. São modelos prontos de dança de até sessenta segundos com movimentos bem limitados, que se repetem em várias danças e que são copiados por estarem na moda. Essa proposta estagnada de movimento, de alcance global, proporciona uma doutrina aos corpos, uma homogeneização cultural na sociedade que segundo Freire, Ferriz e Ferriz (2009) é intencional e interesseira.

Prontamente nas práticas inspiradas no app TikTok, é diluído o contexto do que realmente é dançar, pois na proporção e generalização que esses movimentos atingem, perdem sua essência e acabam se tornando apenas o ato de “mexer o corpo”. Logo, o empobrecimento se dá por múltiplos fatores, como por exemplo, não saber a origem dos passos; por desconsiderar sua cultura, significado e/ou estilo de dança pertencente; por não permitir uma expressão do corpo “natural”; bem como não possibilitar o conhecimento corporal e de desenvolvimento na dança; ofertar a vulgarização dos movimentos; por proporcionar a dança enquanto mercadoria e entre outras problemáticas que acabam descaracterizando-a completamente de seu contexto sócio-histórico.

Automaticamente acaba corrompendo a importância da dança, visto que liquidam o seu conhecimento, o seu significado e a riqueza da descoberta e criação. É perante esse (des)contexto que a dança vem sendo ofertada neste aplicativo e frequentemente se instaurando dentro do ambiente escolar, sendo reproduzida sem um olhar crítico a essa manifestação artística e cultural.

Consequentemente, ao considerar os novos fatores tecnológicos digitais, seus interesses e a sua atual influência perante a sociedade, é preciso evitar que a difusão e a reprodução de ideias disseminadas pela mídia de forma alienada se propaguem e se fixem dentro das escolas. O que torna fundamental a contextualização dessas ferramentas utilizadas neste ensino e ambiente, evitando deste modo a perda de significados e o empobrecimento do conhecimento não somente para a dança, mas para qualquer outro conteúdo.

Consideramos que a problemática do ensino da dança na escola deve ser contextualizada de forma crítica, tendo em mente a importância e as contribuições dela para os indivíduos, para

⁴ Exceto em países que proibiram o uso do aplicativo, como veremos posteriormente.

que deste modo não se perca o seu significado enquanto manifestação artística, histórica e cultural, como vem ocorrendo no TikTok. E é devido a este motivo que esta plataforma não deve ser uma ferramenta utilizada sem contexto, discussão e criticidade, dentro da escola.

Nesse sentido, é fundamental que o professor na escola desenvolva a dança, por meio do acesso aos conhecimentos produzidos pela humanidade, através de um ensino que possibilite superar o senso comum, e que busque auxílio no processo de mediação escolar a partir de uma perspectiva emancipatória. Principalmente por meio da PHC que é uma pedagogia que adota o método materialista histórico e se posiciona a favor da classe trabalhadora - justamente porque as classes fazem parte da materialidade - e luta pela emancipação das camadas menosprezadas pelo capital (trabalhadores, mulheres, índios, negros, comunidades LGBTQIA+), para que superem o sistema capitalista e mudem o contexto imposto a eles. Para isso é necessário ter o conhecimento da história e das lutas de classe (ORSO, 2018).

Podemos dizer que este estudo está assentado nas pesquisas desenvolvidas pelo projeto em rede Observatório da Formação no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina. Em especial o Dossiê sobre a precarização do trabalho do professor coordenado por Fonseca da Silva e Fernandes (2022).

A partir dos fundamentos filosóficos e metodológicos da PHC abordamos e analisamos esta nova configuração de dança ofertada pela cultura TikTok, promovendo um olhar crítico sobre os interesses e propostas deste “novo olhar” através da tecnologia digital - cujo tema está em ascensão e tem constante influência sobre os estudantes e que se configura nesta plataforma como produto da indústria cultural - apontando e evidenciando suas contradições. Analisando por fim, como sua metodologia e seus fundamentos podem contribuir com o ensino da dança crítico e transformador no ambiente escolar.

Neste estudo, partimos da PHC para problematizar a realidade, justamente porque seu fundamento é uma concepção histórico-dialética e reconhece que o indivíduo, assim como a dança e a evolução dos movimentos humanos, são elementos significativos e que fazem parte da história da humanidade. E que considera a formação humana a partir dos aspectos sócio-históricos que possuem vínculos com a PHC ao materialismo histórico-dialético.

O procedimento técnico de coleta de dados utilizado para este estudo foi a pesquisa bibliográfica, que partiu da análise da produção bibliográfica produzida em revistas acadêmicas brasileiras entre os anos de 2020 a 2023. Buscou-se o Método Dialético como método de análise dos artigos para em seguida sistematizar contribuições da PHC para o ensino de dança. Ressaltamos que neste processo de ensino, a PHC e o Método do materialismo histórico-dialético, seguem a mesma lógica filosófica (MARTINS, 2006).

A fim de responder nossa pergunta de pesquisa de como a produção científica da área se posiciona acerca da cultura TikTok a partir de uma análise da PHC – de modo a analisar como ela pode contribuir com o ensino crítico e transformador da dança na escola, desconstruindo as ideias disseminadas pela indústria cultural - é que tecemos os objetivos específicos: que sistematizaram os fundamentos gerais da PHC; identificaram como a dança vem sendo exposta pelo aplicativo TikTok e como isso afeta o seu ensino na escola; e proporcionamos posicionamentos críticos para o ensino da dança na escola através desta Pedagogia.

Para atender os objetivos colocados acima, este estudo desenvolveu três capítulos que de forma coesa contribuíram para a discussão dessas questões e problemáticas levantadas inicialmente. No primeiro capítulo, apresentamos a problemática deste trabalho e sistematizamos a pedagogia que foi o fio condutor desta pesquisa, cuja base marxista defende e propõe um ensino crítico e transformador, através da compreensão da realidade que o mundo apresenta, indo para além do mundo aparente, buscando sua essência (KOSIK, 1984).

Partindo da realidade, inicialmente no primeiro capítulo, apresentamos a problemática do trabalho e a trajetória histórica de Dermeval Saviani o idealizador da PHC, para compreendermos um pouco da sua história, seus processos e objetivos que o levaram a tal criação, e a partir disto sistematizamos as teorias educacionais e pedagógicas, afunilando e destacando os fundamentos gerais desta pedagogia revolucionária.

No segundo capítulo iniciamos diferenciando os termos da cultura popular e da indústria cultural, para em seguida apresentar e contextualizar a plataforma digital TikTok (sua origem, seus objetivos e sua caracterização), enquanto produto desta industrialização. Abordando os diferentes aspectos da cultura TikTok e como ela vem acontecendo dentro do contexto escolar, como ela expõe a dança neste meio, e como isso afeta o seu ensino enquanto manifestação artística e cultural. Influência esta que vem conquistando cada vez mais espaço no ambiente escolar, e gerando um novo olhar ao “dançar”.

Por fim, no terceiro capítulo realizamos a discussão do levantamento de dados obtidos na pesquisa a partir dos descritores: ensino, escola, dança, TikTok, cultura TikTok e tecnologia, cujos artigos científicos foram publicados entre os anos de 2020 a 2023 em periódicos nacionais. Nele desenvolvemos análises por meio do olhar crítico da PHC, propondo contribuições e evidenciando formas que possam apresentar princípios que contribuam para a desconstrução das ideias disseminadas por essa cultura TikTok e que colabore com o desenvolvimento de uma prática transformadora para o ensino desta prática corporal, artística e cultural na escola. E que assim permita ao estudante a formação como “[...] um ponto de

partida para a espiral dialética de ampliação do conjunto dos saberes necessários à emancipação crítica, criativa, transformadora e autônoma de nossos educandos em relação à dança” (ÁVILA, 2009, p.1). Dialogando também sob a visão crítica da PHC sobre esse recorte temporal da pesquisa, ao qual nesses quatro anos englobou o ensino remoto emergencial no ensino da dança neste período pandêmico.

Considerando o contexto apontado acima, igualmente o papel do estado na sociedade capitalista e as políticas públicas engendradas para formatar o projeto educacional capitalista, a escola pública é um espaço estratégico de disputa de projetos de formação humana. Assim, o ensino da dança na escola se tornou ainda mais fundamental na atualidade, ponderando que essa prática está sendo oferecida como mercadoria e frequentemente consumida de forma desqualificada e alienada.

E é por esse motivo que esta pesquisa se torna relevante, pois apresenta uma contribuição, a partir de um conjunto sistemático de princípios para o campo das Artes, das Ciências Humanas e da Educação. E que por meio dessa oportunidade de ingresso no mestrado na área da educação, pôde-se estudar e desenvolver esta pesquisa sobre a temática atual, que vem se destacando no dia-a-dia e que muitas vezes passa despercebida.

Logo, a crítica deste trabalho é sobre a abordagem alienante deste app dentro do ambiente escolar, é igualmente sobre a substituição do real significado da dança para algo robotizado que vem se enraizando por meio da tecnologia digital que reduz a dança apenas a movimentos mecanizados, limitando-a em mera repetição de passos e gestos viralizados/copiados. Além da forma que essas ferramentas são utilizadas para influenciar, caçar-like, viralizar através dessa manifestação artística. Ou seja, a problemática é a industrialização da dança. Nesse sentido, a perspectiva criadora da dança fundamentada na prática pedagógica proposta pela PHC, busca a formação humana emancipadora.

2. SISTEMATIZANDO OS FUNDAMENTOS GERAIS DA PHC

Este capítulo tem como objetivo apresentar os fundamentos da Pedagogia Histórico-crítica (PHC), identificando os principais conceitos que propiciaram a leitura dos dados elencados pelo levantamento das produções bibliográficas dos periódicos nacionais, produzidos entre 2020 a 2023 a partir dos descritores: Ensino, Escola, Dança, TikTok, cultura TikToker e Tecnologia. Assim, o resultado da análise será descrito no capítulo três.

Para tal discussão, neste capítulo iremos contextualizar a trajetória de vida de Dermeval Saviani, o idealizador e criador da PHC, de modo a conhecer melhor seus princípios, seus estudos e os objetivos que o levaram a construir esta pedagogia revolucionária. Posteriormente iremos desenvolver e apresentar através de uma linha histórica outras teorias da educação, que até certo aspecto tiveram influência para a criação desta pedagogia, bem como a sua ressignificação para o ensino e para uma educação emancipadora. E por fim, sistematizar os principais conceitos desta pedagogia brasileira considerando sua origem e história de mais de cinquenta anos.

Iniciamos este capítulo apresentando o problema que assola o ensino da dança na escola, considerando que nos dias atuais a dança enfrenta o forte domínio da indústria cultural, que se torna ferramenta do sistema capitalista na medida em que potencializa a mecanicidade das propostas corporais. O domínio alienante dos padrões comerciais, empobrece a dança como manifestação artística capaz de produzir a humanidade em cada sujeito, sendo que a veiculação de produtos pobres de conteúdo artístico e cultural, acaba desconstruindo o seu verdadeiro significado.

Neste projeto há uma desqualificação do processo ensino-aprendizagem, pois, o ensino das múltiplas vivências e experiências corporais e pessoais, além da contextualização sobre sua história, bem como a sua importância social é substituído pelo ato de reproduzir dancinhas sem qualquer tipo de ensinamentos ou contextualização, apenas doutrinam os corpos, atendendo uma lógica do mercado de esvaziamento do projeto educacional de formação estética da classe trabalhadora.

É uma fábrica de movimentos sem contexto, que impede uma apropriação mais elaborada desta manifestação (ÁVILA, 2009). E essa robotização da dança acaba tendo alcance mundial, que aos poucos vai se perdendo a história/movimento de uma cultura própria, dando vez a um padrão de movimento universal. Onde é oferecido e propagado frequentemente moldes que determinam uma mimetização do movimento, causando o empobrecimento da dança. Entretanto, essa manifestação artística tem um significado maior do que apenas o ato de

mexer o corpo. E é na escola que ela deve ser abordada e contextualizada de forma crítica, para então contribuir com a transformação dessa realidade.

Considerando a problemática apresentada, escolhemos a abordagem do materialismo histórico-dialético e por consequência a PHC, por compreender a necessidade de aprofundar uma análise crítica e propositora para alimentar a utopia de uma escola transformadora. Nesse caso, a PHC que trabalha com a visão de aprendizagem da psicologia histórico cultural de Vigotski, defende um ensino crítico e transformador acerca da realidade que o mundo apresenta, se tornando instrumento para essa educação que se objetiva, contribuindo com a desmistificação da alienação e prezando pelo rompimento de uma sociedade capitalista (LAVOURA, GALVÃO, 2021). É preciso evidenciar que a escola necessária na perspectiva da PHC, precisa de um outro modelo de sociedade, ao mesmo tempo em uma perspectiva dialética, sendo que essa construção precisa iniciar na sociedade atual.

A definição de alienação vinda de Marx reforça a ideia de tornar alguém alheio a algo ou a alguém, podendo ser uma “alienação humana nas suas diversas formas (inclusive no trabalho, mas também na religião, na política, nas próprias relações ecológicas do homem com a natureza)” (BARROS, 2011, p. 229).

Segundo Barros (2011) na concepção de Marx o ser humano estava em um ciclo em que ele transformava o mundo através de seu trabalho e de sua práxis e neste mesmo contínuo movimento transformava-se a si mesmo. A partir do desenvolvimento do capitalismo, a existência das divisões de classe e a perda da visão total do processo produtivo, contribuiu para um processo de alienação que historicamente produziu um processo de desumanização das relações sociais.

Para Marx o âmbito da alienação era tudo “que fragmentava o ser humano, que o apartava do mundo, de si mesmo, das coisas que ele criara; tudo aquilo que o separava da consciência que deveria ter, que o transformava quase em um autômato ou em um “animal desnaturalizado” (BARROS, 2011, p. 236). Neste contexto o ser humano se aliena do processo produtivo e só pode contar com a sua força de trabalho, vivendo assim um processo de exploração.

Logo, a PHC filia-se a um projeto de educação e de sociedade que visa superar a alienação proporcionada por esse sistema capitalista, portanto quem adota esta Pedagogia defende uma concepção humanizadora de mundo e de ser humano, por isso não pode entendê-la de forma diferente, como apenas sequência de etapas para ensinar conteúdos escolares. Até mesmo porque a partir de uma compreensão de sociedade se almeja formar indivíduos numa determinada direção (ORSO, MALANCHEN, 2016), ou seja, uma direção emancipatória.

Concluindo... esta pesquisa não pretende exibir uma receita ou um manual de como utilizar a PHC no ensino da dança na escola, inclusive porque segundo Orso (2018, p. 78-79) seguir esse propósito seria o mesmo que negá-la em seu caráter dialético e seu método materialista-histórico. Pois “A realidade é dialética e está sujeita a constantes transformações, depreende-se que, como parte integrante da sociedade, a educação também está submetida a um eterno movimento, a um infinito vir a ser, não é estática, nem harmônica ou monolítica”. Diferentemente disso, o que será proposto neste estudo é a compreensão desta pedagogia e como seus conceitos podem contribuir com o ensino da dança na escola.

2.1 BIOGRAFIA DE DERMEVAL SAVIANI

A teoria marxista e a PHC defendem que é necessário voltar à história para entender o processo e compreender a realidade que se põe hoje em dia. É essencial conhecer o passado, para assim compreender a origem, ou seja, as condições de produção e poder se apropriar do mundo e do conhecimento em sua totalidade.

Professor, filósofo e pedagogo brasileiro, Dermeval Saviani nasceu em pleno natal de dezembro de 1943, embora “a data seja oficialmente registrada como três de fevereiro de 1944” (FREITAS, MAIA, OLIVEIRA, COLAÇO, 2018, p. 20). Saviani nasceu em uma fazenda em Santo Antônio da Posse localizada no interior de São Paulo, oriundo de família humilde pertencente a classe trabalhadora - assim como a maior parte da sociedade - Saviani tinha sete irmãos, sendo que seus avós eram imigrantes italianos e seus pais eram trabalhadores brasileiros (MARSIGLIA, CURY, 2017). Essa trajetória apresenta uma unidade de classe do autor e a classe trabalhadora.

Nascido em uma época já marcada pelo capitalismo, Saviani acompanhou desde sempre a trajetória de trabalho de seus familiares, onde após cinco anos do seu nascimento, a família muda-se para a capital paulista, e então seu pai e a maioria de seus irmãos se tornaram operários nas fábricas da cidade. Saviani sabia a importância do conhecimento e do papel da escola para a mudança social, no qual desde a adolescência revelou-se um aluno aplicado e os estudos sempre estiveram presentes em sua vida, pois embora seus pais fossem alfabetizados “jamais frequentaram os bancos escolares” (MARSIGLIA, CURY, 2017, p. 498). A história de Saviani se parece com a história de muitos membros da classe trabalhadora que frequentam as escolas públicas todos os dias.

Em 1955 Saviani inicia o curso de admissão ginásial em São Paulo, e ainda nesse mesmo ano muda-se para Cuiabá, onde veio a cursar o ginásio no Seminário Nossa Senhora da

Conceição (1956 a 1959), deixando de conviver com seus familiares aos onze anos de idade. Em 1962 ingressou no Seminário Maior, em Aparecida do Norte (SP), onde iniciou os estudos filosóficos. Um ano depois ele decide transferir seu curso para a capital paulista, ingressando na PUC-SP em 1964, formando-se dois anos após esse ingresso. Mesmo antes de concluir o curso, em seu quarto ano de Filosofia já era monitor no curso de Pedagogia, o que o fez assumir oficialmente a cadeira de Filosofia da Educação para este mesmo curso após formado. No mesmo ano começou a trabalhar em um órgão da Secretaria de Educação de São Paulo (MARSIGLIA, CURY, 2017).

Considerando o período de sua vida acadêmica, Saviani vivenciou “[...] profundas mudanças na sociedade, causadas pelo Golpe Militar em 1964” (FREITAS, MAIA, OLIVEIRA, COLAÇO, 2018, p. 21). Enquanto pertencente a uma família da classe trabalhadora, Dermeval Saviani seguiu a luta de classe nesses tensos anos da década de sessenta, na faculdade participava das assembleias e passeatas estudantis enquanto seu pai e seus irmãos participaram das greves nas fábricas e nas ruas (MARSIGLIA, CURY, 2017).

Segundo afirmam os autores, Marsiglia e Cury (2017), Saviani teve que manter por um tempo a jornada dupla entre o trabalho e os estudos. Em 1965 trabalhava de bancário no Banco Bandeirantes do Comércio, cuja remuneração era de um salário mínimo. Com esta verba ajudava em casa, e conseguia manter os custos do estudo e também do transporte, porém enfrentou bastante dificuldade para a alimentação já que não lhe sobrava quase nada, sendo esta mais uma realidade ainda muito vivida nos dias atuais pelos filhos (as) da classe trabalhadora. Logo buscando melhores condições de vida, Saviani prestou concurso para o Banco do Estado de São Paulo.

A partir de 1967 Saviani passou a dar aulas no Ensino Médio, ministrando a disciplina de Filosofia em escolas públicas e privadas, foi desde 1968 que Saviani teve condições de abandonar o emprego de bancário pois estava conseguindo aumentar o número de aulas, mantendo-se somente com o trabalho de professor (MARSIGLIA, CURY, 2017).

Em 1969 Saviani começa a estudar o problema da dialética na educação, já que no Brasil esta discussão ainda não tinha sido abordada de forma explícita e sistemática, posteriormente se debruçou sobre o assunto, dedicando muito estudo e formação acerca deste conhecimento. Na década de setenta lecionou na Universidade Federal de São Carlos, mesma instituição que em 1976 ajudou a implantar o Mestrado em Educação, em convênio com a Fundação Carlos Chagas (MARSIGLIA, CURY, 2017).

Após um ano da sua defesa de doutorado que foi no ano de 1971, ele também começou a trabalhar na pós-graduação onde “[...] deixou/deixa a marca de um docente responsável, cujas

aulas seus alunos se recordam pela clareza, crítica e diálogo” (MARSIGLIA, CURY, 2017, p. 500). Sua tese foi publicada em livro em 1973, com o título de Educação Brasileira: estrutura e sistema. Deste ano até 1979 começou a trabalhar como incentivador e professor do doutorado em educação na universidade em que se formara, na PUC-SP, onde começou a ser discutido a concepção histórico-crítica de forma mais ampla, coletiva e clara (MARSIGLIA, CURY, 2017).

Nesta conjuntura iniciam as atividades da primeira turma de doutorado, marco importante no qual começa-se a assumir a forma sistematizada da PHC, sendo o problema central de estudo desse grupo a superação do crítico-reprodutivismo, conseguindo por volta de 1983 uma certa hegemonia na discussão pedagógica. Em 1979 Saviani ajudou a criar a Associação Nacional de Educação (ANDE), e também foi o fundador da ANPED⁵ e do CEDES⁶. Saviani concluiu sua Livre Docência na área de Ciências humanas: História da Educação na Faculdade de Educação, seis anos após seu ingresso na Unicamp em 1980, e permanece como professor colaborador até os dias atuais (MARSIGLIA, CURY, 2017).

Em 1984 Saviani se casa com Maria Aparecida Dellinghausen Motta, e quatro anos mais tarde nasce seu filho Benjamim, inclusive no mesmo ano em que participou da elaboração de um anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e também coordenou o programa de pós-graduação da UNICAMP. Em 1995 realizou Estágio Sênior (pós-doutorado) nas universidades italianas de Pádua, Bolonha, Ferrara e Florença (MARSIGLIA, CURY, 2017).

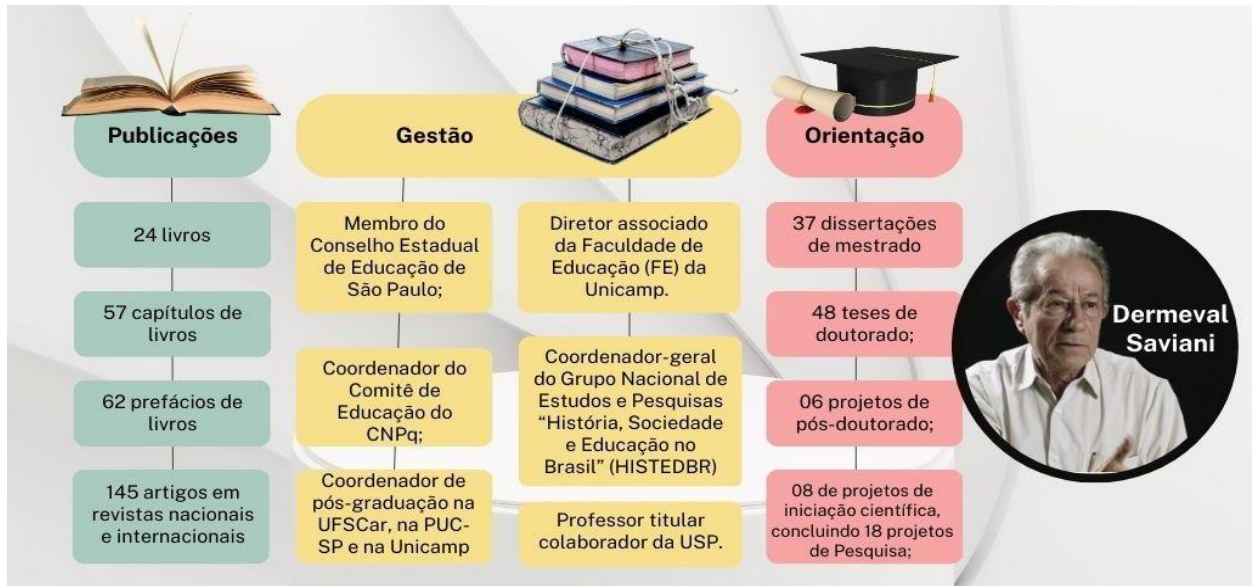
Assim sendo, Saviani apresenta uma vasta carreira acadêmica e profissional, com inúmeras premiações⁷, menções de honra e contribuições à educação, sendo que este é apenas um pequeno recorte histórico considerando sua trajetória cinquentenária. Segundo Freitas, Maia, Oliveira e Colaço (2018), Saviani já tinha os seguintes feitos até este ano de 2018:

Figura 1: Feitos de Saviani até o ano de 2018.

⁵ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

⁶ Centro de Estudos de Direito Econômico e Social.

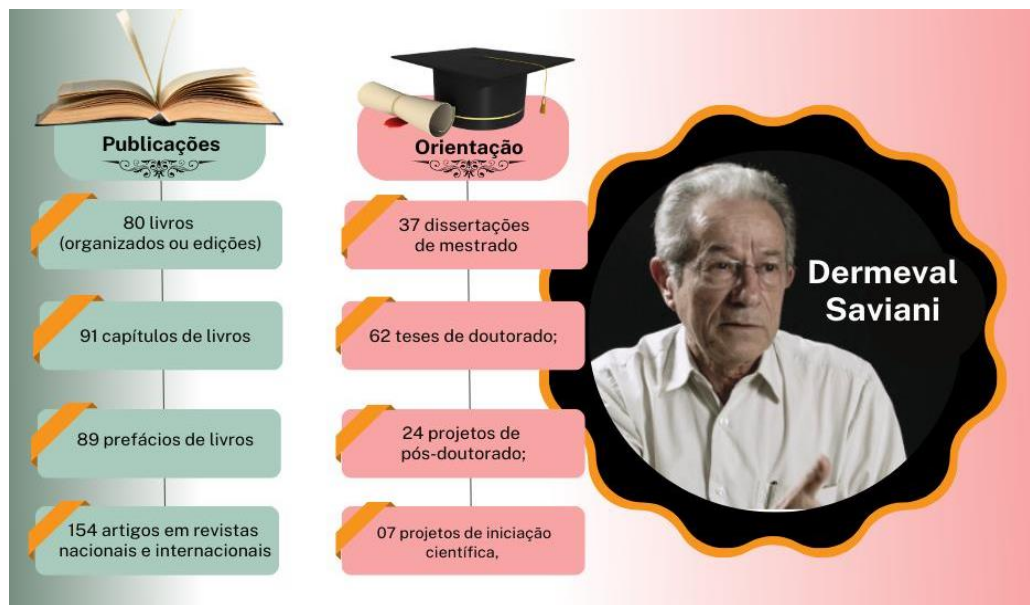
⁷ Em 2014, Saviani recebeu outro prêmio Jabuti: 2º lugar com o livro “Aberturas para História da Educação” (2013). Em 2015, ficou entre os dez melhores livros da sua categoria com a obra “O lunar de Sepé” (2014) e, em 2016, foi novamente agraciado com o 2º lugar, com o livro “História do tempo e tempo da história” (2015) (MARSIGLIA, CURY, 2017, p. 502). Segundo o Currículo Lattes de Saviani, (acessado em maio de 2023) entre os anos de 1978 a 2020 o autor já recebeu mais de vinte e cinco prêmios e titulações.



Fonte: Freitas, Maia, Oliveira e Colaço (2018) – Figura produzida pela pesquisadora (2023).

Considerando que esse levantamento foi realizado até 2018, atualmente Dermeval Saviani já ultrapassou essa margem de trabalhos e produções. A última data de atualização de seu Currículo Lattes consta como vinte e seis de março de 2023, não havendo ainda, obras deste ano atual. Portanto até o ano de 2022, essas foram as informações levantadas:

Figura 2: Feitos de Saviani até o ano de 2022



Fonte: Currículo Lattes de Dermeval Saviani⁸ - Figura produzida pela pesquisadora (2023).

⁸ Disponível em:

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=CA88556A909AD5AB065057077B1934EA.buscatextual0>> Acesso 17/jun/2023.

Dermeval Saviani criou a PHC, aliada à sua vida e ensinamentos que vivera, portanto não se trata de algo desconectado e distante da realidade, logo não é algo idealizado ou fictício, mas sim fundamentado através de sua concepção e experiência no mundo e de muitos anos de pesquisa e embasamento teórico. Assim como afirmam os autores Marsiglia e Cury (2017, p. 500):

Saviani não produziu/produz seus escritos, que balizam os fundamentos da pedagogia histórico-crítica, de forma descontextualizada nem de sua própria vida nem da sociedade que se propôs a pensar (a brasileira), pois considerou seu modo de produção (capitalista), o tempo histórico no qual se encontra (séculos XX e XXI) e o conjunto da produção acadêmica já elaborado antes dele.

Empenhado em contribuir com o conhecimento e educação, Saviani dedicou (e ainda vem dedicando) anos da sua vida aos estudos e formação. Foi a partir dessa dedicação que se originou a PHC, uma pedagogia revolucionária que pode contribuir com o ensino de excelência por meio de disciplinas e de qualquer conteúdo na escola, pois a compreensão da prática social passa por uma transformação e acaba proporcionando a emancipação do estudante da classe trabalhadora.

Contribuindo desta forma com a educação de forma séria e de excelência, e mais do que isso, ela se torna um meio que contribui e possibilita esta classe assumir o seu lugar e os seus direitos no mundo, para que deixe de ser explorada e se aproprie das riquezas que foram construídas por si mesmo, pelos seus familiares e antepassados, e que estão em usufruto da classe burguesa.

Em vista disso, considerando que logo mais iremos nos debruçar sobre a proposta de Saviani para a educação, se faz necessário compreender algumas das demais teorias e pedagogias existentes, como forma de conhecer a trajetória histórica da educação que incorpora a sociedade durante séculos. Até mesmo para entender o porquê Saviani decidiu criar a PHC, e sobre qual propósito se baseou para determinar que seu ensino não seria mais reprodutivo, mas sim revolucionário.

2.2 CONTEXTUALIZANDO AS TEORIAS E PEDAGOGIAS EDUCACIONAIS

Demerval Saviani produziu dois livros que apresentaram as bases da PHC, o primeiro deles, *Escola e Democracia* apresentou o debate acerca das teorias pedagógicas buscando evidenciar as bases de uma pedagogia histórico-crítica. Já o seu segundo livro, intitulado de

Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações, o autor dedicou-se a sistematizar as bases teórico-metodológicas da PHC. Iniciamos este tópico buscando contextualizar a organização das teorias pedagógicas propostas pelo autor. Partimos do conceito de pedagogia.

O conceito de pedagogia se reporta a uma teoria que se estrutura a partir e em função da prática educativa, buscando orientar o processo de ensino e aprendizagem. Há, porém, teorias que analisam a educação pelo aspecto de sua relação com a sociedade, não tendo como objetivo formular diretrizes que orientem a atividade educativa. São, sem dúvida, teorias da educação. Mas não são teorias pedagógicas (SAVIANI, 2008, p.12).

Essa diferenciação é importante para entendermos a função de uma pedagogia, já que iremos nos aprofundar em uma. Logo, toda teoria pedagógica é considerada teoria da educação, porém o inverso não é. Dentro deste grupo de teorias educacionais podemos encontrar duas possíveis ramificações: as teorias pedagógicas hegemônicas e as contra-hegemônicas (SAVIANI, 2008).

Como veremos a seguir, nelas a marginalização surge como uma problemática que é vista de diferentes formas por conta das concepções de mundo e de educação, que foram surgindo conforme as alterações na história da humanidade. Concepções estas, envoltas por um determinado cenário político e econômico, delimitando deste modo um contexto social que demanda da estrutura escolar como meio de apropriação de conhecimentos específicos.

Portanto, é notório a distinção do processo de ensino em cada uma delas, demarcando a função específica aos alunos, aos professores e aos objetivos de aprendizagem. Diante disso, cada uma delas apresenta a sua contribuição com a formação do sujeito, bem como estabelece seus papéis sociais e seus direitos e deveres. Eis que surge a importância de compreender as teorias educacionais e pedagógicas, assim como seus objetivos para identificar que sociedade é esta que fazemos parte, e para qual caminho estamos educando.

2.1.1 Teorias hegemônicas ou Teorias não críticas

Esta primeira vertente diz respeito à conservação do modelo da sociedade vigente, ou seja, em prol da classe burguesa. Logo se denominam de teorias hegemônicas, pois defendem esta classe em ascensão, e não possibilitam meios para superar este sistema. É por esse motivo que Saviani também as denominou de teorias não-críticas no livro *Escola e democracia*, que foi lançado nos idos dos anos de 1983 (MARSIGLIA, CURY, 2017).

Seguindo a ordem cronológica de organização da análise das teorias não críticas, propostas por Saviani (1999), destaca-se três grandes manifestações, chamadas de: pedagogia

tradicional, pedagogia nova e pedagogia tecnicista. Nessas três pedagogias a educação é encarada enquanto autônoma, sendo compreendida a partir dela mesma, visto que ambas se consideram capazes de corrigir injustiças e oferecer uma transformação a partir da escola. Portanto, a escola acaba sendo compreendida através de seu conceito e significado isolado, sendo apartada de qualquer outra conexão e interferência nesta ação de educar, ignorando os aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e entre outros.

Sob uma perspectiva geral da problemática da marginalidade essas teorias veem ela como um desvio, algo imprevisto e acidental que afeta de forma individual alguns membros da sociedade, o que evidencia seu caráter liberal, sendo possível na perspectiva dessas teorias corrigir essas distorções por meio da escola. Claro que apesar dessas concordâncias postas inicialmente, essas teorias divergem entre si enquanto a métodos, propostas e objetivos para proporcionar a educação, ou seja, de forma específica cada uma dessas teorias educacionais, irá propor a sua vertente como forma de transformar-se em instrumento de superação da marginalidade e equidade social (SAVIANI, 1999).

Entretanto se partirmos dessa perspectiva posta por tais teorias, veremos que elas não identificam um elemento essencial que rege o processo e a trajetória de transformação/evolução humana e social: o processo histórico, e por isso defendem (sem embasamento) que há harmonia entre os grupos que compõe o coletivo. O que é nítido que não ocorre e nunca ocorreu na prática, assim como demonstram Marx e Engels (1998, p. 4 apud Orso, 2018, p. 80):

A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária, da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta.

Portanto, essas teorias não-críticas acabam concebendo a marginalidade como algo desconectado do mundo real, sendo este visto de forma inverídica e superficial. A realidade é que atualmente a sociedade capitalista em que vivemos se dispõe em grupos, e nós compomos essas divisões de classes. Essa divisão não é formada de modo opcional, pois para cada uma delas são determinados deveres diferenciados e direitos específicos, distinções estas que permeiam inclusive o ensino aos quais ao longo do tempo foram criados e adaptados objetivos e estratégias para servir a uma classe específica, e que esta acabou se apropriando do conhecimento sistematizado.

A classe burguesa é considerada impulsionadora desse sistema atual capitalista, que promove a hegemonia de seus interesses para mantê-la no poder, tornando-se assim representante e defensora do capitalismo, inserindo no sistema educacional seus interesses financeiros, políticos, culturais e históricos que interferem diretamente ou indiretamente na constituição dos sujeitos.

É por este motivo que o capitalismo atua como base em uma educação pautada em princípios próprios e burgueses, afinal o ato de educar tem propósitos bem definidos, pois todo indivíduo se constitui enquanto sujeito social por meio da educação, podendo ela ocorrer fora, mas principalmente dentro do ambiente escolar. E é por isso que ao mesmo tempo que a educação se torna ferramenta alienante, ela também é ferramenta de luta e mudança social (GOMES, CAETANO, 2022).

Netto (2011, p. 46, grifo do autor), aborda o capitalismo dizendo que esta é uma das teorias mais bem elaboradas, sendo “a mais *complexa* de todas as organizações da produção até hoje conhecida”. Sendo que este sistema capitalista é difundido massivamente por meio de ferramentas tecnológicas digitais e midiáticas que auxiliam na sua perpetuação enquanto sistema econômico, político, social e agora também educacional. E é devido a esta questão que atualmente essas ferramentas estão tão presentes nas escolas, se tornando até mesmo parte da estrutura escolar, como por exemplo ocorre nas escolas do futuro que oferta robótica e empreendedorismo aos estudantes que muitas vezes nem alfabetizados estão. Isso se trata de objetivos, prioridades e interesses envolvidos.

Portanto com base no contexto histórico, desde os primórdios a humanidade já passou por muitas constituições do que é viver socialmente, assumindo nestes últimos séculos, diferentes papéis sociais que lhes foram empregados. Durante a Idade Média, por exemplo, existia uma concepção filosófica essencialista para a sociedade ser constituída naquele tempo enquanto modelo feudal. Por meio desta concepção, fundamentava-se que a essência humana justificava as diferenças por ser articulada com a criação divina. Era defendido que ao serem criados por Deus os seres humanos já nasciam com destinos pré-definidos, logo a diferença entre servos e senhores e a apropriação da riqueza entre cleros e a nobreza era algo marcado por uma concepção naturalista (SAVIANI, 2012).

Segundo Saviani (2012), na época em que a burguesia era pertencente a classe revolucionária ela participou da luta de classes existente para que houvesse uma quebra nesta significação e constituição feudal. Contestando, portanto, a filosofia da essência e a sua justificativa por meio do divino, sendo que na verdade a divisão de clero e nobreza foi uma dominação não natural, mas sim social, acidental e histórica. Ou seja, a elite do atual mundo

moderno, já pertenceu a uma classe subordinada ao sistema, e lutou pela transformação para que a sociedade passasse a ser igualitária. Foi inclusive, sobre esta mesma definição que ela tomou o poder e desvirtuou o sentido do que é ser igual.

Em meados do século XIX, quando a burguesia assume o poder ela estrutura “os sistemas nacionais de ensino, e vai advogar a escolarização para todos” (SAVIANI, 2012, p. 40). Essa escolarização convertia os servos em cidadãos para poderem participar do processo político e desta maneira se consolidar como ordem democrática. Logo a escola (até aqui defendida pela burguesia) passou a se configurar como “redentora da humanidade, universal, gratuita e obrigatória” (SAVIANI, 1999, p. 54). Discurso este que se mantém até os dias atuais, mas que na prática não é bem assim.

Inclusive, não durou muito tempo para ocorrer a ruptura desta nova configuração de sociedade, considerando que com a participação política das massas, os interesses de ambas as classes sociais entraram em contradições, e então a classe burguesa - conhecida hoje em dia como elite – voltou a defender o antigo regime a qual ela mesma lutou pela mudança, considerando que os interesses já “não caminham mais em direção à transformação da sociedade, pelo contrário, os interesses dela coincidem com a perpetuação da sociedade” (SAVIANI, 2012, p. 40). Isto significa que apesar de se passarem muitos séculos desde o período feudal, ainda vivemos em um modelo parecido, definido e dividido em classes, bem como afirma Marx (1982, p. 25 apud Netto, 2011, p. 49-50):

[...] seria, pois, impraticável e errôneo colocar as categorias econômicas na ordem segundo a qual tiveram historicamente uma ação determinante. [...] Não se trata da relação que as relações econômicas assumem historicamente na sucessão das diferentes formas de sociedade. [...] Trata-se da sua hierarquia no interior da moderna sociedade burguesa.

Esta hierarquia ainda existe e é possível percebê-la nas propostas de educação de hoje em dia, como veremos logo mais. Conclui-se, portanto, que a escola era (e ainda é) democrática em tese, devido a burguesia defender interesses próprios, cujo objetivo é consolidar a ordem vigente. Por esse motivo, ela se torna contra o desenvolvimento histórico, pois para se manter no poder é preciso negar e até mesmo apagar a história de pertencimento enquanto representante de luta que um dia fez parte.

Veremos portanto, que mesmo a pedagogia tradicional se fundamentando nesta concepção filosófica essencialista, foi a teoria da educação que proporcionou uma grande modificação do antigo regime em que se vivia na época, pois defendia o ensino sistematizado

dos conhecimentos (SAVIANI, 1999). E é por esse mesmo motivo que se tornou alvo da classe vigente que irá propor teorias que desvirtuam esse propósito.

Adentrando a análise do ensino tradicional, nos deparamos inicialmente com a questão da marginalização, que como dito anteriormente é uma problemática concebida de modo distinto pelas teorias não críticas. Aqui os marginalizados são apontados como pessoas não esclarecidas, são indivíduos sem conhecimento. Logo o ensino e a escola se constituem enquanto instrumento de educação para estes indivíduos, ao qual o seu objetivo é fazer com que as pessoas deixem de ser ignorantes, para poderem ser mais esclarecidas enquanto cidadãos, constituindo-se como participantes ativos da sociedade (SAVIANI, 1999).

O papel do professor na escola tem como função difundir a instrução, sistematizar os conhecimentos acumulados pela humanidade, e transmitir aos estudantes através de uma gradação lógica ao acervo cultural dos alunos, que por sua vez estes irão assimilar os conhecimentos transmitidos (SAVIANI, 1999). Seguindo uma hierarquia posta nesta pedagogia, é visto que o papel do docente é central, pois é o professor que detém o conhecimento. Ressaltamos aqui um dos conceitos básicos da PHC: o papel do professor como par mais desenvolvido e capaz de organizar o processo pedagógico.

Conforme o tempo, foram surgindo inúmeras críticas e ataques a pedagogia tradicional, algumas delas abordavam que nem todos podiam ingressar na escola, e os que ingressavam nem sempre saíam bem sucedidos, e por vezes os bem sucedidos nem sempre se ajustavam no determinado tipo de sociedade (SAVIANI, 1999). Diante das críticas que se formaram ao longo dos anos, e que aos poucos foram se difundindo de modo perspicaz, a burguesia - já consolidada como classe dominante no poder - manifesta uma nova forma de ver a educação.

Denominada como escola nova ou também conhecida pelo termo escolanovismo, essa teoria centra sua concepção na vida e na atividade, ao contrário do modelo tradicional que se centra no intelecto, no conhecimento. Por proclamar-se científica, sua metodologia surge como um processo de pesquisa já que defende que a revolução industrial transformou a sociedade, e por esse motivo é necessário elevar “a educação à altura do século” (SAVIANI, 2012, p. 43). Em discordância, Saviani (2012) explica que na verdade este é um dos pontos fracos do método novo, denominado por ele como “caráter pseudocientífico”, pois “seus métodos novos” defendem a prioridade da pesquisa ao invés do ensino, e é justamente por esse motivo que um acabava inviabilizando o outro, ou seja, ao mesmo tempo que o ensino se torna empobrecido, corrompe igualmente a pesquisa.

Além do que esse posicionamento enquanto “teoria da ciência”, está atrelado a algumas críticas que os escolanovistas referenciavam, dizendo que a metodologia da escola tradicional

era um método pré-científico ou anticientífico, dogmático e medieval (SAVIANI, 2012). Porém, com base na vertente histórica é possível identificar que esta argumentação é falsa, e que o ensino tradicional não apresenta um ensino ultrapassado, estático e anterior a mudança revolucionária ocorrida, pois o mesmo surgiu após a Revolução Industrial. Ou seja, as críticas ao método não são compatíveis com a sua trajetória histórica real.

Outros aspectos que podem ser considerados no debate acerca dos métodos tradicionais ou novo, é que é possível concluir que a escola nova copiou a lógica da escola tradicional para embasar sua teoria, modificando e adaptando apenas as nomenclaturas e encurtando/empobrecendo os processos pedagógicos, além de inverter os papéis e funções no ensino (SAVIANI, 2012). Inicialmente para se desvincular do método anterior, a escola nova fundamentou-se em uma concepção filosófica que privilegia a existência sobre a essência, e propõe um tratamento e concepção diferenciada do ensino tradicional (SAVIANI, 2012).

A educação na escola nova também é vista como um fator de equalização social, porém se constitui em “[...] um instrumento de correção da marginalidade na medida em que cumprir a função de ajustar, de adaptar os indivíduos à sociedade, inculcando neles o sentimento de aceitação dos demais e pelos demais” (SAVIANI, 1999, p. 20). Logo, nesta teoria, a concepção existencialista defendida é que os marginalizados são os "anormais", desta forma destacam (e reforçam) a existência das diferenças individuais, pois defendem que cada ser humano é um ser único.

Esse reforço incessante das diferenças ocorre por ser o objetivo da teoria nova, em que é necessário, que os sujeitos se acostumem a não ser e a não quererem ser “essencialmente iguais”, mas sim diferentes, sendo necessário respeitar as diferenças entre aqueles que têm menos ou mais capacidades. Ou seja, podemos observar que houve uma adaptação no discurso para descrever e justificar as diferenças sociais e de classes; no modo de produção feudal, o sistema era determinado através do divino, sendo Deus o responsável por separar a riqueza ao criar as pessoas pobres e ricas, agora aqui sob um olhar da existência sobre esta questão, a aceitação dessa “divisão de bens”, se justifica pelas pessoas serem diferentes umas das outras.

Saviani (2012) afirma que a proclamação democrática é um elemento muito presente na escola nova, pois deixa de existir a busca pela igualdade, justificando a ação pela democracia, inclusive procedimentos democráticos estes que são introduzidos corriqueiramente nas escolas. O autor ainda afirma que essa democracia só traz benefícios à própria classe burguesa, o que acaba determinando e legitimando ainda mais as diferenças, a sujeição e privilégios de valores, de renda e direitos (SAVIANI, 2012). Em concordância com essa questão apontada, Netto (2011, p. 49) afirma com base na teoria marxista que:

[...] se a economia burguesa fornece a chave da economia da Antiguidade, isto não significa a inexistência de diferenças históricas - as categorias não são eternas, são historicamente determinadas e esta determinação se verifica na articulação específica que têm nas distintas formas de organização da produção.

Portanto, o movimento da Escola Nova surgiu como forma de recompor a hegemonia burguesa, e fez as camadas populares acreditarem que a classe dominante era a principal preocupada com a reforma na escola, assim ela conseguiu dois feitos em um, ou seja, atender seus próprios interesses e de toda a sociedade (SAVIANI, 2012). Consequentemente seus interesses foram ao encontro dos interesses do novo, pois ambos estavam interessados na transformação, ou seja, a população teve o acesso à escola, porém com uma educação pautada na alienação. E por consequência, nesta nova forma de educação, há mudanças relacionadas ao papel dos estudantes, dos professores e dos objetivos de aprendizagem.

Na pedagogia nova, o ensinar se configura de forma bem diferenciada, no qual o papel principal não é mais centrado no docente, agora sua função é apenas ser o estimulador e o orientador da aprendizagem, e não mais o detentor do conhecimento. Sendo que cabe ao aluno a iniciativa principal de escolha segundo áreas de interesses decorrentes de sua atividade livre, logo a escola deve agrupar os alunos por essas afinidades (SAVIANI, 1999). A persistência dessa concepção nas teorias educacionais atuais, sedimentadas por meio das políticas públicas, produzem uma subcategoria de profissionais, facilitadores, tutores, mediadores, entre outras nomenclaturas que flexibilizam a formação docente e por consequência a remuneração.

A flexibilização da função da escola como espaço de aprendizagem é visível na inversão de valores e de hierarquia. Na escola nova o estudante se torna o foco, determinando o estudo por meio de suas escolhas e o professor deve-o seguir nesta limitação de pesquisa. Em resumo o ensino se transforma em algo espontâneo, sendo difícil até mesmo imaginar as infinitas possibilidades de escolhas que fugiriam da área e especialidades dos docentes, considerando igualmente que se torna precoce a escolha de uma área afim, pois os estudantes apresentam saberes prévios, mas que estes estão longe de ser um saber específico e formal para saber e delimitar quais conteúdos não tenham significado para si, sendo que é por meio de outros conhecimentos/conteúdos que vão sendo inseridos e apresentados de forma gradativa, que eles criam gostos e preferências diferenciadas. Ponderando que esta escolha é difícil até mesmo para os estudantes considerados maduros à trajetória escolar.

Considerando não ser possível detectar o não conhecido, seriam estes, assuntos problemáticos e desconhecidos tanto pelos alunos como pelos professores, pois além de que não se pode ter uma definição de conhecimento acerca das próprias experiências, é necessário

o saber em termos da sociedade dialogando desta forma com a cultura acumulada historicamente. Portanto, se considerarmos que professores e alunos estariam em pesquisa, até se concretizar algo levaria muito tempo, seria um ensino lento, afinal pesquisas demoram. Já no ensino Tradicional é possível utilizar os conhecimentos obtidos pela ciência, algo já compreendido e sistematizado ao acervo cultural da Humanidade.

Saviani (2012) afirma que a metodologia escolanovista apresenta uma maneira de diluir os conteúdos de aprendizagem das camadas populares, sendo esta teoria limitante, pois a sociedade não vive um recorte de interesse como proposto pela escola nova, pelo contrário é preciso enfrentar uma ampla e indissociável conexão com diversas áreas do conhecimento, em que todos os conteúdos são necessários enquanto complemento da formação do estudante para a vida, sendo que os dominadores servem-se e usufruem desses tais conhecimentos para legitimar e consolidar a sua dominação. Ou seja, essa teoria prepara o indivíduo para um mundo fictício e irreal, cria-o para ser limitado de conhecimento para assim ser mão de obra barata e explorada.

Considerando que a apropriação dos conteúdos significativos e relevantes à aprendizagem é a única forma de lutar contra a farsa do ensino escolanovista, lutar pelos seus interesses e direitos, justamente por que é através desses conteúdos que é possível obter o domínio da cultura, que se constituem enquanto instrumento indispensável para a participação política de massas, e por esse motivo se tornam importantes e fundamentais (SAVIANI, 2012). Isto posto são visíveis as lacunas que surgem nas modificações e reestruturações da primeira teoria para a segunda, no qual Saviani (1999, p. 20-21) diz que:

Compreende-se então que essa maneira de entender a educação, por referência à pedagogia tradicional tenha deslocado o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não-diretividade; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia. Em suma, trata-se de uma teoria pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender.

Ou seja, é um ciclo infinito de aprendizagens pobres, individualizadas e soltas, no qual a rica sistematização é deixada de lado gerando muitas consequências negativas, como “[...] o afrouxamento da disciplina e a despreocupação com a transmissão de conhecimentos”, empobrecendo desta forma o ensino destinado às camadas populares, que utilizam

constantemente a escola como meio de ter acesso à conhecimentos mais elaborados (SAVIANI, 1999, p. 22). Ainda sobre esta questão o autor aborda:

Vê-se, pois, que paradoxalmente, em lugar de resolver o problema da marginalidade, a "Escola Nova" o agravou. Com efeito, ao enfatizar a "qualidade do ensino" ela deslocou o eixo de preocupação do âmbito político (relativo à sociedade em seu conjunto) para o âmbito técnico-pedagógico (relativo ao interior da escola), cumprindo ao mesmo tempo uma dupla função: manter a expansão da escola em limites suportáveis pelos interesses dominantes e desenvolver um tipo de ensino adequado a esses interesses (SAVIANI, 1999, p. 22).

Hoje em dia o modelo Tradicional enfrenta muita resistência e preconceito por influência da escola nova, que vem propagando muitas críticas e ataques às problemáticas desta teoria de ensino. Desconsiderando completamente seus próprios deslizos e privações que são graves, porque acabam excluindo e marginalizando ainda mais os indivíduos na educação. E por esse motivo, já no final da primeira metade do século atual, a escola nova apresentava preocupações e as expectativas estavam frustradas, já que não apresentava esperanças e meios para resolver a marginalidade (SAVIANI, 1999).

No contexto da industrialização, a proposta da pedagogia tecnicista se diferencia em termos da escolanovistas, mas visa os mesmos objetivos: o empobrecimento do ensino e manter a classe atual no poder. Seu pressuposto apresenta neutralidade científica, seguindo três princípios: o de racionalidade, o de eficiência e o da produtividade. Por meio de um processo educativo, objetivo e operacional, podemos dizer que esta teoria transforma o ensino do: “penso, logo, existo” do filósofo Descartes para o “não penso, logo reproduzo”.

Nesta proposta o maquinário é considerado absoluto para realizar o trabalho proposto de forma eficaz, sendo necessário apenas acompanhamento básico, até mesmo porque “interferências subjetivas” podem pôr a perder tal eficiência e produtividade (SAVIANI, 1999). Portanto a nova função dos estudantes e docentes não corresponde ao pensar, refletir, construir e/ou criticar é preciso somente executar, nesta proposta fica evidenciado o saber fazer. É o equipamento quem dita as regras, as funções, a velocidade de produção... os indivíduos apenas se submetem e se constituem enquanto objeto do próprio maquinário, transformando-se em sujeitos não pensantes, vulneráveis, dispensáveis e substituíveis.

Consequentemente a problemática desta teoria é que desde cedo a escola se torna um lugar onde o sujeito não reconhece o esforço e a valorização do seu trabalho, e assim não se vê naquilo que produz e opera. Portanto na pedagogia tecnicista a marginalidade é vista da seguinte forma:

Marginalizado será o incompetente (no sentido técnico da palavra), isto é, o ineficiente e improdutivo. A educação estará contribuindo para superar o problema da marginalidade na medida em que formar indivíduos eficientes, portanto, capazes de darem sua parcela de contribuição para o aumento da produtividade da sociedade. Assim, estará ela cumprindo sua função de equalização social (SAVIANI, 1999, p. 25).

Ou seja, ao contrário da pedagogia tradicional, a problemática da marginalidade não é tratada enquanto ignorância ou falta de conhecimento, muito menos se assemelha a pedagogia nova que vê o problema da marginalidade a partir do sentimento de rejeição. Diferentemente disto, aqui o indivíduo é definido como incompetente, ao qual a escola se transforma em um subsistema que visa aperfeiçoar os estudantes, para que suas incompetências não comprometam a estabilidade de um sistema perfeito (SAVIANI, 1999).

Como podemos observar, a padronização é um elemento pertencente e essencial a este sistema de ensino, e desta forma os planejamentos também são previamente formulados se ajustando às diferentes disciplinas e práticas pedagógicas. Por ser algo padrão e com tamanha eficiência, defende que o planejamento feito desta forma possibilita desviar possíveis práticas errôneas do professor (SAVIANI, 1999). Sendo o docente colocado enquanto errante e culpado pelo processo de ensino-aprendizagem.

Podemos averiguar nas vertentes pedagógicas aqui apresentadas, que no papel do professor e dos estudantes aplicam-se uma variedade de objetivos para com a educação, bem como aqui resume Saviani (1999, p. 24):

Se na pedagogia tradicional a iniciativa cabia ao professor que era, ao mesmo tempo, o sujeito do processo, o elemento decisivo e decisório; se na pedagogia nova a iniciativa desloca-se para o aluno, situando-se o nervo da ação educativa na relação professor-aluno, portanto, relação interpessoal, intersubjetiva - na pedagogia tecnicista, o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando professor e aluno posição secundária, relegados que são à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais.

É importante destacar que apesar da pedagogia nova também dar destaque aos meios tecnológicos, é um processo feito de forma diferenciada, onde os professores e os alunos ainda podem decidir quando e como o farão ou até mesmo se irão utilizá-los. Já na pedagogia tecnicista o processo é definido e imutável, eles devem seguir o que é estipulado, respeitando quando e como fazer.

Podemos concluir que na pedagogia tecnicista, a especificidade da educação se perde de vista, e o ensino se transforma em um sistema fabril, um processo produtivo que acaba

definindo desde então o papel e a função dos sujeitos na sociedade. Já os preparando futuramente para servir de mão de obra barata e substituível para as empresas, já que durante todo o ensino não foi ensinado a pensar, a se impor criticamente, a conhecer os conteúdos sistematizados, bem como seus direitos e deveres e menos ainda à lutar por eles. Afinal o que se propõe é o “aprender a fazer” (SAVIANI, 1999, p. 26). Portanto faz sentido ao sistema fragmentar o conhecimento, para depois encaixar os indivíduos na fragmentação do trabalho.

Assim sendo, podemos afirmar que essas três teorias não apresentam uma evolução em sua definição, mas sim uma substituição drástica de métodos e propostas, bem como afirma Saviani (1999, p. 25-26) “Do ponto de vista pedagógico conclui-se, pois, que, se para a pedagogia tradicional a questão central é aprender e para a pedagogia nova aprender a aprender, para a pedagogia tecnicista o que importa é aprender a fazer”. Isto posto, não se trata especificamente de um aperfeiçoamento da educação, mas a sua descaracterização e o seu declínio tendo como base os objetivos destas teorias que são vinculadas a interesses privados e hegemônicos. Cujas mudanças não são acidentais, mas sim previstas, calculadas e disputadas devido a educação ser um marco central e obrigatório na vida de todos os indivíduos, contribuindo com sua formação e acarretando no seu futuro e em seu desenvolvimento enquanto sujeito social.

Portanto, segundo Saviani (2012, p. 63) não podemos nos abster em pedagogias consideradas “ingênuas e não críticas”, em que a perspectiva historizadora está ausente e lhes faltam à consciência dos condicionantes histórico-sociais da educação. É necessário transformação e emancipação para nossos estudantes, nossos futuros agentes sociais e culturais.

O que nos leva a considerar a “teoria da curvatura da vara” que foi enunciada por Lênin ao ser criticado por assumir posições extremistas e radicais, onde ele defendia que “quando a vara está torta, ela fica curvada de um lado e se você quiser endireitá-la, não basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto” (ALTHUSSER, 1997, p. 136-138 apud SAVIANI, 2012, p. 37). É sob este viés que surge, portanto, a teoria crítica e revolucionária que possibilita tal envergadura, abandonando o sistema capitalista e todos seus interesses privados.

2.1.2 Teorias contra-hegemônicas - Teorias críticas e críticas reprodutivistas

Ao contrário das teorias anteriores, as teorias contra-hegemônicas compreendem a educação por meio de seus condicionantes, os determinantes sociais e a estrutura socioeconômica que condiciona a forma de manifestação do fenômeno educativo (SAVIANI,

2008). Desta forma elas são a favor da classe trabalhadora, ou seja, em prol a classe social que constitui a maior parcela da população.

As correntes contra-hegemônicas compreendem as divisões de grupos e classes sociais dispostas na sociedade, considerando que suas relações são antagônicas devido às condições de produção da vida material, onde a classe dominante se apropria dos resultados da produção social, e automaticamente já induz a condição de marginalizados aos demais, sendo a marginalização um fenômeno inerente à própria estrutura da sociedade (SAVIANI, 1999).

Segundo Saviani (1999; 2008) as teorias contra-hegemônicas se dividem em dois grupos distintos: as críticas-reprodutivistas e as críticas. Ambas são contra a hegemonia dominante e igualmente criticam o sistema, a diferença é que o primeiro grupo por mais que queira a mudança ela não acontece, pois a mesma não acredita que a escola tenha possibilidade de transformar a sociedade, ou seja, a escola acaba reproduzindo o modelo capitalista. Logo:

São críticas, uma vez que postulam não ser possível compreender a educação senão a partir dos seus condicionantes sociais [...]. Entretanto, como na análise que desenvolvem, chegam invariavelmente à conclusão de que a função própria da educação consiste na reprodução da sociedade em que ela se insere” (SAVIANI, 1999, p. 27).

Portanto, a função da educação nesta teoria é de reprodução, sejam das desigualdades sociais, culturais ou sociais, onde “[...] a educação, longe de ser um fator de superação da marginalidade, constitui um elemento reforçador da mesma” (SAVIANI, 1999, p. 32).

Analisando a marginalidade em relação às teorias não-críticas que apresentam ingenuidade e ilusão ao tentar resolver o problema da marginalidade através da escola, sendo almejado anos após anos, porém sempre sem êxito. As teorias crítico-reprodutivistas resumem-se ao fracasso e impotência sendo que “[...] aquilo que se julga ser uma disfunção é, antes, a função própria da escola” (SAVIANI, 1999, p. 40). Desta forma a PHC enquanto teoria crítica surge como possibilidade de captar “[...] criticamente a escola como um instrumento capaz de contribuir para a superação do problema da marginalidade [...] colocando nas mãos dos educadores uma arma de luta capaz de permitir-lhes o exercício de um poder real, ainda que limitado” (SAVIANI, 1999, p. 41). Todavia, a PHC é considerada crítica justamente por saber que é condicionada e se constitui enquanto elemento secundário e determinado. Com isso, defende que a educação não é determinante principal das transformações sociais, e que a educação não é determinada unicamente pela estrutura social, bem como pensa a teoria crítico-reprodutivista. Entretanto, a educação se relaciona dialeticamente com a sociedade (SAVIANI,

2012). O autor ressalta o que seria uma pedagogia revolucionária, e apresenta sua característica que se distingue das teorias atuais apresentadas.

Uma pedagogia revolucionária centra-se, pois, na igualdade essencial entre os homens. Entende porém, a igualdade em termos reais e não apenas formais. Busca, pois, converter-se, articulando-se com as forças emergentes da sociedade, em instrumento a serviço da instauração de uma sociedade igualitária. Para isso a pedagogia revolucionária, longe de secundarizar os conhecimentos descuidando de sua transmissão, considera a difusão de conteúdos, vivos e atualizados, uma das tarefas primordiais do processo educativo em geral e da escola em particular. (SAVIANI, 1999, p. 75)

Logo, a PHC defende que a educação tem interferência sobre a sociedade, e que para haver mudança é necessário conhecer a realidade para poder transformá-la, assim como defende Saviani em uma entrevista ao canal Leituras Brasileiras (2017), onde diz que para conhecê-la nós devemos observá-la em sua totalidade por meio de vários ângulos, áreas e pontos de vistas que conversam entre si. Sendo este um dos pontos mais importantes dentro de uma concepção baseada no materialismo sócio-histórico, pois tendo o conhecimento da realidade por meio de vários ângulos, pode-se finalmente conhecer o mundo que se está inserido.

Dermeval Saviani é o principal idealizador dessa teoria/pedagogia educacional que surgiu em 1979 (SCHMITT, 2016). Saviani levou em torno de uma década para desenvolver e fundamentar a proposta da PHC, e ela foi criada porque o autor buscava uma teoria crítica que fizesse frente às teorias não críticas existentes. Segundo Orso (2018) inicialmente o autor iria nomeá-la como Pedagogia Revolucionária, devido a sua concepção a favor de uma educação transformadora, considerando que as demais teorias não possibilitam tal objetivo.

Porém, considerando a conjuntura da ditadura militar e a repressão posta na época, Saviani achou melhor não nomeá-la desta forma naquele momento, então a denominou por um tempo de Pedagogia dialética, considerando sua relação entre educação e sociedade. Contudo, por ser um conceito bem utilizado em outras áreas do conhecimento e podendo gerar outras interpretações e possíveis confusões, a denominou em 1984 de Pedagogia Histórico-Crítica (ORSO, 2016).

Caracterizando-se como uma pedagogia de esquerda cuja base é marxista, a PHC se fundamenta nesta teoria criada por Marx, desenvolvendo e ancorando seus princípios na questão social dentro do materialismo histórico e dialético, para conseqüentemente ser revolucionária e transformadora no âmbito da educação. O materialismo histórico é um método de análise da realidade proposto por Marx para analisar o capitalismo, o marxismo estuda as

relações entre o trabalho e a produção de bens nas sociedades, onde as mudanças sociais são impulsionadas por motivos econômicos (NETTO, 2011).

Considerando que “[...] a sobrevivência dos homens não é algo dado pela natureza e nem garantida por questões hereditárias. Isso porque é por meio do trabalho que os homens produzem sua existência e se constituem como indivíduos” (GOMES, CAETANO, 2022, p. 9). Por isso que o fundamento da PHC é uma concepção histórica considerando que o indivíduo também é um ser histórico.

Considerar os processos formativos do indivíduo com base no materialismo histórico-dialético pressupõe analisar a relação entre o seu desenvolvimento e o movimento histórico da sociedade, superando dicotomias entre o individual e o coletivo, entre o biológico e o social, ou seja, entre a natureza dada e a natureza adquirida histórico-culturalmente. Trabalhar esses aspectos da realidade humana 'enquanto unidade e luta de contrários significa compreender o desenvolvimento psíquico com base na totalidade indivíduo/realidade social, reconhecendo como elemento mediador dessa relação a inserção ativa do sujeito no mundo (MARTINS, ABRANTES, FACCI, 2016, p.2).

Por esta razão que devemos analisar a história a partir do desenvolvimento material produzido historicamente, pois, é através da historicidade da humanidade que podemos entender que o trabalho é o princípio educativo e que a condição de sobrevivência do ser humano não é algo dado pela natureza e muito menos presente de forma hereditária, mas por interesse e poder. Desta maneira a sociedade, acaba se dividindo entre tensões e interesses de duas distintas classes sociais: a burguesa e a do proletariado. A classe burguesa é uma parcela mínima da população, e são eles que detém os meios e bens de produção, como máquinas e capital para transformar a matéria-prima (SAVIANI, 2013).

Todavia, a classe trabalhadora por não possuir os bens de produção, e como forma de ganhar seu sustento deve vender sua mão de obra e sua força de trabalho para os burgueses, bem como futuramente a força de trabalho de seus filhos, considerando que todos são coagidos por esse sistema, se sujeitando a este ciclo exploratório que é desenvolvido no capitalismo. Aos quais os interesses e status da burguesia são contemplados e conservados através do poder. Sobre esta questão, assim afirma Marx (1847, p. 245 apud NETTO, 2011, p. 32-33):

O que é a sociedade, qualquer que seja a sua forma? O produto da ação recíproca dos homens. Os homens podem escolher, livremente, esta ou aquela forma social? Nada disso. A um determinado estágio de desenvolvimento das faculdades produtivas dos homens corresponde a determinada forma de comércio e de consumo. A determinadas fases de desenvolvimento da produção, do comércio e do consumo correspondem determinadas formas de constituição social, determinada organização da família, das ordens ou das classes; numa palavra, uma determinada sociedade civil. A uma determinada sociedade civil corresponde um determinado estado político, que não é

mais que a expressão oficial da sociedade civil. [...] É supérfluo acrescentar que os homens não são livres para escolher as suas forças produtivas - base de toda a sua história, pois toda força produtiva é uma força adquirida, produto de uma atividade anterior. Portanto, as forças produtivas são o resultado da energia prática dos homens, mas essa mesma energia é circunscrita pelas condições em que os homens se acham colocados, pelas forças produtivas já adquiridas, pela forma social anterior, que não foi criada por eles e é produto da geração precedente. O simples fato de cada geração posterior deparar-se com forças produtivas adquiridas pela geração precedente [...] cria na história dos homens uma conexão, cria uma história da humanidade [...]. As suas [dos homens] relações materiais formam a base de todas as suas relações.

Logo a classe trabalhadora fica alienada a esta determinação, e isso acontece pela falta de conhecimento, podendo esta ser uma interferência e formação ocasionada pelo sistema educacional, onde o indivíduo agora enquanto trabalhador não se reconhecer no que produz, fazendo o produto surgir enquanto algo distinto do produtor. Em concordância a esta questão Bandeira (2011, p. 113) relata que “O homem “desumanizado”, “coisificado”, perde sua capacidade de produção, de ser “produtor”, sendo reduzido a mero consumidor. Nessas condições de apropriação, baseado no monopólio do trabalho, há uma apropriação do trabalho alheio”.

Seguindo a base marxista como referencial teórico, a PHC propõe como um dos seus princípios que a escola seja crítica e transformadora para que supere o ensino reprodutivista, justamente para romper com esta divisão de classes, no qual uma delas necessita lutar pela sobrevivência e a outra visa o acúmulo de riquezas. Este processo ocorre justamente porque “[...] no modo de produção capitalista, a produção da riqueza social implica, necessariamente, a reprodução contínua da pobreza (relativa e/ou absoluta)”, assim como afirma Netto (2011, p. 23) através da lei geral da acumulação capitalista denominada por Marx.

Isto posto, evidencia-se porque a educação e a escola sempre são alvos de diferentes governos e políticos, uma vez que escola sem verba, estudantes fora da escola (agravante na pandemia), professores sem acesso a uma boa formação inicial e continuada, estudante não tendo direito aos conteúdos sistematizados e não compreendendo a realidade, não tem acesso a uma consciência coletiva do mundo real. Assim, é quase que impossível que os filhos(as) dos trabalhadores reivindiquem seu lugar e direitos na sociedade, pois há limitação para transformar e lutar por algo sem usufruir de um conhecimento sistematizado.

Em concordância a esta questão, Bandeira (2011, p. 112) expõe as concepções teóricas de Álvaro Vieira Pinto, cujo pensamento “[...] ressalta que nos segmentos espoliados há uma espécie de “consciência ingênua”, um abismo, ocasionado diante das outras esferas de trabalho, assalariados ou não, gerando também a ilusão de participação da totalidade, do “mundo globalizado””.

Desta forma, no atual modelo de escola capitalista, os conhecimentos são ceifados cotidianamente por essa classe social dominante que detém o poder e tenta minar o campo do conhecimento do ensino público, utilizando para tal as políticas públicas como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Base Nacional de Formação (BNC-Formação)⁹ que colocam em funcionamento o modelo de educação pensada pela burguesia e seus aparatos para a classe trabalhadora. Bem como afirmam Gomes e Caetano (2022, p. 7):

Em uma breve síntese, as propostas pedagógicas oriundas dos organismos burgueses, identificam-se num ensino vinculado à construção de competências, de habilidades, de empreendedorismo e da preparação para o mercado. Desde a educação infantil ao superior, encontram-se políticas pautadas na lógica do treinamento dos indivíduos, a partir dos interesses imediatos dos homens de negócios. Não se trata, portanto, de emancipação, mas de sujeição do indivíduo.

Por outro lado, usufruem de uma ótima educação para a elite, enquanto usurpa e desvaloriza através de cortes nas verbas da educação, insere programas “educacionais (com finalidades fraudulentas e financeiras)¹⁰, promove ataques aos sindicatos e obstruções de leis educacionais, desvaloriza a carreira docente e entre outras questões envolvidas para se manter no controle.

Gomes e Caetano (2022, p. 10) ressaltam que mesmo no decorrer dos anos, a educação ainda se mantém organizada em uma mesma base, como forma de atender e dividir as funções específicas de cada classe social, sendo “[...] um modelo restrito aos homens proprietários, aos quais cabia o comando político da sociedade; uma educação destinada aos não proprietários e escravos, desenvolvida a partir das atividades laborais que sustentavam a si e a classe dominante”. A escola dualista é base para o modelo educacional da burguesia destinado aos trabalhadores, enquanto uma escola atende os interesses da burguesia, a escola da classe trabalhadora prepara-os para a resiliência e adaptação ao trabalho de forma submissa.

Esse padrão ainda é visível na sociedade atual, e como Saviani (1999, p. 42) afirma é necessário lutar “[...] contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares”, e para mudar esta realidade necessita o conhecimento acerca da história, sendo a escola um local oportuno para que essa educação transformadora aconteça, para que os

⁹ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao>>

¹⁰ Indicação para leitura sobre a temática: Tese de doutorado da Márcia Luzia dos Santos - FORMAÇÃO CONTINUADA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS: FINANCEIRIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E A (CON)FORMAÇÃO DOCENTE. Disponível em: <https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/296/M_rcia_Luzia_dos_Santos_15832511970857_296.pdf>

estudantes aprendam e compreendam que a história desde sempre vem determinando papéis e lugares aos indivíduos, ao qual o autor complementa:

Lutar contra a marginalidade por meio da escola significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais. O papel de uma teoria crítica da educação é dar substância concreta a essa bandeira de luta de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses dominantes (SAVIANI, 1999, p. 42).

Portanto é extremamente importante reconhecer que a escola nunca é meio termo, ela nunca é neutra, pois as disputas existem por conta do poder e interesses que estão em jogo, por esta razão ou ela é responsável por guiar os alunos em direção a resistência e luta pelos seus direitos, ou os guias para a reprodução da sociedade vigente, assim como afirma Gomes e Caetano (2022, p. 2):

A educação não é um fenômeno descolado da realidade histórica que a forjou. Trata-se de uma das instâncias da sociedade que contribui para reprodução da força de trabalho para as demandas do capital. Da mesma forma, contraditoriamente, também é um espaço que pode servir de resistência à ordem instituída, podendo desenvolver projetos com aspirações de emancipação dos homens.

Para fazer frente ao modelo de transformação social a escola precisa investir nas possibilidades de mudar esta situação através da consciência de classe, participando de organizações políticas, assumindo a consciência do seu valor e descobrindo sua força para combater a burguesia, deixando de ser explorados e adquirindo o conhecimento por meio da realidade. Portanto segundo Martins, Abrantes e Facci (2016) é na escola que o indivíduo deve desenvolver o conhecimento sobre as circunstâncias históricas e sociais que determinam até os dias de hoje as relações e a forma que integram o mundo. E os autores ainda reforçam a importância desta compreensão:

A consciência é uma condição alcançada pelo gênero humano que abre possibilidades para que o indivíduo produza imagens fidedignas da realidade e, tomando-as como base, produza coletivamente suas condições concretas de vida. Essa dimensão objetiva de interpretação do real, que antevê tendências do movimento do real, articula-se à atividade social, resultando em unidade dialética que caracteriza a práxis humana (MARTINS, ABRANTES, FACCI, 2016, p.3)

A conexão entre ser humano, sociedade e educação é posto nesta pedagogia educacional através dos fundamentos filosóficos, psicológicos e dos fundamentos didáticos. Ambos se complementam possibilitando a compreensão e participação dos indivíduos na sociedade de forma crítica (SANTOS, 2016). No qual Schmitt (2016) afirma que a PHC busca:

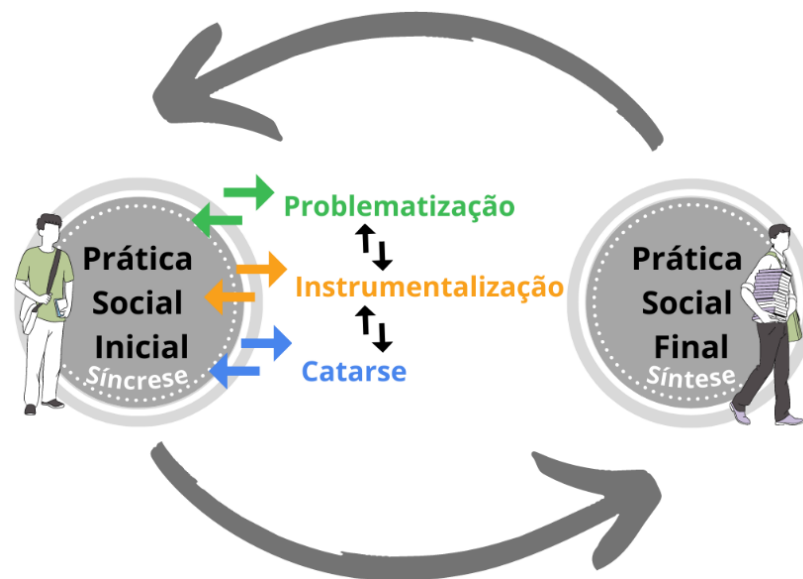
Organizar as atividades escolares nas escolas reais para atender as especificidades da classe trabalhadora. Neste sentido, é necessário organizar a prática docente, e direcionar as atividades, numa perspectiva clara de trabalho coletivo, em que cada um tenha plena clareza das tarefas realizadas (SCHMITT, 2016, p. 1).

Ou seja, esta pedagogia é fundamentada “Pressupondo a necessidade de formação da relação consciente do indivíduo com a realidade” (MARTINS, ABRANTES, FACCI, 2016, p.3). Para isso, ainda há muita demanda de estudo e trabalho a ser feito, pois conforme Orso (2018), há muitos estados e municípios que sequer ouviram falar da PHC, outros a compreendem de forma equivocada ou limitada o que acaba tendo encaminhamentos práticos divergentes do real objetivo dela. Isso porque as pessoas não entendem ou não levam em questão a materialidade histórica, sendo que não há receita, pois cada realidade é distinta e os seres formados são traçados por diferentes vertentes e experiências.

A PHC não oferece um modelo ou tutorial de como implanta-la na prática, só é possível contemplar esta teoria educacional por base do aprofundamento teórico, material e dialético de cada ambiente e experiência, bem como diz Lênin (1989, p. 284 apud Netto, 2011, p. 28, grifo do autor) “[...] Marx não deixou uma *Lógica*, deixou a lógica *d’O capital*”.

Esta lógica, igualmente, se aplica a cada instituição escolar, a cada turma, a cada realidade, porém muitos profissionais esperam que a PHC ofereça etapas reproduzíveis e generalizadas, um modelo pronto. Dito isto, é importante frisar que Saviani (2012) em sua obra *Escola e democracia*, propõe um ciclo cujas fases permeiam essa trajetória do conhecimento, entretanto se trata de uma base para sustentar e mediar a pesquisa, o planejamento e o ensino de cada docente de acordo com sua realidade vivida na individualidade de seu ambiente escolar, sendo necessário considerar neste planejamento a trajetória histórica e individual de cada escola e discente, logo são elementos que servem para orientar a prática docente, e não para reproduzir massivamente, veja a sua contextualização:

Figura 3 – Fases que permeiam a trajetória do conhecimento



Fonte: Livro Escola e democracia (2012) – Figura produzida pela pesquisadora (2022)

Segundo Saviani (2012), o aluno parte do momento de Síncrise, ou seja, da visão caótica que ele tem sobre determinado conteúdo, e vai rumo a Síntese que é a visão mais elaborada, a totalidade que se desenvolveu o ensino aprendido. Toda essa trajetória deve ser mediada pelo docente, “onde professor e aluno se encontram igualmente inseridos ocupando, porém, posições distintas, condição para que travem uma relação fecunda na compreensão e encaminhamento da solução dos problemas postos pela prática social” (Saviani, 2008, p. 25).

Nesta teoria pedagógica a compreensão da prática social (inicial e final) é considerada como ponto de partida e chegada, onde consecutivamente durante esse trajeto outras fases surgem, embora não seja possível sair da prática social, mas unicamente transformá-la. Como é o caso da problematização que identifica os principais problemas postos na etapa inicial que precisam ser resolvidos e que conhecimentos seriam necessários dominar para esta questão. A instrumentalização que se apropria dos instrumentos teóricos e práticos necessários para a compreensão e solução dos problemas detectados na prática social. Não são instrumentos entendidos enquanto sentido tecnicista, mas sim ferramentas culturais produzidas, preservadas e apropriadas socialmente e historicamente pelas camadas populares. São necessárias à luta social sendo que para sua apropriação dependem da transmissão direta ou indireta por parte do docente, sendo que ele pode transmiti-los diretamente como pode indicar outros meios para que ela ocorra. E a catarse que por mais que sejam instrumentos culturais ainda parcialmente adquiridos, o aluno consegue expressar a nova forma de entendimento da prática social que se ascendeu, viabilizando desta forma a incorporação destes elementos como integrantes da própria vida dos alunos. E por fim e também início do novo ciclo a própria prática social final-

inicial, no qual o aluno reduz a precariedade do conteúdo inicial e o transforma qualitativamente, neste sentido vai adquirindo uma bagagem cultural e social acerca do conhecimento que cada vez mais será aprofundado e irá fazer ligações com novos saberes e áreas (SAVIANI, 1999; 2008; 2012).

Sobre este processo de ensino o autor comenta:

A educação é entendida como o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Em outros termos, isso significa que a educação é entendida como mediação no seio da prática social global. A prática social se põe, portanto, como o ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa. (SAVIANI, 2008, p. 24-25).

Deve-se levar em consideração que são conteúdos que sempre serão lapidados pois segundo Marx-Engels (1963, p. 195 apud NETTO, 2011, p. 31) “não se pode conceber o mundo como um conjunto de coisas acabadas, mas como um conjunto de processos”. Prontamente sobre o conhecimento teórico, Netto (2011, p. 23, grifo do autor) afirma que “[...] a teoria tem uma instância de verificação de sua *verdade*, instância que é a *prática social e histórica*”.

Segundo Saviani (2012) é importante frisar que não se trata de etapas fragmentadas e/ou desmembradas, elas se complementam conforme a realidade posta, podem ser considerados como “momentos articulados” (SAVIANI, 1999, p. 84). Não há receita. Embora a PHC seja considerada uma Teoria Pedagógica jovem, já existem muitos anos de estudos e pesquisa para sua elaboração e definição de modo a compreendê-la, institucionalizá-la, “colocá-la em prática”¹¹ e torná-la hegemônica (ORSO, 2018).

Saviani (2012) afirma que devemos nos preocupar como os conteúdos podem ser efetivamente assimilados e desta forma fazer uma profunda reforma na escola, partindo do seu interior. Em resumo a vara está torta para o lado da pedagogia da existência e da escola nova. E o pensamento atual tende a ser que a pedagogia tradicional não presta é defeituosa e que as pedagogias novas portam todas as virtudes possíveis (SAVIANI, 2012). Contudo, Saviani (2012) diz que não devemos curvar à vara para a pedagogia tradicional, mas apontá-la para uma pedagogia revolucionária que possibilite o acesso e a valorização aos conteúdos sistematizados e críticos aos estudantes na educação escolar. Sendo que “[...] à educação cabe articular os conhecimentos científicos e filosóficos que devem ser apropriados pelos indivíduos, por meio

¹¹A PHC não permite ser engessada como uma receita, é necessário ter entendimento e domínio sobre seus pressupostos para não comprometer seu potencial revolucionário (ORSO, 2016).

do currículo, com a finalidade de possibilitar a compreensão das leis objetivas e a formação da consciência revolucionária do ser humano” (ORSO, MALANCHEN, 2016, p 52).

Esta pedagogia sendo proporcionada em diferentes áreas da educação se configura enquanto essencial para a transformação e emancipação dos estudantes.

Nesse sentido, eu posso ser profundamente político na minha ação pedagógica, mesmo sem falar diretamente de política, porque, mesmo veiculando a própria cultura burguesa, e instrumentalizando os elementos das camadas populares no sentido da assimilação desses conteúdos, eles ganham condições de fazer valer os seus interesses, e é nesse sentido, então, que politicamente se fortalecem (SAVIANI, 1999, p. 66).

Com esse esboço apresentado neste capítulo, nos evidencia as bases das teorias educacionais, destacando as grandes diferenças entre elas. Podemos também observar o pensamento acerca da pedagogia proposta por Saviani (2012), bem como as principais características didática da PHC, seus objetivos e sua forma de pensar a organização da aula. Cujas perspectivas da PHC é uma visão de aprendizagem focada na Psicologia Histórico-Cultural, sendo que sua proposição é possibilitar um ensino dialético.

3. TIKTOK – A IDENTIFICAÇÃO DE UM PRODUTO DA INDÚSTRIA CULTURAL

Espero que você preste atenção a esse aplicativo. Você pode achar que se trata apenas de dancinhas de adolescentes, mas quero que veja o aplicativo pelo que de fato é um impulsionador fundamental da sociedade e um presságio do futuro da tecnologia (STOKEL-WALKER, 2022, p. 271).

Este capítulo tem como objetivo problematizar o ensino da dança na escola, apresentando os principais aspectos relativos à influência do aplicativo TikTok na mecanização da expressão corporal na escola.

O mundo é composto por inúmeras manifestações de cultura, cada uma formada com seus próprios princípios de ética, política, crenças e valores. Essa polissemia de manifestações ocorre no que chamamos de cultura popular que surge de forma espontânea em determinado grupo ou comunidade. É algo solicitado/requerido pelos próprios indivíduos que a compõem, e surge ao processo histórico (COSTA, 2013).

O movimento humano, por exemplo, é pertencente a este processo histórico e foi através da expressão e o sentido dos gestos e movimentos que a dança surgiu, sendo reconhecida como uma manifestação artística, cultural e social. Segundo Leitão e Sousa (1995) ela acompanha o ser humano desde o período primitivo, no qual o indivíduo utilizava-se dos movimentos como forma de exaurir suas emoções, seus sentimentos, além de agradecer e homenagear seus Deuses. Ao considerar esses múltiplos reconhecimentos, podemos perceber que “[...] a dança é fruto da necessidade de expressão do homem, representando, naquele período, todas as formas de acontecimentos sociais: o nascimento, o casamento, a colheita, a caça, festa do sol, da lua” (FRANCO, FERREIRA, 2016, p. 267).

Dessa forma, podemos encontrar na dança muitos conhecimentos corporais, expressivos, históricos, culturais, artísticos e entre outros. As autoras Leitão e Sousa (1995, p. 251) explanam sobre esses conhecimentos que a dança possibilita ao indivíduo, e ao mesmo tempo realçam crítica sobre o privilégio que algumas classes tem sobre esse conhecimento/ensino, sendo a dança capaz de:

[...] proporcionar a liberdade de expressar as diferenças, as individualidades, unir o corpo, espírito e coração, estimular a comunicação, os sentimentos, o ritmo, sociabilizando e integrando o ser humano de forma emancipadora. Enfim, seu campo abrangente que ilimitado, torna-se restrito a privilégios de uns, enquanto deveria ser tratada e desenvolvida como forma de movimento universal, com sua linguagem corporal, criativa e múltipla.

Ou seja, considerando sua vasta riqueza cultural a dança proporciona inúmeras possibilidades de o indivíduo conhecer o mundo por meio dela, seja através da sua trajetória

histórica, dos sentimentos envolvidos ao dançar, das expressões culturais, sociais e físicas nela contida, do diálogo que se permite ter e se comunicar com quem assiste, as possibilidades de criar diferentes formas de deslocamentos e movimentações, sendo possível através dela se reinventar.

A problemática é que nem sempre a dança é abordada, ensinada e consecutivamente aprendida como linguagem artística, histórica e cultural. Considerando o passar dos anos e a transformação da sociedade, hoje em dia ainda se mantém um pouco do significado inicial de quando a dança surgiu, porém, outros sentidos e valores foram somados a esta manifestação, principalmente sob a influência do capitalismo e da sua indústria cultural. Onde a dança enquanto cultura popular que se originou do povo, hoje midiaticamente vem perdendo seu contexto e seu trajeto histórico para se configurar como produto, algo industrial, platônico, forjado. A dança passou a ser vista como um adereço, uma exibição ou uma proposta geradora de lucro.

Ao analisarmos a trajetória do ser humano no mundo, podemos notar um crescimento ascendente em seu interesse para pôr à venda tudo que lhe resultar em lucro, riqueza e poder, assim como Marx (1998) afirma que a humanidade no capitalismo transformou tudo em mercadoria. O capitalismo por meio da ferramenta digital e tecnológica acabou se apropriando e liquidando (ainda mais) os campos do conhecimento, da saúde, da economia, do lazer, e inclusive do meio cultural (ORSO, 2018). Logo a cultura acabou se transformando em produto e mercadoria para consumo. Uma dessas manifestações é a cultura de massa, uma cultura comercializada, industrializada, “onde seus valores são dirigidos e em geral provisório, inconstante e instável” (ÁVILA, 2009, p.2). Deste modo, mais do que atender as necessidades, a indústria cultural cria novas necessidades nos sujeitos para ampliar o consumo.

Segundo Freire, Ferriz e Ferriz (2009) há muito tempo o capitalismo já apresentava interesse sobre essa comercialização, sendo que em 1940 já utilizava os principais meios de comunicação existentes - que era a televisão e o rádio - para gerar informações que provinham dos interesses da classe burguesa. É neste mesmo período em que se manifesta o conceito da indústria cultural. Logo, ao considerarmos o desenvolvimento dos meios de comunicações, as tecnologias e a influência da mídia na atualidade, devemos refletir sobre a ascensão desses interesses e a forma que estão permeando nosso cotidiano.

O que se torna espantoso observar a forma como a sociedade vem tratando e incorporando essa questão tecnológica digital: como algo natural e espontâneo do ser humano. Dermeval Saviani afirmou sabiamente em uma palestra que ocorreu na Universidade Estadual

em Santa Catarina (UDESC) em 2022¹², que essa é uma estratégia do capitalismo que tenta de toda maneira humanizar a tecnológica digital, um exemplo claro disso é a forma como a denominam: mídia social, sendo que praticamente tudo o que ela acaba prezando é a distância/virtualidade, a praticidade, a rapidez e a agilidade. Conseqüentemente, ela pode ser considerada uma mídia digital, mas social dificilmente ela será.

Desde o século XX, esferas que tinham o caráter de agência socializadora e influenciadora como por exemplo, a religião, a família e a escola estão perdendo seu papel diante do poder absoluto da mídia (FREIRE, FÉRRIZ, FÉRRIZ, 2009). Desta forma a tecnologia digital vem operando como ferramenta alienante¹⁴ e manipuladora dos interesses do capital, que visa propagar uma sociedade que consuma não apenas produtos, mas também comportamentos, personalidades e valores ditados midiaticamente, que segundo afirmam Freire, Ferriz e Ferriz (2009, p.1) sobre a indústria cultural: “sua disseminação na sociedade vem causando uma crescente perda de valores éticomorais”. Esse processo de consumo estimulado pelas mídias também lança a classe trabalhadora no aumento da exploração de sua força de trabalho, ao mesmo tempo em se endivida para manter-se dentro dos padrões esperados.

O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto. O termo *mass media*, que se introduziu para designar a indústria cultural, desvia, desde logo, a ênfase para aquilo que é inofensivo (COHN, 1977, p. 288, grifo do autor).

Ou seja, o discurso valorizando as massas/as pessoas, bem como a importância das técnicas de comunicação são colocadas como inofensivas, porém são elementos subordinados, "elemento de cálculo, acessório da maquinaria", sendo que o que realmente importa é “a voz de seu senhor”, ou seja, quem detém os meios de produção (COHN, 1977, p. 288).

Logo, as pessoas estão se tornando acomodadas, dependentes e reprodutoras do que lhes é mostrado neste sistema, o que acaba interferindo e influenciando diretamente em sua formação enquanto sujeito e cidadão. Questão extremamente preocupante para o futuro da humanidade e torna-se, portanto, fundamental que o ensino na escola seja feito de forma crítica

¹²Palestra de Dermeval Saviani no evento: A importância da presencialidade no ensino superior, ocorrida na UDESC no ano de 2022, para conferir na íntegra acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=vZ-RWzppmFA>.

¹⁴ Segundo afirma Barros (2011, p. 229) ao estudar as obras de Marx, ele afirma que o autor “[...] ocupou-se essencialmente do problema da alienação humana nas suas diversas formas (inclusive no trabalho, mas também na religião, na política, nas próprias relações ecológicas do homem com a natureza). Sendo que “[...] a alienação produzida no mundo do trabalho era o ventre materno de todas as alienações – a raiz do “estranhamento” que lançava no sofrimento e na inconsciência o homem comum do mundo moderno (BARROS, 2011, p. 229)”.

e histórica, justamente para que a realidade perante a história não se desvirtua em falsos conhecimentos.

Portanto, como não é possível “barrar” a tecnologia digital por ela pertencer a esta nova concepção de sociedade e também ser fruto do trabalho humano, o que podemos fazer é abordá-la de forma crítica e problematizadora. Tentando impedir desta forma, que os indivíduos não reproduzam esses interesses e padrões midiáticos que são elaborados e diluídos engenhosamente em nosso dia a dia. Para isso é necessário ampliar o acesso ao conhecimento e, portanto, ampliar a consciência das condições de produção desta realidade da sociedade da mercadoria. E é por esse motivo que a PHC vem para contribuir com o ensino emancipador pois “pensa a educação e a sociedade no seu conjunto” (ORSO, 2018, p. 72).

Nessa proposta pedagógica o papel primordial da escola é difundir conteúdos vivos, concretos, indissociáveis das realidades sociais. E os conteúdos do ensino não são outros senão os conteúdos culturais universais que vieram a se constituir em patrimônio comum da humanidade, sendo permanentemente reavaliados à luz das realidades sociais nas quais vivem os alunos (SAVIANI, 2008, p. 23).

Para isso se torna fundamental que os estudantes entendam a classe trabalhadora a qual pertencem, e compreendam as dificuldades e barreiras que ela ainda vem enfrentando e resistindo até os dias atuais. Sobre a visão de trabalho desta classe, Bandeira (2011, p. 112) comenta:

O trabalho realizado pelas massas constrói suas próprias visões de mundo. Nas formas inferiores, nos trabalhos subalternos, explorados e humildes, o trabalhador não obtém noção total de sua realidade, pois não lhe são fornecidas ferramentas que lhe construam condições de percepção e de modificação de suas realidades.

Portanto, somente se apropriando dela é possível transformá-la. Na intenção de dialogar sobre essa problemática de como a cultura vem sendo comercializada, e muitas vezes acolhida sob esse viés de produto dentro das unidades escolares, sem nenhum tipo de abordagem crítica e cuidado, é que será abordado um dos principais aplicativos que atualmente projetam essa comercialização da dança em um contexto mundial: O TikTok.

3.1 CONHECENDO O TIKTOK PARA ALÉM DO VIÉS DAS DANCINHA

ByteDance¹⁵ é o nome da empresa proprietária do fenômeno TikTok. Segundo Stokel-Walker (2022) ela é composta por cem mil funcionários e vale atualmente cerca de 180 bilhões de dólares. De origem chinesa esta empresa foi fundada em março de 2012, pelo engenheiro de *software* Yiming Zhang¹⁶. Sua proposta ao criar o aplicativo era o tornar viciante e envolvente ao ponto de romper fronteiras, assim como o *Google*, e por esse motivo desenvolveu e adquiriu ferramentas e estratégias essenciais para tal sucesso (STOKEL-WALKER, 2022).

A ByteDance atualmente dispõe de uma tecnologia de Inteligência Artificial (IA), que é ofertada em todos os seus aplicativos e serviços. Orgaz (2020, *online*) comenta que “é um dos algoritmos de recomendação mais sofisticados do mundo”, sendo considerado por Stokel-Walker (2022) como algo complicado e misterioso para quem é de fora e até mesmo para quem trabalha na empresa. Inclusive é algo cobiçado por diversos concorrentes que entram em disputas pelo mesmo sucesso e tecnologia.

Um exemplo disto é o *Instagram* que criou o *Reels* com base nos vídeos curta duração do TikTok, como forma de atrair e até mesmo segurar usuários adeptos da plataforma chinesa. Segundo a opinião de Rich Waterworth, chefe do TikTok no Reino Unido, o app não se abalou pela estratégia da empresa americana e argumentou: "Acho que todos reconhecem um elogio quando o veem [...] E o que poderia ser mais lisonjeiro do que alguém tentando replicar todos os nossos feitos grandiosos" (STOKEL-WALKER, 2022, p. 247).

Considerando a sua projeção, o alto investimento e a tecnologia de ponta, podemos considerar que o aplicativo se tornou um fenômeno mundial em termos de inovação, sendo invejado por vários outros aplicativos referências como o *Facebook*, o *YouTube* e o *Instagram*, ficando atrás apenas da multinacional *Google*. Sendo que a luta para conseguir ser tão sem fronteiras quanto ele ainda continua, pois apesar de todo o sucesso da plataforma, o TikTok corriqueiramente enfrenta muitas dificuldades como a xenofobia, as barreiras geopolíticas, a censura, e até mesmo medos governamentais que o consideraram apenas um “[...] abre-alas de uma invasão tecnológica chinesa”. Sendo considerado por muitos países como uma ameaça à supremacia da tecnologia (STOKEL-WALKER, 2022, p. 209).

Logo, podemos observar que não se trata apenas de um aplicativo bombástico, ou dos bilhões de dólares que ele equivale, mas leva-se em consideração a rivalidade e a disputa pela

¹⁵Conforme afirma Stokel-Walker (2022) o nome desta empresa geralmente é desconhecido principalmente para o ocidente, que no caso é algo intencional, considerando que os criadores estrategicamente querem que os usuários deem importância aos nomes dos aplicativos criados e os utilizem. Assim não querem dividir holofotes ou desmembrar o engajamento de *downloads*, inserindo esta informação que não lhes geram lucro algum.

¹⁶Hoje em dia, Yiming é o quinto empresário mais rico da China, sua fortuna estimada é de cinquenta e quatro bilhões de dólares (STOKEL-WALKER, 2022).

corrida tecnológica entre as duas maiores potências do mundo, Estados Unidos da América (EUA) e China. Stokel-Walker (2022) em seu livro comenta que esta tecnologia de IA e seus algoritmos indecifráveis têm gerado muita preocupação na nação americana, que inclusive em 2020, Donald Trump instaurou uma investigação da agência de segurança nacional norte-americana (NSA) sob este aplicativo.

A campanha de Trump passou cinco dias saturando o Facebook e o Instagram com mais de 450 anúncios políticos alegando que "O TikTok está espionando você". Nesse período, as mensagens, intercaladas com imagens de soldados trajando uniformes militares chineses, foram vistas por mais de 5,5 milhões de norte-americanos. [...] O TikTok e sua equipe executiva logo se tornaram o inimigo público número um aos olhos de muitos norte-americanos (STOKEL-WALKER, 2022, p. 224).

Apesar desta campanha prejudicar muito a imagem do aplicativo, ele ainda está em vigor nos EUA, e segundo Stokel-Walker (2022) Joe Biden ao assumir a presidência revogou a ordem executiva de Donald Trump de que o TikTok seria uma ameaça iminente. Ele não a suspendeu de imediato, mas solicitou mais investigações sobre os possíveis riscos à segurança nacional, e segundo o atual presidente dos EUA se realmente for comprovado algo, ações serão tomadas.

Esta é a primeira vez que um aplicativo chinês ganha notoriedade com proporção mundial. O receio que vem se propagando é que dados pessoais ocidentais estejam sendo coletados dentro e fora do app, e sendo enviados e utilizados indevidamente pelo Partido Comunista da China ou, igualmente temem por questões mais amplas como a China ter a ascensão de aplicativos, assumindo o controle das telas e da tecnologia, tornando-se a superpotência dominante (STOKEL-WALKER, 2022).

Embrenhado nesta disputa por poder, o TikTok possibilita uma discussão mais profunda sobre os rumos da tecnologia, pois "Se as primeiras décadas da internet foram moldadas com base em um modelo americano, o futuro pode vir a se parecer, em vários aspectos, com a maneira como os chineses interagem com a tecnologia (STOKEL-WALKER, 2022, p. 249). De toda forma "O TikTok se encaixa em uma história mais ampla de supremacia tecnológica entre os Estados Unidos e a China. O vencedor dessa batalha, seja qual for, também ganhará o futuro" (STOKEL-WALKER, 2022, p. 254 - 255). Essas disputas de poder se dão igualmente no campo da economia, principalmente nos bilhões gerados a partir de vendas, incorporações e ou mudanças na correlação de forças entre os oligopólios que dominam esses aplicativos e seus derivados.

É justamente por esses motivos descritos anteriormente, que outros países como: Japão, Austrália, Europa, Reino Unido e Índia também investigaram o TikTok, sendo que este último

país em 2020 o banuiu por considerá-lo uma “[...] degradação a cultura”, proibindo além deste, outros cinquenta e oito aplicativos chineses, alegando ser “[...] prejudiciais à soberania, à integridade, à defesa, à segurança do Estado e à ordem pública” (STOKEL-WALKER, 2022, p. 203-204). A retirada do aplicativo da Índia foi uma enorme perda para a empresa, considerando os duzentos milhões de usuários que passaram a não agregar mais a plataforma.

Para acessar o aplicativo não é necessário um endereço de e-mail, mas é necessário dar acesso a galeria de fotos, câmera e microfone, já que são ferramentas utilizadas no próprio app. Funções essas também aplicadas em plataformas americanas como o *Instagram* e *facebook*, por exemplo. Vale lembrar “[...] que concedemos às gigantes da tecnologia dos Estados Unidos a vantagem de sair na frente, e a confiança que demos a elas nem sempre resistiu a análises cuidadosas” (STOKEL-WALKER, 2022, p. 270).

Afinal, o EUA também se envolveu em polêmica após o ex-agente da Agência Central de Inteligência (CIA) Edward Snowden, divulgar documentos sigilosos por parte do governo norte-americano, denunciando o esquema ilegal de espionagem global, através das ferramentas acessadas por meio de aparelhos tecnológicos dos usuários. A notícia foi um escândalo na época e logo em 2016 a história virou filme, conhecido como *Snowden – Herói ou Traidor*.¹⁷ Portanto seria exagero, preconceito ou medo desses países em ter uma empresa chinesa com tamanha potência ganhando destaque?

Considerando o tema proposto, percebe-se, então, que o atual aplicativo viral do momento, não apresenta uma problemática isolada apenas a dança, ou a comercialização da cultura, a caça a fama, mas também engloba interesses políticos, empresariais e para além deles, destacando como podemos ver, a disputa de poder e de capital, sendo que “A discussão acerca do TikTok não diz respeito apenas ao futuro do setor de tecnologia nos próximos 25 anos e a quem o controla, mas também à direção que o mundo tomará” (STOKEL-WALKER, 2022, p. 215).

Mas afinal, o que é esse TikTok? Qual sua função? Como funciona?

O TikTok é uma plataforma *online* para sistemas operacionais Android como para iOS, que disponibiliza vídeos de curta duração aos seus usuários, conhecidos como *Tiktokers*¹⁸ (BARIN, ELLENSOHN, SILVA, 2021). Para ser a potência que é hoje, o aplicativo manteve o seu foco em ser prático e interessante a todos os públicos, portanto prezou pela facilidade de

¹⁷Filme disponível no *Prime vídeo* e *Netflix*. Também sobre a proposta de “redes sociais” tem disponível na *Netflix* o filme: O dilema das redes sociais.

¹⁸ Usuários do TikTok que compartilham conteúdos na plataforma, recebem este nome.

as pessoas de qualquer idade¹⁹ utilizarem a plataforma sem muito segredo, sendo possível assistir, gravar, editar e até colocar filtros e efeitos nas filmagens (STOKEL-WALKER, 2022).

Os vídeos duram cerca de sessenta segundos, sendo que os conteúdos abordados são bem diversificados, podendo ser dancinhas, trolagens, dicas de fotografias (poses, ângulos e ambientes), dublagem, culinária, desafios de maquiagens, e entre outras propostas. Ficando a critério de cada usuário o conteúdo que quer criar ou assistir. Além do mais, o aplicativo dispõe de ferramentas que permitem que todos interajam entre si, através de comentários, curtidas, e/ou compartilhamentos que acabam gerando engajamento e automaticamente novos seguidores aos usuários desse programa. É um ciclo infinito.

Para a criação do fenômeno TikTok a ByteDance utilizou-se de outras ferramentas tecnológicas que já existiam em outros aplicativos de sua patente, sendo eles: Neihan Duanzi; Toutiao; *Flipagram*; *Vine* e o *Musical.ly* (STOKEL-WALKER, 2022). Assim, ambos contribuíram de alguma forma para o TikTok ser a potência que é hoje.

O aplicativo Neihan Duanzi por exemplo, foi o primeiro app criado pela empresa e ele era utilizado para compartilhar memes²⁰, cuja função faz grande sucesso nos dias de hoje em qualquer plataforma (e fora delas também); o Toutiao é o aplicativo de notícias, que proporcionou um estrondoso sucesso, e que rendeu muitos investidores interessados na ByteDance, já que a tecnologia de IA criada para este programa foi visionária, pois desenvolveu uma relação específica entre os usuários e o aplicativo, veja:

Cada interação com o aplicativo era rastreada e utilizada para melhorar a experiência seguinte. Era um círculo virtuoso de melhorias, que usava informações sobre a forma como o usuário passava pelo conteúdo, onde apertava, como parava e rolava pelos artigos, considerando também a hora do dia e a localização (STOKEL-WALKER, 2022, p. 43).

Ou seja, com base no comportamento dos usuários esse algoritmo consegue captar suas preferências e interesses de conteúdo. É o que o torna extremamente vicioso, porque nunca fica cansativo ver algo que tenha relevância, são informações que prendem a atenção dos usuários ao juntar imagem, som e movimento. E que também surgem de forma instantânea e em uma sequência que não exige muito “pensar”, não é mesmo? A próxima aparição/informação parece ser sempre mais interessante e nova que a anterior. Costa (2013, p. 138) comenta sobre esta

¹⁹ O aplicativo teve que expandir sua base de usuários para angariar seguidores de todas as idades e assim ter um “crescimento ilimitado e perpétuo” (STOKEL-WALKER, 2022, p. 119).

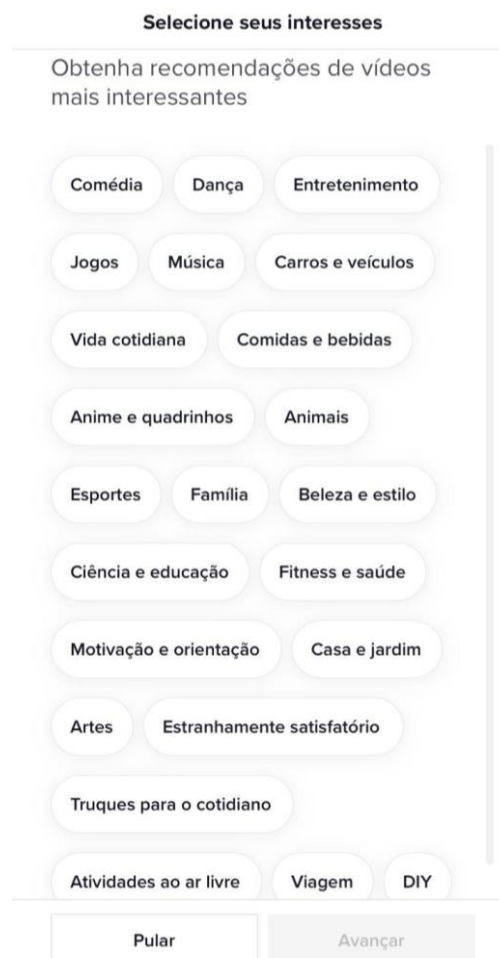
²⁰ Pode ser uma imagem, um vídeo ou um Gif que é criado para ser engraçado e que muitas vezes geram bordões. Os memes estão bem presentes nas escolas, onde os alunos muitas vezes se comunicam e interagem por meio deles. Eles também solicitam a “chamada por memes”, que ao invés de responder “presente”, falaria alguma frase de meme.

questão que de forma estratégica “[...] a indústria cultural lança no mercado coisas que são representações dos próprios consumidores, criadas antes por prescrição e fortalecidas pelo cerco sistemático de sua exposição”. Na entrevista que Brennan concedeu a Orgaz (2020) fala sobre isso:

No TikTok, você interage constantemente com o aplicativo e, mesmo que não o faça, também está dando informações. Se você não fizer nada, significa que parou em um vídeo e o está assistindo. É um indicador muito forte de que o que você vê parece interessante para você (BRENNAN, 2020, *online*).

Inclusive desde a instalação do aplicativo TikTok, o usuário é direcionado a uma tela para preencher quais são os conteúdos que lhe agrada.

Figura 4: Tela inicial do aplicativo TikTok



Fonte: Aplicativo TikTok (2022).

Posteriormente a escolha das tarefas, abre a seguinte mensagem: “Os vídeos são personalizados para você com base no que é assistido, curtido e compartilhado (APLICATIVO

TIKTOK, 2022)”. Ou seja, essa ferramenta de IA que compõe o aplicativo, se ajusta a uma nova proposta caso seu interesse venha a mudar durante o percurso, então você é automaticamente cercado por informações direcionadas ao novo campo.

Inicialmente pode parecer uma ideia incrível, mas se refletirmos sobre a proposta veremos que não é bem assim, pois, as pessoas são direcionadas a todo momento a viver isoladas em caixas, apenas leem e veem o que é de seu interesse, logo, não contra-argumentam teorias, informações e notícias. Elas são condicionadas a manter a mesma forma de pensar, e dificilmente a desenvolver ou aprender algo diferente, em consequência do âmbito das informações já selecionadas ao seu perfil. Essa falta de conhecimentos mais aprofundados constrói uma lógica mecânica de reproduzir unicamente, tornando-se muito propício para a ascensão de informações inverídicas, usadas fora de contexto, como por exemplo, as *fakenews*²¹.

Essa personalização dos interesses de cada usuário, tem muito potencial para discussão, já que as pessoas são diferentes e parece que aqui se pretende que elas sigam padrões de personalidades parecidas ou iguais, podendo ser considerado uma espécie de lavagem cerebral ou doutrinação em aspecto de consumo de informações. Deste modo, pode se dizer que há uma unificação dos interesses, o próprio aplicativo cria novas necessidades de consumo unificadas entre os usuários.

O aplicativo *Vine* também foi um sucesso criado pela empresa, e dele surgiu a ideia de vídeos de curta duração. Sendo que duravam cerca de seis vírgula quatro segundos ou até menos. A limitação desta plataforma é que ela não permitia construir uma relação direta com o público que assistia, e o *layout* não era nem um pouco convidativo e simples. Além do mais as pessoas que criavam conteúdos, queriam ser pagas por influenciar tantas pessoas a baixarem e utilizarem o app. O *Vine* serviu como modelo para o TikTok, tanto em sua proposta de vídeo, como também no quesito de não deixar de investir em influenciadores (STOKEL-WALKER, 2022), instigando a proposta do TikTok como profissão, como abordaremos mais para frente.

Outro aplicativo que agregou valor ao TikTok foi o *Flipagram*, ele foi comprado pela ByteDance devido suas ferramentas serem visionárias, nele se tinha acesso fácil à músicas de sucesso e uma variada fonte de filtros²² e figurinhas com qualidade para serem utilizadas nas filmagens (STOKEL-WALKER, 2022). Ferramentas essas, que vemos hoje em dia disponíveis

²¹ O exemplo disso, é o que estamos vivendo em nosso país com a nova eleição, onde milhares de pessoas seguem informações pretensiosas e sem contexto, defendem o que leem, se rotulam estudiosas do assunto, mas sequer se dão o trabalho de conferir e buscar a origem da notícia ou confrontar as informações.

²² Posteriormente a criação do *TikTok*, a ferramenta dos filtros foi refinada para uma realidade aumentada, por consequência do laboratório de IA que a empresa montou.

em grande parte de aplicativos de vídeo, como o: *Facebook, Instagram, Snapchat, Google Meet, Zoom* e outros.

Por fim, para compor a lista de aplicativos que serviram de base para a criação do TikTok, entra o Musical.ly. Segundo a fala de Santos (2021) no site Sejaceo, o app foi lançado em 2014 pelos criadores Alex Zhu e Louis Yang, cujo público adolescente utilizava a plataforma como lazer e diversão para fazer dublagens. Até hoje o TikTok, assim como *Youtube* e o *Instagram* servem a este viés, que conforme Matthew Brennan²³ (que é um especialista do setor de internet na China), disse em entrevista à BBC News Mundo, são “as plataformas para as quais as pessoas vão quando têm tempo livre, para onde vão para se divertir ou em busca de status (*online*)”.

O Musical.ly teve tanto êxito que cresceu rapidamente e por conta do excesso de usuários acabou sobrecarregando os servidores do app, e esse era um problema que tinha que ser resolvido (STOKEL-WALKER, 2022). Assim sendo, Zhang comprou o Musical.ly em novembro de 2017, por nada menos que oitocentos milhões de dólares, porém devido ao processo de fusão, apenas em agosto de 2018 que foi divulgado à mídia a união dessas plataformas. Ao se unirem começaram a somar força já que o Musical.ly estava com tudo na Europa e na América do Norte, e o TikTok tinha domínio na Ásia (STOKEL-WALKER, 2022).

Atualmente o TikTok é considerado um fenômeno global, transformando-se em um aplicativo viral, que além de dublagens agregou outras expressões culturais. Em 2018 esteve disponível em mais de cento e cinquenta países e em setenta e cinco línguas. Logo em 2019 atingiu a meta do aplicativo mais baixado no app Store (CANAL TECH, 2020). Stokel-Walker (2022) relata que o sucesso foi tanto que em janeiro de 2018, o número de usuários ativos por mês era de cinquenta e quatro milhões, e em julho de 2020 aumentou para seiscentos e oitenta e nove milhões de pessoas, tanto que no início deste mesmo ano bateu o recorde de aplicativo mais baixado no mundo todo, tanto no sistema da *Apple* quanto no *Android* (STOKEL-WALKER, 2022).

O fator pandemia e isolamento social contribuiu muito com esta questão, assim como afirma a antropóloga e TikToker²⁴ Lea Maria Jahn “[...] esse é um fator que une boa parte dos TikTokers no Brasil: com mais tempo livre em casa, os brasileiros passaram a apostar na rede social e a publicar mais e mais vídeos durante o confinamento imposto pela Covid-19, o que funcionou como um catalisador para esse tipo de conteúdo” (STOKER-WALKER, 2022, p.

²³ É o autor do livro *Attention Factory* que em português significa Fábrica de Atenção. O livro conta a história da empresa *ByteDance* e do aplicativo *TikTok*.

162). Desta forma, segundo o autor, o app acabou se infiltrando no inconsciente coletivo, aumentando assim a quantidade de usuários e o tempo de consumo que ficavam em contato com a programação.

O TikTok é visto sob diferentes perspectivas e objetivos, muitos o veem como possibilidade de fama, de emprego, de diversão e lazer, como ferramenta de conhecimento, de criação, de socialização e entre outras propostas. Esse aplicativo corresponde como produto da indústria cultural e isto posto apresenta muitas interferências e problemáticas, mesmo que muitas pessoas ainda não conseguem enxergar quaisquer problemas no seu consumo.

Porém, cada vez mais as pessoas acabam se desenvolvendo de acordo com as variadas questões relacionadas a este app, se equiparando e competindo umas com as outras, seguindo padrões de falas, bordões, gestos e etc, ficando expostas por longo período na internet, acabam consumindo notícias mentirosas, se expondo a críticas e comentários maldosos, comparando sua vida com a vida perfeita que vem por meio de imagens, consumindo demasiadamente ideias e produtos, e perdendo muitas vezes a noção da realidade e do mundo virtual.

Em entrevista a Salcedo (2021, sem paginação) um estudante de Engenharia de Controle e Automação de vinte e quatro anos, relata que seu consumo de redes sociais aumentou significativamente durante a pandemia e que isso começou a afetá-lo: “O consumo desse conteúdo começou a me fazer mal, pois o que as pessoas mostravam nas redes sociais não era a realidade em que vivo”.

Logo, dependendo da intensidade desse consumo de conteúdos, pode abalar a saúde mental dos usuários desenvolvendo diferentes tipos de transtornos mentais como a ansiedade ou depressão, podendo ocasionar gatilhos emocionais, e também o déficit de atenção, além de torná-los viciados no sistema proporcionado pela mídia tecnológica digital (GOECKING *et al.*, 2021). Um exemplo disto é a pesquisa desses mesmos autores, denominada: A Compulsão do TikTok e a Exibição de Transtornos Psicológicos, que fala um pouco sobre estas questões apontadas acima:

A pesquisa trabalha com a hipótese de que os usuários buscam por atenção para as suas próprias contas nas mídias sociais. Essa busca faz com que certos usuários, enquanto "cegos" pela fama, acabem forjando possuir expertise ao pautar assuntos delicados a fim de conquistar simpatia do público usuário do TikTok. É determinado então, que estes usuários criam para si uma persona, personagem esse que possui traços comportamentais baseado no comportamento do grupo a qual este usuário pretende conquistar a atenção. Entretanto, uma vez imerso no personagem que criaram, fica cada vez mais difícil abandoná-los com o passar do tempo (GOECKING *et al.*, 2021, p.4).

Segundo os mesmos autores, existe uma competição entre as pessoas famosas da *internet* pela atenção dos seus espectadores, e aos usuários que ainda não detém a fama passam a simular o comportamento de quem já alcançou o sucesso, algo plagiado, mimético e padrão e os autores complementam:

Visto que, a simulação tem como pilar a manipulação da verdade, o ato de simular não é de forma alguma benéfica para o usuário e a sociedade, principalmente para a pauta sobre saúde mental e seus transtornos. Contudo, as redes sociais possibilitam que usuários possam representar uma individualidade perfeita que quebra a barreira do que é saudável. Para o usuário que consome tais conteúdos, o simples fato de não filtrar o conteúdo consumido, ou de consumir conteúdos de forma inconsciente, pode desencadear gatilhos ou até mesmo problemas com a própria saúde mental, como ansiedade e abalos na autoestima. A espetacularização e simulação nas redes sociais podem gerar consequências negativas para os consumidores delas, visto que os conteúdos consumidos podem afetar diretamente a sua psique (GOECKING *et al.*, 2021, p.12).

Além dessas problemáticas ligadas a saúde mental e a própria constituição do indivíduo, a forma com que o TikTok disponibiliza os conteúdos na plataforma, também apresenta interferência no conhecimento que geralmente acaba empobrecido, fragmentado e desconectado da realidade. Gerando assim, muitas consequências ao ensino-aprendizagem não apenas as crianças e aos adolescentes, mas também de adultos e idosos.

Isto é preocupante, principalmente se considerarmos os estudos sobre a capacidade de concentração das pessoas que cada vez mais está limitada, onde o foco na criação de vídeos de curta duração tem sido um grande investimento e por isso tem tantos aplicativos no mercado (STOKEL-WALKER, 2022).

Pesquisadores Canadenses estudaram a capacidade de concentração de duas mil pessoas na virada do milênio e repetiram o experimento quinze anos depois. Nesse intervalo – que experienciou a venda em massa de computadores, o advento do Youtube e do Iphone e o aumento da disponibilidade e queda no preço da internet banda larga -, nossa capacidade de nos concentrarmos em uma coisa antes que nosso cérebro desligue caiu em um terço: passou de doze segundos para oito (STOKEL-WALKER, 2022, p. 88).

Análises apontam que essa ligação do curto período de tempo que nos concentramos não se trata apenas das preocupações que temos no dia a dia, mas sim que pulamos de um assunto ao outro rapidamente, pois “a abundância de informações está relacionada ao esgotamento da nossa atenção” (STOKEL-WALKER, 2022, p. 88). Considerando que no TikTok cada vídeo dura até sessenta segundos, e que geralmente as pessoas passam horas na plataforma, em apenas uma hora temos a totalidade de sessenta vídeos assistidos seguidamente (STOKEL-WALKER, 2022). E isso torna o conhecimento cada vez mais fragmentado, um

“saber” de recorte, sem conexão com a história, nem com a cultura, nem com nada, apenas informações soltas.

Devido as demandas do mundo capitalista em que tudo acontece mais depressa, por conta desta “agilidade” que o mundo tecnológico nos oferta, o tempo que temos para realizar inúmeras funções acaba subtraindo as etapas que precisam de maior tempo. E isso é uma problemática para o campo da educação, onde no ensino-aprendizagem precisamos de tempo para conhecer, estudar e concretizar um conhecimento.²⁵

Portanto, a curta duração dos vídeos do TikTok é uma sacada lucrativa e leviana proporcionada pelo capitalismo, pois quanto mais rápido for essa atividade, mais conteúdos e informações consegue-se difundir (inclusive propagandas e patrocínios), e menos conhecimento qualitativo é entregue aos usuários. Sobre essa questão Orgaz (2020, *online*) comenta que o TikTok apresenta um *design* diferenciado que engloba os anúncios como se fossem parte dos vídeos “Eles se misturam com o resto do conteúdo até parecerem invisíveis”. É uma lavagem cerebral discreta, lúdica, rápida e viciosa.

Falando em vício, em entrevista a Salcedo (2021, sem paginação) a psicóloga clínica e também professora do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, Anna Lucia Spear King relata que “O cérebro precisa de substâncias como a dopamina e serotonina para se sentir bem e ele aprende rapidamente quais atividades dão a ele as maiores quantidades”. Este neurotransmissor produzido pelo cérebro, atua em diferentes áreas como o humor, o prazer, o aprendizado, a motivação, entre outros. Sempre que um estímulo externo é captado pelo cérebro como algo prazeroso ocorre a liberação da dopamina, e por este motivo é tão difícil largar as redes digitais, devido ela estar inserida neste mecanismo.

O escritor e especialista Matthew Brennan acredita que essa nova onda de vídeos curtos é uma grande mudança de comportamento, podendo ser considerado um novo paradigma para consumir conteúdo da internet. “O TikTok já mudou a forma como os consumidores interagem com as plataformas de mídia social e haverá ainda mais evolução” (BRENNAN, 2020, *online* in ORGAZ, 2020, *online*). Considerando as problemáticas levantadas inicialmente, evolução seria uma palavra inapropriada para descrever esse fenômeno, afinal, é uma ferramenta que nos dias atuais vem apresentando interferências no conhecimento, logo pode apresentar ainda mais problemáticas. No próximo tópico versaremos sobre este app a fim de ampliar a compreensão do seu impacto na dança enquanto manifestação artística e no contexto da escola.

²⁵ Sobre esse tema aprofundar na obra de Turcke (2010): *sociedade excitada: filosofia da sensação*.

3.2 A DANÇA VISTA SOB UMA PERSPECTIVA RETANGULAR: AS TELAS DO *TIKTOK*

Neste estrondoso sucesso do TikTok, muitos usuários acreditam ou são influenciados a acreditar, que esta é uma plataforma digital que valoriza a dança e o seu ensino. Isso ocorre por ela ser utilizada massivamente como elemento engajador de divulgação e mídia, proporcionando desta forma tamanho alcance e direcionamento. Contudo, esta é só mais uma parcela da população que acredita que dançar é apenas o ato de mexer o corpo.

Um dos motivos que isso acontece é porque existe uma lacuna entre o ensino da dança e a escola, cuja relação é carente de qualidade e aprofundamento, sendo que por vezes ela chega a ser desvalorizada ou até mesmo esquecida, ganhando visibilidade apenas em datas comemorativas e em apresentações (STRAZZACAPPA, 2001; MARTINS, 2022). Desta forma, acaba não sendo ensinada como conteúdo propriamente dito, ficando sem contexto ou abordagem histórica, social ou cultural, reforçando a condição de que é um conhecimento desnecessário.

Essa mesma dança que não é abordada/ensinada na escola, fica rotulada como sinônimo de lazer e diversão e essa é a oportunidade de a indústria comercializá-la no TikTok e em outros meios digitais. Onde as pessoas acreditam estar tendo acesso a um bom conteúdo de dança, só pelo fato de a pessoa estar se movimentando dentro de um determinado ritmo, ou pela dança estar em “evidência”.

Seguindo a vertente da Pedagogia Histórico-Crítica, o conhecimento produzido historicamente pela humanidade deve ser sistematizado pelos professores para ser transformador/emancipador, ao contrário dessa plataforma onde o conteúdo é sempre exibido em partes (considerando a própria configuração limitante dos vídeos). No qual, geralmente as informações não apresentam continuidade, logo são mostradas fora de um contexto, impossibilitando construir uma conexão com a história, ainda menos sistematizar o conhecimento em seu sentido integral e contextualizado (SAVIANI, 2012).

Mesmo se o aplicativo possibilitasse algo mais explicativo, com mais detalhes, com um conteúdo realmente formativo, a possibilidade de viralizar nesta plataforma seria mínima, pois o que acaba tendo destaque é a disseminação e a formação do gosto considerando uma cultura massificada. Esta atribuição é promovida pelo capitalismo para permitir que uma classe específica se aproprie da riqueza construída historicamente e culturalmente, para que tenha vantagens sobre outras, assim como afirma Ávila (2009, p.2):

Os meios de produção e difusão cultural presentes no universo da comunicação generalizam a alta cultura, produzida pela elite, dando-se a falsa impressão que esta cultura vem sendo socializada e, infelizmente, o que chegam para as nossas crianças e para a sociedade em geral são as cachorras, tigrões, lacraias... ou seja, a vulgarização da cultura elaborada.

O produto da indústria cultural no capitalismo contemporâneo vem sendo naturalizado como cultura popular, enquanto música, dança, conhecimento, entretenimento e etc. Segundo Ávila (2009), no início dos anos 2000 as cachorras, os tigrões já estavam ocupando lugar no contexto cultural, hoje em dia o “zoológico” continua em alta, e além dele apareceram outras expressões como: “sentadão” a “Xanaina”, o “rabetão” e entre outras propostas bem vulgares, a maioria interligada a sexualidade.

Desta forma, a autora comenta que “[...] os conteúdos voltam-se diretamente para a lógica da produção capitalista” e complementa que “A dança, enquanto área de conhecimento, não pode ser um privilégio de pequenos grupos” (ÁVILA, 2009, p. 3). Considerando que a elite se apropria deste conhecimento de forma ampla e qualificada e impede que outros grupos da divisão social façam o mesmo.

Portanto, trazer músicas para as aulas de dança tem sido uma problemática, e exigido bastante tempo e pesquisa ao docente para encontrar propostas atuais que os estudantes gostem, mas que também sejam apropriadas ao ambiente escolar e a faixa etária, onde busca-se colocá-los a pensar e transformar sua consciência. No TikTok a música tem forte influência e interferência nas coreografias, pois as danças são criadas seguindo um padrão de músicas do momento.

Em entrevista à Stoker-Walker (2022, p. 188) a TikToker Vanessa Lopes, que é conhecida pelas danças na plataforma, comenta que a escolha do hit para a dança que ela divulga: “não é muito complexa, são simplesmente os que bombam nas redes”. O autor da entrevista complementa que “por terem suas coreografias dançadas por ela e por outros perfis, essas músicas acabam se espalhando ainda mais pela internet, em um processo que se retroalimenta” (STOKER-WALKER, 2022, p. 188).

O problema não está no estilo da música em si, mas a vulgarização das letras, os palavrões, a fala explícita sobre atos sexuais, a ausência de frases lógicas e a não conjugação verbal correta nas canções. Além da falta de conteúdos que colaborem para a humanização, pois muitos deles reificam as questões de dominação de gênero e entre outros aspectos.

Além dessas problemáticas que interferem na cultura e no conhecimento em geral, os movimentos criados para as danças geralmente são miméticos, são gestos mímicos relacionados com a letra da música que está tocando. Então, considerando o nível de vulgarização das

músicas escolhidas, é imaginável os tipos de movimentações realizadas. Prontamente, a dança passa a se tornar uma comunicação empobrecida de arte, devido ser fruto desta indústria cultural. Não necessita esforço para interpretá-la, e exclui qualquer tipo de beleza poética e expressiva.

A dança, enquanto área de conhecimento, não pode ser um privilégio de pequenos grupos. Não podemos aceitar o rebaixamento vulgar da cultura da dança para as massas com a sofisticação esterilizadora da cultura das elites, que ainda insistem em permanecer no campo do conservadorismo cultural. É justamente a questão da vulgarização da dança que nos leva a questionar sobre as danças que as nossas crianças gostam e que estão presente em grande medida no ambiente escolar (ÁVILA, 2009, p. 3).

Um exemplo claro e recente dessa interferência TikTok em aspecto cultural da dança na escola, é a Festa Junina. Em 2022 tivemos um forte apelo de crianças, adolescentes e até mesmo adultos, solicitando coreografias mais “modernas” para as danças tradicionais juninas, cuja mudança sugerida era reproduzir passos padrões do TikTok nas músicas tradicionais, ou até mesmo utilizar as próprias músicas viralizadas desse app. Intencionalmente ou não, o objetivo era descaracterizar totalmente a comemoração e o contexto cultural desta festa tradicional, considerando que há anos ela vem sofrendo outras interferências e boicotes, porém com a chegada do TikTok isso se intensificou.

Esse apelo ou até mesmo a própria modificação da dança (e/ou música) foi vivenciada em muitas escolas, assim como em festivais culturais, em festas privadas e outros lugares. Foi possível observar muitas postagens nas redes digitais, reportagens, manchetes e inclusive vídeos do TikTok que falavam sobre esta polêmica.

Figura 5: Festa Junina viraliza após críticas

Vídeo. Festa junina com funk e dança do TikTok viraliza após críticas

Web reclamou de “fim” de tradição sertaneja durante apresentação de quadrilha em quermesse realizada em Aragominas (TO)

PAULO PACHECO

06/06/2022 14:24, ATUALIZADO 06/06/2022 14:24



Festa junina com funk e coreografia de TikTok viraliza

Após dois anos sem festa junina, o brasileiro está matando a saudade das quermesses e das quadrilhas de São João. Uma delas, porém, viralizou com uma chuva de críticas em razão da coreografia muito diferente do sertanejo. Em vez de violão e sanfona, uma batida de funk com dancinha do [TikTok](#).

Fonte: Notícia do site Metropoles²⁶

Figura 6: São João ou TikTok?

São João ou TikTok? Vídeo de quadrilha junina 'tiktokker' gera debate nas redes sociais

No vídeo, os alunos aparecem dançando "Eu bem que te avisei", do MC Delux e DJ ABDO

15:39 | Jun. 08, 2022

Autor **Mirtes Rodrigues** Tipo **Notícia**



A apresentação, que viralizou no Instagram, gerou debate entre internautas(foto: Reprodução/Redes Sociais)

²⁶Para ler a reportagem completa acesse: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/video-festa-junina-com-funk-e-danca-do-TikTok-viraliza-apos-criticas>> Acesso em 20/07/2022 21:51

Fonte: Notícia do site opovo²⁷

Figura 7: Festa junina com funk e dança TikTok



Opinião | Festa junina no CSU com funk e dança do TikTok viraliza após críticas

Fonte: Notícia do site diretoaponto²⁸

Em ambas as reportagens, muitas pessoas se posicionaram contra a ideia e se mostraram indignadas com a falta de respeito com a tradição e cultura nordestina, sendo uma comemoração cultural aqui no Brasil que representa um povo e sua história. Já outras estavam a favor da versão atualizada, influenciada pela nova estética do TikTok. Como veremos no exemplo abaixo:

Figura 8: Estudantes dançando TikTok em festa junina de 2019

festa junina chegando e nois ja ta assim



Fonte: Retirado do site *Instagram* da conta @oemputecido²⁹

²⁷ Para ler a reportagem completa acesse: <<https://www.opovo.com.br/divirtase/2022/06/10250752-sao-joao-ou-TikTok-video-de-quadrilha-junina-TikTok-gera-debate-nas-redes-sociais.html>> Acesso em 20/07/2022 21:48

²⁸ Para ler a reportagem completa acesse: <<https://diretoapontonews.com.br/opiniaio/8junho22/>> Acesso em 20/07/2022 21:54

²⁹ Vídeo postado em 1 de junho de 2023, no feed desta conta tem mais vídeos com danças simulando a nova “tradição junina”.

Este vídeo retrata uma apresentação de “festa junina” realizada em 2019 por estudantes menores de idade. Na filmagem é possível perceber que todos estão vestidos a caráter, sendo essa a única referência visual a tradição nordestina. A dança efetuada parte de uma coreografia com passos típicos do TikTok, incluindo as famosas “sarradas” (movimento que representa ato sexual), cujo acompanhamento musical é um “batidão” de funk, mixado com falas retiradas da música de Luiz Gonzaga (considerado o rei do baião).

Analisando os comentários feitos no vídeo, o público se dividiu nas opiniões. Alguns riram da situação, outros elogiaram e até cogitaram reproduzir a dança com seus alunos. Entretanto o maior destaque nos comentários foram as críticas e reclamações quanto a essa situação, retratado principalmente sobre a perda de significado da tradição e da cultura. Algumas pessoas também lamentaram sobre essa festividade ter sido composta e desconfigurada pelos movimentos vulgarizados, tendo julgamentos sobre a “nova geração”, culpabilizando as crianças pelos seus gostos e modismos, deixando claro, a questão da influência do TikTok. Veja abaixo alguns dos comentários:

Figura 9: Comentários dispostos sobre o vídeo acima



Fonte: Retirado do site *Instagram* da conta @oemputecido³⁰

Muitas das críticas são pertinentes e vão ao encontro da visão exposta neste trabalho. Pudemos encontrar muitas expressões que resumiam o descontentamento a esta nova forma de

³⁰ Essas informações estão dispostas e foram colhidas nesta conta do Instagram. Para manter a descrição dos usuários/comentadores, os nomes das contas foram retirados.

festejar o evento, algumas delas utilizando termos como: Ridículo, tristeza, destroço e cultura zero.

Mais uma vez fica explícito que o significado de dançar é apenas mexer o corpo, ignorando completamente o contexto e significado apresentado pela dança. O que acaba descaracterizando toda uma tradição e cultura construída. Essa exteriorização é uma solicitação sem conhecimento e crítica, que ocorre de forma “espontânea” e numerosa, devido à forte influência do aplicativo.

Isso, igualmente aconteceu nas festas juninas deste ano de 2023, cuja as músicas, as danças e movimentos permaneceram, sendo somente adicionados os novos movimentos miméticos da atualidade. O *hit* do momento, se chamava “Vai novinha ah ah ah”, e envolve na sua composição um dos instrumentos típicos do forró pé de serra que é a sanfona, sendo posteriormente mixada a um batidão, apresentando uma letra bem vulgarizada:

A novinha senta à pampa (ah, novinha)
 Olha a jogada que ela tem (ah, ah, novinha)
 Todo mundo sabe disso (ah, novinha)
 A pegada que ela tem
 Vai, novinha, ah, ah, ah
 Vai, novinha, ah, ah, ah
 Vai, novinha, ah, ah, ah
 Vai, novinha, ah, ah, ah (2x)
 Mo-movimentando, movimentando
 Movimentando, senta e trepa, e trepa, e trepa, e trepa
 (Vai, novinha) trepa, e trepa, e trepa, e trepa, e trepa
 E trepa, e trepa, e tenta

Composição: Dyamante DJ
 Fonte: Spotify

É importante ressaltar que as coreografias do TikTok por serem de curta duração selecionam somente uma parte da música. Inclusive contém inúmeras músicas bem vulgarizadas que se camuflam em recorte de estrofes ou refrãos que não dão o contexto explícito ou inteiro do que se está dançando, como vemos neste exemplo. Entretanto, também há aquelas coreografias bem vulgarizadas com mensagens bem claras e detalhadas sobre o ato sexual.

Sob a percepção do TikTok, a dança enfrenta muitas problemáticas não somente no sentido musical ou aos movimentos miméticos, mas também quanto a robotização e a privação do conhecimento pessoal/corporal e da própria expressão artística. Logo a dança se torna privativa, pois impõe muitos limites coreográficos, expressivos e corporais para poder atender a demanda de espaço e se manter dentro dos limites filmáveis da tela do celular e dos modelos viralizados. Como o conceito das dancinhas geralmente é parado em frente a câmera, os sujeitos

continuadamente deixam de efetuar e experimentar diversos tipos de deslocamentos, eixos e planos. Assim como também não experimentam a liberdade para se expressar “exageradamente”, (certamente por medo de extrapolar os limites da tela e pelo receio do julgamento alheio). Ou seja, tanto essas limitações quanto os padrões de movimento se tornam elementos doutrinadores para o corpo.

Claro que os usuários podem criar sua própria dança, mas em meio a que? a partir do que eles vão criar, se nada foi ensinado ao indivíduo, apenas consumido pelo mesmo reiteradas vezes? Desta forma a probabilidade de reprodução de movimentos é alta, ainda mais sem abordagem crítica desta problemática, e é justamente por esse motivo que vemos o mesmo tipo de movimento sendo utilizado em muitas coreografias distintas. Em concordância a esta afirmativa a TikToker Vanessa Lopes em entrevista à Stoker-Walker (2022, p. 189) comenta que “[...] os passos no TikTok são muito parecidos, você acaba criando uma memória. É só pegar o que você já sabe e encaixar no tempo, na batida e na ordem da coreografia”. O próprio autor do livro complementa:

De fato, se olhar bem, vai perceber gestos que se repetem em todas as danças. Qualquer uma tem a parte em que o bailarino passa a mão no cabelo ou esconde o rosto. Já se a letra usa as palavras "safado", "perigoso" ou "malvado", tenha certeza: logo aparece um chifrinho feito com os dedos (STOKER-WALKER, 2022, p. 189).

Logo, o que o TikTok oferta entra em discordância ao real objetivo da dança, pois ignora as suas possibilidades e conhecimentos, impossibilitando as pessoas vivenciarem-na e exprimirem-se de forma intensa. Portanto a dança é uma prática social e cultural que deveria ser vista e vivida de forma distinta por cada indivíduo e não de forma padronizada.

A pessoa dançante é um composto do seu corpo biológico acrescido de todos afetos que ela experimenta culturalmente, e que traz encarnados na própria pele através da vida social. Ela vive sua experiência sensorial, emocional, intelectual, e espiritual, onde o corpo produz os afetos que se desvelam na dança sob a forma de movimento. (ALMEIDA, 2019, p. 23).

Porém, ao se tratar do TikTok isto não se aplica, pois na robotização³¹ ocasionada por ele, as pessoas são formatadas a dançar de tal forma, devido a dança ser compartilhada, consumida e reproduzida massivamente. No aplicativo por exemplo, podemos encontrar os *Challenges* e as *Trends* que funcionam como ferramentas que contribuem e possibilitam a alta

³¹ Aqui não nos referimos no sentido de movimentos enrijecidos ou emperrados, mas sim como se fosse uma programação robótica que contém as mesmas funções.

difusão da dança enquanto mercadoria, bem como a sua rápida propagação e consumo que viabiliza esta estagnação de movimento.

Uma *trend* se inicia quando uma personalidade da rede social cria algum conteúdo onde outras pessoas se identificam, avaliam e produzem uma cópia dele, gerando conteúdos genéricos com as mesmas músicas, roteiro, filtros etc. Essas tendências estão inseridas dentro de nichos de públicos, fazendo com que pessoas tenham relevância em determinados grupos de pessoas, podendo se tornar uma ótima ferramenta de marketing, dependendo da estratégia, ganham espaço graças ao efeito viral. É através desses nichos que é possível atrair bastante engajamento (GOECKING *et al.*, 2021, p. 6).

Os mesmos autores ainda comentam sobre as problemáticas psicológicas que essa ferramenta ocasiona:

Uma *trend* age como método de agrupar e segmentar pessoas utilizando o interesse comum que podem influenciar em suas vidas, ou atitudes. Pois, após replicarem ou consumirem as *trends*, o indivíduo se torna influenciado pela psicologia de massas, passando a replicar os comportamentos de outros indivíduos de forma alienada, como se fossem contagiados por um poder invisível de forma sincronizada sem questionar seus próprios atos (GOECKING *et al.*, 2021, p. 9).

Logo, é um movimentar sem cultura, sem história, sem significado e isso acaba interferindo no conhecimento da dança enquanto expressão artística, pois gera uma base empobrecida. Sendo ela profunda demais para ser esvaziada desta forma, assim como aponta Diniz (2015, p.1):

Ao tratarmos a dança como linguagem, consideramos que a dança é uma das expressões com as quais o corpo se manifesta e se comunica. Por outro lado, o corpo não é um mero “meio” em que a informação simplesmente passa ou um “lugar” onde as informações são apenas abrigadas. Trata-se do processo e do resultado de cruzamentos das inúmeras informações que chegam através dos vários mecanismos sensoriais todo o tempo durante toda a vida do ser.

Atualmente na dança é isso que o corpo vem se transformado, em um mero meio de abrigar e reproduzir informações que chegam de forma descontextualizada. Sendo que o vasto conhecimento que a dança permite inexistente a classe trabalhadora, pois ela é ofertada sem contexto, totalmente de modo interesseiro e empobrecido pela indústria cultural. Sendo o corpo da classe trabalhadora, apenas um corpo, uma ferramenta, no qual não há necessidade de ter história, contexto ou cultura. Mantendo assim a classe burguesa a par dos conhecimentos culturais e sistematizados, regendo os objetivos e lucros do sistema capitalista a todo vapor.

Inclusive, nas últimas décadas tudo tem se transformado em comércio e mercadoria, indo desde a venda de um produto físico a algo imaterial. Essa questão ficou tão forte que criou-se uma cultura de influenciar pessoas, por conseguinte, isso se tornou uma profissão muito

promovida e exacerbada pela indústria cultural. Digamos que esta seja a mais nova carreira cobiçada do momento: os influenciadores digitais ou conhecidos como *influencers*.

O objetivo desta profissão como o próprio nome já diz é influenciar outras pessoas seja para consumir, comprar, frequentar, seguir, viralizar produtos e ideias, empresas e organizações. Isso tudo é feito através de fotos, vídeos, textos, e até mesmo dancinhas. Portanto somos incessantemente influenciados por pessoas, falas, imagens, notícias, símbolos, propagandas e entre outros meios.

Como já comentado por Stoker-Walker (2022) o TikTok é um aplicativo ambicioso que busca o “domínio mundial”. Para isso investe muito dinheiro em produtos e também em sua equipe, ao qual busca atrair funcionários experientes de empresas concorrentes como o *Facebook*, o *Yahoo* e o *YouTube*, elegendo também pessoas (famosas ou não) engajantes (influenciadores) para que gerem destaque e lucro a marca.

Segundo o Wall Street Journal, a ByteDance desembolsou mais de 1 milhão de dólares para um influenciador não identificado divulgar um único vídeo. "Na verdade, essa é uma estratégia muito comum na China", diz Fabian Ouwehand, que sabe melhor do que ninguém que, na China, essa é uma forma costumeira de atrair criadores para as plataformas de mídia social (STOKER-WALKER, 2022, p. 125).

Já nos EUA, o TikTok contratou *influencers* comediantes, *gamers* e criadores de conteúdo do *YouTube* e *Instagram* para utilizarem e postarem em sua plataforma. O combinado era criar três vídeos por semana, com duração de onze a dezesseis segundos, durante oito semanas. Devido a exclusividade os influenciadores não podiam mencionar outras redes digitais e tinham que incluir a hashtag #TikTokPartner (STOKER-WALKER, 2022). O preço que foi pago no acordo foram os seguintes valores:

- 500 dólares para criarem uma conta;
- 25 dólares a cada vídeo postado.
- 200 dólares para cada vídeo que atingisse 100 mil visualizações;
- 300 dólares a cada 200 mil visualizações;
- 500 dólares para mais de milhão de visualizações

Ou seja, há muito investimento em pessoas que prosperam e geram lucro à empresa, porém essa possibilidade de se tornar conhecido/famoso ou remunerado na plataforma, vem mexendo com a cabeça de muitas pessoas, que de forma sistemática vira uma grande corrida pela fama³². Assim como também desperta curiosidade e interesse das pessoas neste sistema

³² E também uma corrida pela vida perfeita (já que tudo é mostrado nesta perspectiva). Afinal, quem não quer ter uma “vida perfeita”, não é mesmo? Logo, essa ideia acaba se tornando um produto.

pois acaba sendo visto como uma oportunidade de mudança de vida. Contudo, isso se transforma em um ciclo de interesses ao capital baseados em produto e lucro, que manipula e utiliza-se dos sujeitos como seu objeto (COHN, 1977).

No google por exemplo, é possível encontrar inúmeras dicas de como viralizar no TikTok, seguindo as instruções de Santos (2021) colocadas no site Sejaceo algumas delas seriam:

Figura 10: Pesquisa no Google sobre como viralizar no TikTok.

Você quis dizer: como viralizar no *tiktok*

Como ter mais visualizações no Tiktok?

1. Encontre seu nicho. ...
2. Seja frequente (poste todos os dias) ...
3. Defina um horário e crie uma rotina. ...
4. Utilize hashtags específicas para **viralizar no Tiktok**. ...
5. Foque em provocar emoções. ...
6. Mantenha a sua originalidade para **Viralizar no Tiktok**.

Fonte: *Google* (2022)

Podemos perceber na figura dez que essas “dicas valiosas”, destacam a necessidade de se manter alienado ao aplicativo para poder ter sucesso. Observe que se tratam de rotinas fixas com dias e horários pré-determinados, como se os usuários fossem funcionários cumprindo sua jornada de trabalho. São funções que exigem de muito tempo: de ensaio para aprender a “coreografia” do momento, para editar, para a publicação, de interação com seus seguidores e o consumo/pesquisa para novas propostas.

É uma dedicação extrema para tentar alcançar a aceitação, as curtidas, os elogios nos comentários, o perfeccionismo e quem sabe... a fama. Claro que dependendo da influência de alguns usuários, eles podem conseguir patrocínio de marcas famosas ou até mesmo receber dinheiro por isso, não deixando de considerar que assim como a fama vem ela se vai, bem como o tempo que inclui essa dedicação.

Devemos ponderar que são poucos os que conseguem sucesso, a maioria se sujeita a essa alienação de forma gratuita e barata para o capitalismo em troca de: *status*. Eis que surge o trabalho alienado ao qual o indivíduo perde a posse dos meios de produção e passa a ser compreendido como parte da linha de produção, assim como as máquinas e ferramentas. As pessoas acabam assumindo uma única função, sendo esta fundamental para o capitalismo: gerar lucro (BARROS, 2011).

Ainda analisando a figura dez, podemos perceber o quão contraditório é pedir para manter a originalidade ou inovação, quando se é bombardeado de informações e tendências que circulam na mídia. Analisando que hoje em dia se expor nesse ambiente que muitos denominam como “terra sem lei”, pode ser algo perigoso (físico e emocionalmente) pois ao expor suas fragilidades, compartilhar suas ideias e “ser original”, a pessoa estará sujeita a qualquer reação dos usuários, incluindo às linchagens, julgamentos e cancelamentos tanto na internet, quanto fora dela.

Portanto por meio dessas questões vista sob esta ótica retangular que a dança TikTok induz, é possível afirmar que o aplicativo possibilita que a dança seja vista e incorporada de forma consumível e empobrecida, sendo que não contribui para que os sujeitos experimentem o que a dança tem de mais incrível: o direito de se expressar, de se descobrir corporalmente, e aprender a ter uma consciência e conhecimento corporal, artístico, cultural e histórico.

Levando em consideração os estudos de Costa (2013) sobre a indústria cultural, pode-se dizer que essas dancinhas não teriam um caráter vinculado a uma cultura popular, mas sim de uma manifestação maquinal, ou seja, a venda da cultura propagada pelo capitalismo. E a tecnologia enquanto produto dele contribui para esse acesso raso ao conhecimento da dança, sendo que o que era pra ser um ensino/saber qualitativo, formativo acaba sendo tapa buraco de uma programação com fins enriquecedores da indústria cultural, que busca promover grandes empresas e reforçar as condições vigentes (COSTA, 2013).

Concluindo, a dança está sujeita enquanto produto e venda para a indústria cultural, não apenas no TikTok mas também em outros aplicativos. Por esse motivo é urgente e necessário se apropriar desta manifestação artística de forma mais intensa, e não somente dela mas de todos os elementos e conteúdos culturais e históricos, assim como Saviani (2012) comenta sobre sua importância:

[...] nós precisaríamos defender o aprimoramento exatamente do ensino destinado às camadas populares. Essa defesa implica a prioridade de conteúdo. Os conteúdos são fundamentais e sem conteúdos relevantes, conteúdos significativos, a aprendizagem deixa de existir, ela transforma-se num arremedo, ela transforma-se numa farsa. [...] Justamente porque o domínio da cultura constitui instrumento indispensável para a participação política das massas. Se os membros das camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valer seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores que se servem exatamente desses conteúdos culturais para legitimar e consolidar sua dominação (SAVIANI, 2012, p. 55).

Por esse motivo, é preciso reintegrar a rica composição e significados que a dança possibilita à formação humana. Para isso é importante conhecer a origem, a evolução e o significado dela, para mostrar suas múltiplas produções enquanto cultura, enquanto arte,

expressão e movimento, assim também como história e significado. Logo, ela não pode ser reduzida apenas a gestos motores repetitivos, se perdendo em meio a era digital que através de uma programação genérica desenvolve uma dança comercial, reduzindo-a apenas ao “movimentar-se”, ou a um produto.

É preciso que ela seja contextualizada de forma crítica, principalmente no ambiente escolar que tem papel fundamental nas relações sociais, culturais e históricas dos indivíduos, no qual “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2008, p.13, apud SANTOS, 2016, p.7).

A Pedagogia Histórico Crítica enquanto proposta de ensino pode contribuir com esse ensino crítico e transformador de dança nas escolas, pois entende a importância desse conhecimento histórico e cultural para o processo de humanização, afinal pertence a essas pessoas, podendo ser sua realidade vivida ou historicamente agregada.

Existe todo um universo a se conhecer, explorar e se apropriar sobre a trajetória humana, e muitas vezes os estudantes não enxergam necessidade e relevância desses estudos para a vida. Então, não reconhecem a importância e o poder do conhecimento. E sem isso não podemos identificar qual nosso papel atual e onde nos encaixamos na sociedade vigente, deixando para trás todo o conhecimento adquirido.

Por essa razão é necessário entender a trajetória sócio-histórica, e não apenas partir de onde surgimos ou o que diz respeito ao “eu recente”, até por que hoje somos o que somos, e participamos de determinados grupos, temos determinadas funções não apenas pelo o que aconteceu recentemente, mas por consequência de ações que aconteceram no passado, e foi traçado através da história. Por tanto, na perspectiva da PHC é fundamental compreender as condições de produção da dança na história da humanidade para chegar na atualidade do fenômeno.

E a PHC pode ajudar a entender melhor a trajetória humana, por onde já passamos, onde estamos atualmente e para onde estamos sendo conduzidos no futuro. Por esse motivo que o conhecimento não deve ser raso, não deve ser fragmentado.

4. O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA: UM BALANÇO DAS PRODUÇÕES

O presente capítulo teve como objetivo desenvolver um balanço das produções sobre o ensino de dança na escola, e a influência da cultura TikTok presente nesse ambiente e ensino. Ao longo do estudo, analisamos as produções encontradas considerando os referenciais da Pedagogia Histórico-crítica. Das categorias que emergiram dos dados, propomos uma análise por meio desta teoria pedagógica, para possibilitar uma visão atenciosa e crítica aos docentes (e estudantes) acerca dessa temática, a fim de contribuir para o ensino emancipatório desta prática corporal, artística e cultural na escola.

Como forma de delimitar a procura e cercar o objeto de pesquisa, o levantamento de dados ocorreu especificamente em revistas científicas brasileiras, tendo como recorte temporal os anos de 2020 a meados de 2023. Esses quatro anos foram períodos ligados à pandemia (pré, durante e pós), e englobam as diferentes formas de ensino que permearam as escolas: Ensino remoto emergencial, ensino híbrido e o presencial, como veremos posteriormente destacado nas pesquisas.

A escolha pelos periódicos ocorreu porque esse meio possui uma maior abrangência em pesquisa, visto que proporciona um amplo contato com a temática, tornando possível observar outros relatos, perspectivas e experiências de diferentes autores a respeito desta questão. Igualmente as revistas acadêmicas possuem um rigoroso processo de avaliação e, portanto, reúnem pesquisas mais atualizadas de cada área. Desta forma, esta escolha se tornou pertinente à justificativa deste estudo, cujo interesse por esta investigação teve início em meio a uma inquietação da prática docente dentro do ambiente escolar.

As revistas encontradas e aqui listadas no quadro 1, foram resultados de pesquisas nas seguintes plataformas: Scielo, Google Acadêmico e Portal periódico da Capes. A procura se instaurou tendo como base seis descritores: ensino, escola, dança, TikTok, cultura TikTok e tecnologia. Ambos foram selecionados para angariar e cercar estudos nessa vertente e assim contribuir com a discussão, assim se tornaram fatores chaves para desenvolvermos esta pesquisa.

No resultado geral destes descritores de análise foram encontrados treze documentos, sendo sete deles artigos de revistas científicas, dois artigos de anais e quatro capítulos de livro, como organizado no quadro 1:

Quadro 1 - Resultado obtido da classificação das produções científicas

Produção 1 Fonte: Artigos de revista	Produção 2 Fonte: Artigos de Evento	Produção 3 Fonte: Capítulos de livros
1. Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas 2. Novas Tecnologias na Educação 3. Primeira Escrita 4. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento (2 artigos) 5. Research, Society and Development 6. Revista da FUNDARTE	1. Congresso brasileiro de ciências da comunicação – INTERCOM 2. Congresso da associação nacional de pesquisa e pós-graduação em música	1. ANDA – Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (2 livros e 3 capítulos). 2. OIKOS Editora

Fonte: Produzido pela pesquisadora (2023).

Neste quadro acima estão listadas as fontes de referência em que os estudos foram encontrados, dos quais resultaram da procura que se deu por meio dos seis descritores propostos inicialmente por esta pesquisa. Na primeira coluna relativa ao quadro 1 podemos notar que nela constam o nome de seis periódicos, sendo que no periódico número quatro foram encontrados dois artigos. Já na coluna central constam os nomes dos congressos em que esses artigos desta categoria são vinculados. E então a última coluna abarca a editora e a associação responsável pelos livros, considerando que no primeiro tópico desta divisão constam dois livros da mesma Associação, sendo que, em um deles apresenta um único capítulo sobre nossa temática de estudo, já no outro comportam dois capítulos.

Abaixo iremos listar os títulos dos trabalhos que estarão organizados respeitando a ordem colocada acima.

Quadro 2 - Título e ano dos trabalhos referente ao quadro 1

Produção 1 Títulos e anos dos Artigos de revista	Produção 2 Títulos e anos dos Artigos de Evento	Produção 3 Títulos e anos dos Capítulos de livros
---	--	--

<ol style="list-style-type: none"> 1. Diálogos entre Dança na Escola e dança no TikTok: Propostas no ensino remoto (2021). 2. O uso do TikTok no contexto educacional (2020). 3. Os recursos de vídeos disponíveis no Facebook, Instagram e TikTok para o ensino de língua espanhola (2021). 4. A influência da dança na aprendizagem escolar (2022). 5. O ensino da dança nas aulas de educação física e sua influência no bem-estar físico e mental dos alunos do ensino fundamental (2023). 6. O uso da rede social Tik Tok: uma estratégia interativa para o despertar da leitura (2021). 7. Dança, educação e tecnologia: a docência em tempos de pandemia (2021). 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Meu professor é um tiktoker: uso de vídeos curtos como ferramenta educativa em mídias sociais (2020). 2. Uma proposta de categorias de modelos de interação musical nas mídias sociais: Tiktok, engajamento musical e transmidialização do conhecimento musical (2022). 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Livro: Dança e tecnologia: quais danças estão por vir? – <u>Capítulo</u>: Estudos sobre o tiktok: corpos híbridos em processos educativos autônomos em dança (2020). 2. Livro: Processos criativos, formativos e pedagógicos em dança - <u>1º Capítulo</u>: Danças a um click de distância: extremos geográficos e aproximações tecnológicas <u>2º Capítulo</u>: Quais danças estão por-vir: realidade atual de professores de dança durante a pandemia do novo coronavírus no rio grande do norte (2020). 3. Livro: Dança na escola: Pedagogias possíveis de <i>sôras</i> para <i>profes</i> - <u>Capítulo</u>: Experiências artístico-pedagógicas no TikTok: duetos de dança entre professoras e estudantes (2021).
--	---	--

Fonte: Produzido pela pesquisadora (2023).

Esse foi o resultado da coleta de dados realizadas nas plataformas citadas anteriormente. Porém como já destacado, o propósito desta pesquisa teve como campo de investigação os periódicos nacionais, dito isto, a análise foi centrada apenas nos artigos encontrados nesta primeira produção, cujos sete artigos encontrados englobam todo o período temporal destacado para este estudo, conforme disponibilizado no quadro abaixo:

Quadro 3 - Número de pesquisas encontradas nos respectivos anos

Ano da pesquisa	2020	2021	2022	2023
Nº de Artigos encontrados	Um	Quatro	Um	Um

Fonte: Produzido pela pesquisadora (2023).

Inicialmente para que pudéssemos separar o que estava de acordo com nossa pesquisa, realizamos a leitura dos títulos, dos resumos e das palavras-chaves que compunham cada um deles, buscando identificar como estava ocorrendo o ensino da dança na escola por meio do TikTok. Posteriormente foi realizada a leitura na íntegra daqueles que se encaixavam no tema

da pesquisa. Como forma de compartilhar e contextualizarmos nesta primeira etapa, construímos uma pequena ficha técnica para cada artigo, expondo de forma resumida os objetivos dos estudos, bem como as palavras-chaves destacadas nos mesmos:

Quadro 4 – Ficha técnica dos artigos em ordem cronológica (resumos³⁴ e palavras-chave).

Resumo	Palavras-chave
Artigo 1 - O uso do TikTok no contexto educacional – 2020	
Relato de experiência sobre o uso da rede social TikTok no contexto educacional, sendo estudantes matriculados na disciplina de Química. Metodologicamente apoiados no Design Based Research. Afirma-se que vídeos curtos têm potencial para despertar o interesse dos estudantes pelo conteúdo e, que a abordagem humorística contida nos vídeos TikTok, contribui para um aprendizado mais agradável . Assim, o TikTok pode ser útil tanto para distribuição de conteúdo quanto para avaliação.	Redes Sociais. Distribuição de conteúdo na Web. Mediação tecnológica.
Artigo 2 - Diálogos entre Dança na Escola e dança no TikTok: Propostas no ensino remoto - 2021	
O trabalho compartilha proposições de atividades remotas de criação em dança a partir de ferramentas do TikTok, baseado nas experiências de inserção do componente curricular Dança nos Colégios de Aplicação da UFPE e da UFRGS no ano de 2020. A pesquisa reflete sobre os pressupostos teórico-metodológicos dessas propostas em busca de uma práxis dialógica, tendo o recurso Duetos do aplicativo como uma possível metáfora para a construção do conhecimento em Dança na Escola. Esta abordagem possibilitou a investigação em Dança, por docentes e estudantes, de forma horizontal, criativa e contextualizada.	Educação básica. Pedagogia da dança. Redes sociais. Pandemia de COVID-19. Dialogicidade.
Artigo 3 - Os recursos de vídeos disponíveis no Facebook, Instagram e TikTok para o ensino de língua espanhola – 2021	
Trata das possibilidades do uso do recurso de vídeo do Facebook, Instagram e TikTok, nas aulas de Espanhol como língua adicional. Abordando o ensino remoto e híbrido. Evidenciam o potencial pedagógico de alguns recursos de vídeo desses aplicativos. De metodologia qualitativa a investigação discorre sobre o uso dos recursos “Vídeo ao vivo”, no Facebook; “Ao vivo”, no Instagram, e o “Duetto”, no TikTok. Na análise realizada, os três sites de redes sociais permitem produção e compartilhamento de vídeos, interação, armazenamento de arquivos nos próprios aplicativos e podem remeter às práticas sociais dos estudantes.	Redes sociais; tecnologias digitais; multimodalidade.
Artigo 4 - O uso da rede social TikTok: uma estratégia interativa para o despertar da leitura – 2021	

³⁴ As palavras-chaves foram retiradas como constam nos artigos, já alguns resumos estão adaptados, focando de forma mais direta e sucinta aos objetivos de cada trabalho.

<p>A pesquisa bibliográfica de metodologia qualitativa, tem como objetivo sugerir aos professores mais uma opção / ferramenta para o ensino de Língua Portuguesa para trabalhar com turmas do ensino médio com foco na disseminação de indicações de livros feitos pelos próprios alunos, vídeos esses produzidos por eles de forma dinâmica que traz o interesse e o despertar a leitura através das recomendações feitas. Levando em consideração a aceitação das TICs pelos estudantes da escola básica, e que muitas vezes há o despreparo do professor para incentivar e construir esse tipo de trabalho. Diante da dificuldade de conviver com a nova linguagem, questiona-se sobre a base teórica e força da ferramenta vídeo para incentivo da produção de texto. Tem como base o documento de referência, a Base Nacional Comum Curricular— BNCC- orienta e recomenda um ensino interacionista e o uso da TDICs, além do “momento oportuno” da pandemia, que incitou o corpo docente da educação básica a reaprender tecnologias digitais e a mídia na área de Linguagens e suas Tecnologias.</p>	<p>Ensino; Leitores; Letramento literário.</p>
<p>Artigo 5 - Dança, educação e tecnologia: a docência em tempos de pandemia – 2021</p>	
<p>Relato de experiência das autoras ministrando aulas de dança e de movimento corporal em contextos diferentes de ensino. Quais estratégias foram utilizadas para trabalhar dança online? Quais aprendizados os docentes tiveram nesse desafio? Quais conhecimentos podem ser importantes para promover aulas online de maneira mais satisfatória? Tal processo envolveu busca de materiais sobre a tríade dança, tecnologia e educação, entre outras estratégias. Paralelo a isso, desenvolveu-se um questionário a fim de investigar as percepções dos professores do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) acerca do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Após a análise das respostas, verificou-se a dificuldade ou impossibilidade de desenvolver as aulas práticas. Com essa base, relatam-se algumas das experiências de prática de dança</p>	<p>COVID-19; Prática; Dança.</p>
<p>Artigo 6 - A influência da dança na aprendizagem escolar – 2022</p>	
<p>Pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, que apresenta a dança enquanto manifestação corporal, sendo de suma importância no processo educacional devido ser considerada uma manifestação corporal presente no processo da civilização humana desde tempos remotos. Constando que apenas o básico não tem sido suficiente para garantir o seu ensino escolar. O estudo teve como objetivo principal estudar a influência que a dança pode exercer sobre o comportamento e formação das pessoas, e analisar se a dança pode realmente contribuir para a melhoria da aprendizagem do aluno. O estudo mostrou que a dança pode melhorar a aprendizagem, o comportamento social dos alunos, desenvolvendo aspectos motores e cognitivos, que levam à cidadania moral, moldando suas perspectivas e ideias.</p>	<p>Dança; Educação; Aprendizagem.</p>
<p>Artigo 7- O ensino da dança nas aulas de educação física e sua influência no bem-estar físico e mental dos alunos do ensino fundamental – 2023</p>	

<p>A dança vem crescendo gradativamente como atividade extracurricular, mas parece difícil referir-se à dança de ensino escolar. Nesse sentido, a dança requer reflexão, pois existe em diferentes lugares, em diferentes âmbitos e tem diferentes propósitos. Projetos de educação em dança devem ser incentivados nas escolas, devendo haver infraestrutura para isso, como: equipamento de som e salas adequadas. Na educação básica, nas escolas regulares, a dança é um conteúdo da educação física e do setor de artes, que inclui: dança visual, teatral e musical para a aprendizagem (Parâmetros Curriculares Nacionais e na Base Nacional Comum Curricular). De acordo com as diretrizes da Lei n. 9394/1996 e as Bases de Educação, ambas disciplinas obrigatórias, ensinando a diversificação da dança em vários aspectos. A dança desenvolvida pela educação física nas escolas deve-se tornar mais abrangente e diversificada como ferramenta de ensino, ajudando o aluno a se conhecer e a se vivenciar plenamente, desenvolvendo habilidades motoras, psicológicas e perceptivas, contribuindo para o bem-estar físico dos alunos.</p>	<p>Educação Física, Dança, Dança na escola, Ensino Fundamental.</p>
--	---

Fonte: Produzido pela pesquisadora (2023).

Ao compararmos as palavras-chaves dos artigos encontrados, tendo como base, os descritores propostos por nós: ensino, escola, dança, TikTok, tecnologia e cultura TikToker, veremos que o único termo que não foi contemplado nos artigos foi este último. E também, devemos reforçar que por mais que as palavras-chave: ensino e escola, não estejam presente nas palavras-chave de todos os artigos “nomeando seus estudos”, todos em unanimidade abordam essas temáticas, ao qual em alguns artigos surgiram também os termos: aprendizagem e educação.

Logo, foi na escola e por meio do ensino que as outras palavras e termos apareceram e acabaram dando significado a uma educação que se passa em diferentes anos, com diferentes propostas, faixa etárias e pontos de vista, abrindo o leque de possibilidades para a educação, tanto no quesito disciplina/área enquanto propostas, metodologias e formatos de ensino (remoto, híbrido e presencial).

Aliada à pesquisa da palavra-chave: TikTok, podemos observar que no quadro 4, foram encontrados quatro artigos relacionados a ele, nos quais foram abordados no contexto educacional, considerando-o como ferramenta de ensino. Assim sendo o artigo um, dois, três e quatro, versam sobre a questão do ensino na escola em diferentes áreas e disciplinas educacionais: química, dança, espanhol e literatura. Inclusive estes mesmos artigos que não estão vinculados à dança, não entraram para a discussão de análise, pois, não atingiram o recorte do estudo em questão.

Quanto às semelhanças dessas quatro pesquisas - acerca dessa temática do TikTok - ambas abordam sobre o ensino remoto, considerando que o artigo três também agregou o ensino híbrido, inclusive este mesmo artigo também envolveu em seu estudo o uso de outros

aplicativos e plataformas online - *Facebook* e *Instagram* - como possibilidade para o ensino educacional. Ambas pesquisas que envolveram o TikTok o definiram da seguinte forma:

- **Artigo 1 – TikTok e o ensino de química:** “Afirma-se que vídeos curtos têm potencial para despertar o interesse dos estudantes pelo conteúdo e, que a abordagem humorística contida nos vídeos TikTok, contribui para um aprendizado mais agradável. Assim, o TikTok pode ser útil tanto para distribuição de conteúdo quanto para avaliação”.
- **Artigo 2 – TikTok e o ensino da dança:** “Esta abordagem possibilitou a investigação em Dança, por docentes e estudantes, de forma horizontal, criativa e contextualizada”.
- **Artigo 3 – TikTok (e outros) e o ensino de espanhol:** “Na análise realizada, os três sites de redes sociais permitem produção e compartilhamento de vídeos, interação, armazenamento de arquivos nos próprios aplicativos e podem remeter às práticas sociais dos estudantes”.
- **Artigo 4 - TikTok e o ensino da leitura:** “vídeos esses produzidos por eles de forma dinâmica que traz o interesse e o despertar a leitura através das recomendações feitas”.

Logo, todos os quatro artigos mapeados nesta pesquisa defendem o uso do aplicativo TikTok no contexto escolar, considerando-o uma ferramenta de ensino possível e qualitativa para várias áreas e disciplinas escolares. Contudo ambos fazem uma análise deslumbrada e por vezes rasa demais a esta ferramenta, sendo considerada pelo materialismo uma análise precária.

Sobre a análise da palavra-chave: dança, também foi possível encontrar um total de quatro artigos que estão listados no quadro 4 na seguinte ordem: dois, cinco, seis e sete. Estes artigos correlacionam a dança com diferentes áreas e objetivos: a) ao TikTok; b) a educação e tecnologia; c) enquanto proposta de melhorias de aprendizagem; d) enquanto conteúdo para aulas de Educação física proporcionando bem estar físico e mental aos estudantes.

Desses quatro artigos, dois deles envolvem a dança sob o viés da tecnologia digital e aplicativo (artigos dois e cinco) sendo que retratam o estudo no ensino remoto, já os artigos seis e sete fazem a análise do ensino da dança na escola enquanto conteúdo na educação no ensino presencial. O público alvo dos artigos dois, seis e sete são estudantes, bem como analisa a sua relação e vivência com esta prática.

Por vez, o artigo cinco se diferencia por não tratar de um estudo com esse mesmo público, mas sim de professores enquanto docentes desta área e a sua experiência no ensino remoto em meio a pandemia. Este artigo inclusive, empregou uma crítica e enxergou uma problemática no ensino (da dança no caso) por meio da tecnologia digital: “Após a análise das

respostas, verificou-se a dificuldade ou impossibilidade de desenvolver as aulas práticas”, este é o trecho presente neste artigo e que consta no quadro 4, porém, no decorrer da leitura integral do texto encontramos contradições a respeito desta crítica.

Aproveitando a provocação e a crítica do artigo acima, destacamos a necessidade de analisar alguns conceitos e expressões que constam destacadas (em negrito) nos artigos listados no quadro 4, e que merecem uma reflexão mais cuidadosa e crítica sobre esses termos, já que são utilizados em artigos e pesquisas que acabam colaborando e influenciam outros estudos. Deste modo se torna fundamental esclarecer para evitar equívocos de entendimento em sua utilização.

No artigo um por exemplo, três classificações são empregadas no seguinte trecho: “[...] **abordagem humorística** contida nos vídeos TikTok, contribui para um **aprendizado mais agradável**. Assim, o TikTok pode ser útil tanto para **distribuição de conteúdo** quanto para avaliação” (BARIN, ELLEN SOHN, SILVA, 2020, p. 630). O artigo seis de Martins (2022, p. 21) relata: “[...] constando que apenas **o básico não tem sido suficiente** para garantir o seu ensino escolar [...]. E por fim, no artigo quatro é utilizado o termo “**despreparo do professor**” para lidar com as TIC’s³⁵ (POLICARPO, AZEVEDO, MATOS, 2021, p. 1)³⁶.

Começaremos problematizando e desconstruindo o termo “aprendizado mais agradável”, pois é essencial compreender que estudar é uma ação que exige uma dedicação e envolve uma complexidade própria desta função, onde o indivíduo deve assimilar o conhecimento historicamente produzido pela humanidade. O pensar, o refletir, a reorganização, a contextualização e criação, bem como outras questões, são atividades que exigem dos sujeitos um profundo exercício mental.

Desta forma, o aprender envolve rotina, diferentes ciclos, persistência, dificuldades e por esta razão não deve ser romantizado. Logo, é um erro achar que aprender determinado conteúdo deve ser sinônimo de ser legal, “agradável” ou engraçado/divertido. O sinônimo de ensino deve ser: emancipação, aprofundamento, consistência, entre outras qualidades que agregarão ao futuro e presente do sujeito, considerando que a aprendizagem e o estudo são contínuos até a vida adulta.

Entretanto, é pertinente que o docente pode e deve sim, achar meios de conquistar a atenção dos estudantes, sendo que o lúdico, a brincadeira e a tecnologia podem estar presentes

³⁵ TIC’s - Tecnologias da Informação e da Comunicação.

³⁶ POLICARPO, Luma Kathryn Silva; AZEVEDO, Lucy Ferreira; MATOS, Simone Ribeiro. O uso da rede social Tik Tok: uma estratégia interativa para o despertar da leitura. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 13, p. 12, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i13.21119>

neste processo, porém enquanto ferramenta crítica e não mais um elemento de alienação como abordado no capítulo dois. Como aborda Saviani (2012) o professor deve lançar mão de todos os elementos que ampliem as condições de aprendizagem. No entanto pode-se dizer que não se deve tomar como regra a ludicidade, porque muitas vezes descaracteriza o ensino, proporcionando uma quebra e flexibilização que pode acabar comprometendo informações e etapas importantes e basilares ao processo de ensino e aprendizagem. Inclusive, na perspectiva da PHC, uma forma dessa conquista acontecer é fazê-los compreender a importância e função do estudo para sua vida.

Portanto, o objetivo do ensino é educar e preparar o sujeito para transformar as condições de exploração no mundo real, pois o mundo não é assim desta forma lúdica, ele é repleto de obstáculos, cobranças e exigências, portanto não podemos moldar e cristalizar um ensino de faz de contas, sendo que faz parte da formação do estudante aprender a lidar aos poucos com os conteúdos ensinados, bem como encontrar suas facilidades e superar suas dificuldades.

Assim se faz necessário deixar claro que no trecho destacado no artigo um, que retrata a “distribuição de conteúdo”, é incoerente, visto que não podemos considerar o conteúdo enquanto um produto ou elemento de fábrica. Esta proposta poderá ocasionar que este conteúdo venha a ser distribuído em grande escala perdendo sua conexão inicial, o seu contexto, e a problemática é que nem sempre se terá o mesmo propósito ou entendimento de origem, inclusive hoje em dia isso tem possibilitado a inserção de diversas teorias e origens sobre um determinado assunto.

Por inúmeras questões, as mídias digitais não são meios confiáveis para agregar conhecimento, justamente por não ser “terra de ninguém” - como é conhecida - por possibilitar o surgimento de falsos conteúdos - o famoso “disse me disse” ou “eu vi na internet”, são falsas informações que agregam, permeiam e chegam até nossos estudantes como verdade absoluta. Esse incentivo para distribuir o conhecimento - que até pode ser bem informativo - estimula da mesma forma a colheita e aceitação das informações e conteúdo que muitas vezes são inverídicas e pouco críticos, sem contar as *fakenews*.

Logo, o conteúdo não é um produto, ele não é isolado e indissociável da história, ele tem raiz e é interligado por inúmeros fatores e acontecimentos em diferentes contextos sociais e históricos, dito isto ele deve ser ensinado na escola de acordo com a realidade do mundo e não sob ponto de vistas e interesses. Portanto é fundamental que o conteúdo seja mediado por um docente, para que os estudantes tenham acesso a ele de forma sistematizada e histórica, sendo justamente por isso que o básico pode ser sim suficiente para a educação, porque às vezes nesse

inventar de modas se perde o objetivo real do ensino e ele vira enfeite, decoração. Portanto, o básico que é bem-feito garante ao estudante a possibilidade de adquirir o conhecimento, ao contrário do que é dito no artigo seis que “[...] apenas **o básico não tem sido suficiente** para garantir o seu ensino escolar [...]” (MARTINS, 2022, p. 21).

Desta maneira, o desconhecimento por parte de alguns docentes sobre a tecnologia digital não irá interferir na aprendizagem, desde que o ensino seja proporcionado ao estudante por meio de outro modelo. Entretanto não desconsideramos a questão colocada pelo artigo quatro, sobre os professores não estarem preparados para trabalhar por meio das TIC’s, realmente muitos ainda encontram dificuldades, e se faz necessário irem se especializando aos poucos, mas não somente para aprender a manusear, mas também e principalmente, para ter um olhar crítico voltado para esta ferramenta e saber contextualizar seus objetivos que nem sempre são desinteressados e inocentes, identificando se estes contribuem para o ensino crítico e emancipatório dos estudantes.

Durante a seleção e abordagem decorrente desta pesquisa, dos sete artigos identificados nos periódicos, observamos que alguns se afastaram um pouco da proposta aqui apresentada, pois direcionam o foco de seus estudos para outras áreas e conteúdo. Portanto, a fim de atingir nossos objetivos, iremos analisar e nos aprofundar em apenas quatro artigos, que estão diretamente vinculados ao recorte desta pesquisa, sendo eles:

1. Diálogos entre Dança na Escola e Dança no TikTok: Propostas no ensino remoto.
2. A influência da dança na aprendizagem escolar.
3. O ensino da dança nas aulas de educação física e sua influência no bem-estar físico e mental dos alunos do ensino fundamental.
4. Dança, educação e tecnologia: à docência em tempos de pandemia.

Este primeiro artigo é o único que faz a correlação dos dois objetos de análise desta pesquisa: dança e TikTok. Os demais são sobre o ensino da dança, sendo que os três primeiros têm uma visão voltada para a escola e o estudante, já este último apresenta uma visão crítica dos docentes sobre esse ensino nos tempos da pandemia. Os artigos dois e três não envolvem a tecnologia digital em sua proposta de ensino de dança, mas nos dão relatos de como ela vem se caracterizando no ensino ultimamente.

Tendo em consideração esses artigos e temáticas encontradas, no próximo tópico faremos a abordagem mais detalhada dos mesmos, proporcionando um diálogo a partir da visão da PHC, bem como seu posicionamento e contribuições.

4.1 O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA SOB A INFLUÊNCIA DO TIKTOK – UMA VISÃO DA PHC.

Considerando as análises desenvolvidas nos capítulos anteriores, estes tópicos abaixo irão descrever a partir da PHC uma conjuntura sobre o ensino da dança na escola, e as possibilidades de manusear criticamente a plataforma digital TikTok, enquanto ferramenta - ainda que complexa e problemática – passível de crítica e contextualização desse ensino. Deste aplicativo destacaremos alguns elementos que o integram, contextualizando-os para aguçar a percepção crítica dos estudantes sobre esta manifestação artística, tentando romper com algumas interpretações errôneas e limitadas que atravessam a dança e chegam até eles.

Devemos esclarecer, que inicialmente pode parecer contraditório manusear o TikTok como ferramenta possível, para o ensino dessa manifestação artística na escola, já que esta plataforma expõe um padrão determinado e viralizado de movimentos e expressões, e que as experiências, os conhecimentos e as definições sobre o que a dança é, são consumidas de forma restrita e empobrecedora, atribuindo a ela outro papel na sociedade: o de produto. Entretanto, sendo a tecnologia uma produção humana ela precisa ser apropriada, sobretudo de forma crítica. Deste modo nosso propósito é desmistificar a dança enquanto produto da indústria cultural, ensinando-a sob seu real significado enquanto elemento histórico, artístico e cultural, bem como suas possibilidades.

Para isso é necessário aceitar que esta ferramenta emerge e participa de um contexto histórico-social atual da humanidade, estando ela já inserida no cotidiano e rotina dos discentes, visto que é um modismo aceito e reproduzido constantemente por eles, sendo que acabam dialogando e consumindo falsas e limitantes informações, que agravam, descaracterizam e até mesmo aniquilam a visão real dos conhecimentos e que desta forma afetam a sua percepção e o seu entendimento de mundo e sociedade.

É justamente por esse motivo que a escola bem como nós docentes, não devemos negligenciar e ignorar esta demanda e disfunção proporcionada pela indústria cultural, que se aflora dentro deste ambiente de forma solta e inocente. Pelo contrário, devemos enfrenta-las por meio de uma visão crítica que problematize e exponha o viés desse aplicativo, assim como suas problemáticas, ideologias e interferências. Visto que estes pretextos participam efetivamente da educação dos sujeitos bem como da sua constituição enquanto ser humano. E por esse motivo, devemos seguir enquanto movimentos de resistência e luta ao capitalismo e ao que ele prega na sociedade.

Portanto nosso objetivo não é consumir esta plataforma, mas sim contextualizá-la, criando a possibilidade de os estudantes terem uma nova perspectiva a partir dela mesmo. Sendo que iremos desenvolver esta análise com base na PHC, tecendo um olhar voltado para este referencial teórico que defende uma concepção própria de sujeito e de ensino, onde reconhece a sistematização dos conteúdos enquanto possibilitadora da formação crítica, e igualmente de uma educação emancipatória para estudantes da classe trabalhadora.

Consideramos, portanto, que é por meio do ensino sistematizado e da mediação docente, que essa aproximação e abordagem crítica se torna possível e indispensável. Evidenciando-o deste modo a perspectiva crítica e emancipatória da dança no ambiente escolar. Bem como evidenciaremos o termo mediação presente na prática pedagógica.

Deste então, aqui se faz importante deixar claro nosso ponto de vista sobre esta questão, ao qual consideramos que o TikTok sem esta mediação docente sob um olhar crítico, é uma ferramenta extremamente ofensiva e medíocre, que oferta e sujeita a dança enquanto mercadoria. Que deste modo, acaba prejudicando e até mesmo inviabilizando o ensino da dança enquanto manifestação artística e histórica, devido as interferências e problemáticas que já foram discutidas e aprofundadas ao longo do texto.

[...] a dança escolar deve dar aos alunos a oportunidade de desenvolver todas as áreas do seu comportamento humano, através da diversidade e complexidade, oportunizando ao estudante o desenvolvimento mais amplo da sua identidade. Dessa forma, beneficia ao aluno amplas transformações interiores e exteriores, relacionadas à sua conduta, na maneira de se expressar e refletir (VERDERI, 2009, s.p apud MARTINS, 2022, p. 27).

Considerando tais possibilidades e características, o ensino da dança na escola não deve ter como objetivo central o doutrinamento do corpo/movimento, ou seja, oferecer uma padronização de movimento e muitos menos abordá-la apenas enquanto recurso representativo em datas comemorativas e festivas, ou apresentações de gincanas e homenagens. Mas que seja elaborada como função educativa dentro do contexto escolar (MARTINS, 2022).

Por fim, este capítulo será disposto em três tópicos, cujo primeiro já se considera esta introdução. Para os próximos dois momentos iremos realizar a análise sobre os quatro artigos³⁷ de dança: Allemand e Bonfim³⁸ (2021), Valle e Ivanoff (2021), Martins (2022) e Pinho (2023). Utilizamos como base da discussão, o primeiro artigo cuja as autoras retratam a sua pesquisa no ERE, e buscam construir um ensino crítico, através da concepção freiriana, para o ensino da

³⁷ Neles são retratados dois modelos de ensino, pertencente ao recorte temporal desta pesquisa, o ensino presencial e o Ensino Remoto Emergencial (ERE).

³⁸ As autoras também tiveram como análise o artigo de Valle e Ivanoff (2021).

dança na escola por meio do TikTok. Ao qual encontraram nesta plataforma elementos que proporcionam uma discussão, atribuindo possibilidades para manusear este aplicativo como ferramenta de ensino.

Desta forma, o próximo tópico será um diálogo dos artigos de Allemand e Bonfim (2021) e de Valle e Ivanoff (2021) abordando e contextualizando sobre o ERE, considerando que nos tempos pandêmicos este formato proporcionou “[...] uma mudança temporária de ensino para um modo de entrega alternativo devido a circunstâncias de crise” (HODGES et al., 2020, p.6, tradução nossa apud Valle e Ivanoff, 2021, p. 2). Perpassando o ensino da dança neste período e também contribuindo para a viralização e expansão do TikTok, assim como as dancinhas, no qual “moldou a sociedade em um momento em que passamos mais tempo do que nunca em casa, sozinhos, com nossos telefones” (STOKEL-WALKER, 2022, p. 270).

Em seu artigo, Valle e Ivanoff (2021) promovem a reflexão do ERE, analisando a dança dentro deste contexto, e a sua relação com a tecnologia e as mídias digitais³⁹, sob a visão docente para ministrar aulas entre os cursos livres de dança e na graduação. Esse artigo não apresentou uma abordagem teórica precisa, porém nos possibilitou alguns pontos de divergência, ao qual fizemos algumas ressalvas sobre ele.

No terceiro e último tópico deste capítulo, nos aprofundamos nos elementos encontrados por Allemand e Bonfim (2021, p. 28) nesta plataforma, oportunizando um olhar crítico por meio da PHC para observar essas possibilidades encontradas:

[...] foi possível observar o aplicativo como uma ferramenta muito potente de criação artística, em função de seus inúmeros recursos e da facilidade em sua utilização. A experiência nos mostrou que é possível incentivar a criação em dança, em detrimento do ensino reprodutivista, porém, também percebemos que é preciso partir das referências de Dança da comunidade escolar, para chegar a um lugar comum de ensino-aprendizagem, onde as duas partes ensinem e aprendam diferentes formas de se mover e de estar no mundo.

Mesmo divergindo em alguns pontos com as autoras, tomamos como válida algumas reflexões e possibilidades encontradas por elas. Logo, aqui serão discutidas as limitações e problemáticas, bem como as possibilidades e implicações deste ensino presencial da dança, através desses elementos presentes no TikTok. Dialogando também com o artigo de Martins (2022), sob uma análise que explana sobre a dança enquanto fator positivo na aprendizagem escolar. E o artigo de Pinho (2023), que dialoga sobre a influência da dança para o bem-estar

³⁹ Enquanto resultados da tecnologia e mídias digitais, surgiram ao longo desses dois artigos, diferentes abordagens de aplicativos e mídias digitais, que se deram como meio ou ferramenta para o ensino da dança na pandemia como exemplos: o TikTok, Youtube, Moodle, Google Meet e Zoom.

físico e mental dos alunos por meio das aulas de educação física. Sendo que ambos proporcionaram um olhar a importância desse ensino presencial.

[...] o trabalho com o TikTok é um exercício, uma tentativa de aprender com as danças midiáticas, fazendo uso do dispositivo de forma crítica e tendo em mente nossos objetivos para o ensino de Dança na Educação Básica, que vão em busca de proporcionar a investigação e criação de danças e de mundos através da experiência do próprio corpo em movimento (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p. 11).

Contemplamos igualmente esse objetivo proposto, porém destacaremos, alguns pontos frágeis e contraditórios que precisam de reflexão e serem revistos neste artigo, estando passíveis de discussão e contextualização, como por exemplo, essa questão da “tentativa de aprender com as danças midiáticas”, sendo que estamos aqui para abordá-las criticamente e buscamos desconstruí-las, visto que configuram e projetam a dança enquanto mercadoria. Em síntese, nosso propósito é ter um olhar crítico desta ferramenta TikTok voltado para o ensino presencial, por meio de um uso constantemente mediado pelo docente.

4.2 O ERE E SUAS LACUNAS NO ENSINO DA DANÇA

Ao longo dos dois textos que retrataram o Ensino Remoto Emergencial (ERE), pudemos observar algumas semelhanças entre eles, sendo que além do mesmo ano de publicação, ambos artigos se dividem em duas partes, onde apresentam dois olhares sob um mesmo objeto.

O artigo de Valle e Ivanoff (2021) por exemplo, divide sua análise do ensino da dança por meio de duas diferenciadas propostas e ambientes de ensino: graduação e cursos livres. Já o artigo de Allemand e Bonfim (2021) se divide ao relatar uma mesma proposta de ensino da dança em duas escolas públicas de cidades diferentes: Pernambuco e Rio Grande do Sul.

Apesar da organização do ensino remoto em cada uma das duas escolas ter ocorrido com determinadas especificidades [...] as dificuldades também parecem ser muito semelhantes, tanto por parte de docentes como de discentes: falta de acesso à conexão ilimitada de internet, ausência de equipamentos adequados, espaços domésticos transformados em salas de aula, dificuldade de auto-organização para o estudo ou mesmo falta de vontade para a realização das tarefas da escola (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p. 26).

Inclusive esses dois artigos apresentam semelhanças nas análises ao retratarem as fragilidades e problemáticas acerca deste formato de ensino, sendo que muita coisa teve que se adaptar e se ajustar ao novo modelo: o tempo das aulas, a participação, a avaliação, a interação social, o acesso e entre outras inúmeras problemáticas direcionadas ao ERE, atingindo tanto os

estudantes quanto professores, posto que ambos estiveram ligados a problemas relacionados à saúde mental.

Perante o ERE, os docentes tiveram que se reinventar nesse período de caos, onde houve um grande aumento da demanda de trabalho, uma vez que muitos precisaram aprender a utilizar os novos meios de ensino: *feedbacks* e correções por *e-mail* e mídias digitais, *lives* e aulas no *google meets*, alimentação do Portal educacional, atendimento aos grupos de *whatsapp*, criação de *slides* e material impresso e entre outras questões. Além disso “Vieram frustrações, como a dificuldade do espaço físico, de conexão online entre todos e de uma visão ampla e completa do movimento do aluno, assim como perda de alunos e falta de motivação” (VALLE, IVANOFF, 2021, p.12).

Nesse processo muitos dos professores não tiveram apoio na compra dos equipamentos, tendo que muitas vezes bancar com a sua própria fonte de renda, que como explanam (através de uma visão romantizada do processo) Valle e Ivanoff (2021, p. 5-6) não foram baratos:

Outro ponto a enaltecer foi o uso de tecnologia para visualização e ser visualizado. No caso da docência, algumas vezes optamos por utilizar dois dispositivos – celular e computador. O celular para captação da imagem, mais afastado para possibilitar a visão do todo; e o computador, se possível conectado a uma TV com tela maior, para auxiliar na visualização dos alunos e, também, para entregar a imagem de outro ângulo da professora, principalmente no caso de demonstração. [...] O uso de sonoridades também exigiu que se providenciasse um equipamento potente e se aprendesse sobre a equalização entre a voz e a música. [...] Vale destacar que os alunos visualizam melhor o vídeo se o fundo for neutro e liso, contrastando com o movente, e que a filmagem de mais de um ângulo amplia e melhora a visualização dos deslocamentos e da tridimensionalidade do movimento.

Através dessa citação, podemos notar as múltiplas ferramentas de trabalho que os professores tiveram que se apropriar, para oportunizar o melhor ensino possível, para que os estudantes que conseguiram estar *online* alcançassem o conhecimento. Mas, também podemos observar uma visão das autoras muito distante da realidade, sendo um tanto exagerado “enaltecer” a uma tecnologia que nem sempre é uma ferramenta passível de opção para tê-las, custam caro, e romantizar isso é um problema, pois defende um ensino excludente. Ao qual é crucial refletir sobre este processo de forma crítica pois deve-se considerar - bem como abordado por elas - que nem todos os estudantes e professores tiveram as mesmas condições e facilidades de acesso e instrumentos.

Já os que tinham acesso à internet, foram permeados por outras barreiras e dificuldades, como por exemplo, a exposição as câmeras e vídeos. A câmera frontal do celular passou a funcionar como um espelho que “[...] exibe essa imagem para o público, o que contribui para aprofundar diversos problemas relacionados à autoimagem e a autoestima [...]” (ALLEMAND,

BONFIM, 2021, p. 28). Esta adversidade acabou atingindo professores e estudantes, mas principalmente este último público, que na adolescência enfrentam essas questões e que no período pandêmico se agravaram.

Justificativa possível para tantas câmeras desligadas nas aulas síncronas. Allemand e Bonfim (2021, p. 27) comentam que enfrentaram “[...] o desafio de ministrar aulas de prática de corpo e movimento muitas vezes sem ver as pessoas e até nos perguntamos se a proposta está realmente sendo realizada”. Deste modo, muitas das propostas ficavam inviáveis de serem cumpridas e avaliadas, e acabaram não respondendo aos objetivos de ensino que ficaram difíceis de mensurar (ALLEMAND, BONFIM, 2021; VALLE, IVANOFF, 2021).

Segundo Allemand e Bonfim (2021), neste período que abarcou o ensino remoto, as atividades pedagógicas funcionavam de forma síncronas e assíncronas, sendo que este primeiro método foi extremamente cansativo e desgastante, cujas características ocasionaram a diminuição do tempo de aula neste período. Valle e Ivanoff (2021, p. 6) retratam como ocorreu essa redução no ensino da dança nos cursos livres, mudança esta que também aconteceu nas escolas regulares.

[...] alteramos a frequência e duração das aulas, tendo em vista que, com a migração para o formato online, percebemos que os alunos cansavam muito em 90 minutos: chegavam ao final da aula exauridos, física e mentalmente, o que não acontecia na aula presencial. Com uma redução de tempo para 40 minutos, mais dias por semana, o rendimento passou a ser mais satisfatório.

Devemos considerar, que ao mesmo tempo que essa diminuição foi necessária, por melhorar a concentração e o trabalho que já estava exaustivo, esse encurtamento acabou segregando e empobrecendo ainda mais o ensino da dança, já que nesta manifestação artística o corpo tem toda uma preparação que exige calma e tempo, para aquecer, alongar, efetuar os exercícios e dinâmicas e também relaxar. Em vista disto, com esta redução esse processo ficou abatido, atrapalhando desta forma na contextualização que passou a ser taxativa e acelerada, o que acabou condensando e atropelando os conteúdos. Considerando além disso que:

As aulas, devido a todas essas circunstâncias, não eram completas, isto é, optou-se por evitar exercícios com deslocamentos, bem como atividades de maior impacto ou que exigissem teto com pé direito alto, como saltos. Nesse sentido, priorizou-se a manutenção das habilidades físicas, do que propriamente desenvolvê-las (eventual acréscimo técnico foi consequência). Dessa forma, para compensar o trabalho cardiorrespiratório e de saltos, sugeria-se corrida ao ar livre, permitida pelas autoridades, assim como pular corda (VALLE, IVANOFF, 2021, p. 6-7).

Em outras palavras, a aula de dança ficou toda picotada tanto em tempo, quanto em proposta, tendo que ser complementada por outros exercícios e modalidades, que por vezes também desenvolviam o cardiorrespiratório, porém não desenvolviam o salto⁴⁰ e outros elementos próprios da dança e que precisariam ser ensinados. Somando a isso, ainda temos a defasagem da correção (manual), já que esse meio remoto não possibilitou o toque e a aproximação com os estudantes, o que na prática é muito importante, devido a consciência corporal ainda estar em desenvolvimento.

Do mesmo modo, a demonstração visual e correção (verbal) também se tornam insuficientes, considerando as dificuldades em englobar as diferentes dimensões do movimento em ângulos, planos e eixos, principalmente para estudantes que ainda não adquiriram a tal consciência corporal. Como por exemplo em um pedido simples para “encaixar o quadril” ou “abaixar os ombros”, que para atingir a correção solicitada, geralmente o estudante tende a movimentar outras partes desnecessárias do corpo e que poderiam estar corretas. Dito isso, muitas informações verbais não conseguem ser compreendidas pelos estudantes, sendo que presencialmente essa correção verbal ocorre com o auxílio manual do toque, sendo uma forma mais direta e pontual.

Em suma, podemos observar que este modelo de ensino causou um empobrecimento no ensino da dança, apresentando impedimentos para manter um diálogo constante e fluído com os discentes, bem como de correções, orientações, movimentos, e de espaço (como veremos a seguir), sendo que no ensino presencial isso manifesta-se de forma intencional e ritmada no decorrer da aula e propostas. É possível afirmar que ambos participantes desse processo foram prejudicados com o ERE.

Segundo Allemand e Bonfim (2021, p. 7) os estudantes também tiveram “[...] uma sensação constante de sufocamento devido à sobrecarga de tarefas”. Sendo que “O ERE exige um trabalho de autonomia, maturidade e organização por parte dos alunos, que muitas vezes passavam por momentos tensos devido à pandemia e sem condições emocionais de atender às disciplinas” (VALLE, IVANOFF, 2021, p.13).

Nas mudanças que tangenciaram as aulas dos cursos livres de dança, por exemplo, - tendo como objetivo o ensino do ballet e outras modalidades - os alunos passaram a preparar o ambiente para a prática, adaptando o espaço com a retirada de objetos, para desta forma criar

⁴⁰ Sendo que o salto é um elemento essencial, utilizado com técnica em diferentes modalidades e estilos dançantes e também surge como elemento que possibilita a criação e a descoberta corporal.

uma maior área para poder se movimentar e também tentar evitar lesões, se atentando ao piso⁴¹ considerando que “[...] pisos de pedra dura e gelada não eram os mais adequados, e os rejuntas também podem machucar o pé descalço. Assim, colchonetes, sapatos de dança e outros apetrechos tiveram que ser mobilizados em cada situação” (VALLE, IVANOFF, 2021, p.5).

Além dessa atenção ao piso, ao espaço, aos móveis e apetrechos adaptados, igualmente foi solicitada uma atenção por parte dos estudantes quanto a ventilação e a uma temperatura adequada e equilibrada ao ambiente. Sendo que alguns objetos também precisaram de adaptação, como por exemplo, a barra do ballet que foi improvisada e substituída por uma cadeira (VALLE, IVANOFF, 2021).

Mesmo considerando os esforços das docentes, e tendo ciência que essas eram as opções viáveis que se tinham para o momento de distanciamento e isolamento social, é entristecedor ver a dança tão limitada, e não só ela, mas também o sujeito que se torna desconfortável nessa prática. Sendo que essas variações no caso da cadeira, do chão, do espaço e entre outras questões, apresentam restrições, instabilidade e insegurança para fazer os movimentos, principalmente os de grande amplitude, interferindo assim na aprendizagem dos estudantes em sua prática.

Essas questões e levantamentos sobre estas problemáticas de espaço e prática, também nos levam a refletir sobre as diferenças não apenas de ensino propriamente dito, mas de classes sociais. Ao qual, no artigo de Valle e Ivanoff (2021) as famílias que puderam pagar pelo ensino, - mesmo que adaptado e desta forma com qualidade diminuída - tiveram acesso ao conhecimento sistematizado enquanto elemento cultural no período pandêmico. Já as famílias de baixa renda... será que tiveram acesso qualificado a internet? será que tiveram acesso a este conhecimento? Será que conseguiram acessar as aulas neste período, sendo de dança ou não? Como ficaria esse ensino descrito pelas autoras, sendo que muitas vezes os estudantes vivem de forma precária, com casas extremamente pequenas que por vezes dividem esse espaço com muitas pessoas, considerando igualmente que nem sempre há móveis, como por exemplo, cadeiras. Sem considerar outras questões que influenciariam no seu acesso a aprendizagem, como eletrônicos, alimentação, saúde, higiene e entre outros. Como seria essa improvisação da improvisação para a classe trabalhadora?

Desta forma, se torna extremamente necessário destacarmos nesta análise, a importância do ensino presencial como meio de proporcionar uma educação de excelência, mesmo considerando as problemáticas que lhe atravessam. Fazendo assim, um paradoxo do quanto a

⁴¹ Para a dança existem pisos apropriados e específicos para esta prática, considerando que possuem certa mobilidade, temperatura e aderência (VALLE, IVANOFF, 2021).

tecnologia analógica e digital tem se tornado essencial a humanidade, devido trazer muitas possibilidades para a vida e para o ser humano, entretanto sob comparação de educação, é gritante a diferença de ensinamentos e possibilidades que surgem a partir delas.

Logo, as tecnologias analógicas e digitais podem ser ferramentas utilizadas como parte do ensino presencial - sendo investigados os vieses desse ensino - contudo, consideramos que esse modelo de ensino virtual por meio delas foi uma experiência e proposta limitadora e de exclusão, desde o acesso, ao ambiente e condições, possibilitando que determinado grupo tivesse acesso ao conhecimento e o outro não (ALLEMAND, BONFIM, 2021).

Quando refletirmos sobre as diferenças de classes que se instauraram nesse período pandêmico no ensino da dança (e nos demais), devemos ser críticos sobre quaisquer elogios ao ERE. Ao qual é importante considerar a própria limitação deste método e as limitações impostas por ele aos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, que mesmo assim fizeram o que estavam ao seu alcance para dar conta desse processo.

Portanto, o ERE criou uma barreira entre aluno e professor, que dificultou e inviabilizou a troca de saberes por meio da mediação docente (que acontece corriqueiramente no ensino presencial), o que proporcionou uma quebra no ensino enquanto objetivo de educação, assim como podemos notar nas reflexões de Allemand e Bonfim (2021, p. 18) ao qual o ensino “[...] naquele momento inicial da pandemia, mais importante do que aprender determinados conteúdos de Dança, o objetivo das atividades estava mais focado no bem-estar discente e na manutenção de vínculo com a escola”.

Pelos relatos de Valle e Ivanoff (2021) e Allemand e Bonfim (2021), podemos alegar que o ensino da dança neste período se transformou em uma tremenda gambiarra. Ao qual, pudemos observar que passamos este período pandêmico administrando e modificando tarefas e funções que passaram a existir. Sendo que no ensino da dança tudo teve que ser improvisado e adaptado, onde a barra que antes era confiável e permitia movimentação segura, agora se transforma em uma cadeira totalmente instável e inadequada; o chão machuca ao desenvolver os exercícios; é o aluno que tem que ter a percepção das coisas que o cercam; sendo que a mediação do docente ficou empobrecida, bem como a aprendizagem dos estudantes, “[...] obrigando alunos e professores a se adaptar e voltarem sua atenção a algo que, talvez, nas aulas presenciais não devia necessariamente ser uma dificuldade” (VALLE, IVANOFF, 2021, p.5).

Destacamos que estas autoras mesmo apresentando um leque de problemáticas ao ERE, há momentos no artigo que elas contradizem estas questões levantadas inicialmente, e efetuam algumas análises sobre uma visão pomposa e romantizada sobre este formato de ensino, por horas defendendo e instigando-o: “Não pretendemos apresentar aqui soluções definitivas para

a problemática do ensino de dança online, mas, isto sim, vislumbrar alternativas viáveis para o prosseguimento desse formato de ensino ainda necessário” (VALLE, IVANOFF, 2021, p. 14).

A defesa desta visão romantizada não nos apetece, pois em nossa concepção, cujo objetivo é a emancipação do sujeito por meio da apropriação dos conteúdos sistematizados e de excelência, é conflituoso e inviável continuar defendendo e vendo com bons olhos, um ensino emergencial que foi improvisado e muito defasado. Ocasionalmente em um trabalho remoto caótico e repleto de insuficiências, inclusive como abordado pelas próprias autoras.

Posto tais argumentos, consideramos que o ERE foi um meio fraco e limitante para desenvolver um trabalho de excelência e emancipador com os estudantes no ensino da dança, cujo ensino foi realizado neste momento caótico pelas mesmas definições que atravessaram o termo ERE no decorrer do texto, como por exemplo, ajuste, variação, adaptado, mudanças e improvisações. Isso foi um fator limitador na dança (e também fora dela) em muitos aspectos. Portanto defendemos que o ERE, bem como qualquer outra forma de ensino remoto e virtual se torna inviável ao ensino da dança.

Desta forma no tópico seguinte abordaremos o ensino da dança na escola no modelo presencial, através do aplicativo TikTok. Sendo ele uma das maiores plataformas de dancinhas, que se ascendeu principalmente pela “influência” dos tempos pandêmicos, e tem se tornando uma sensação nos dias de hoje para todas as idades. E é por esse motivo que a seguir o contextualizaremos sob esse viés crítico da PHC, o possibilitando enquanto ferramenta crítica sob a mediação docente, proporcionando elementos que descontextualize a dança enquanto produto da indústria cultural, e possibilite elementos para uma abordagem emancipatória do sujeito sobre esta manifestação artística.

4.3 TIKTOK ENQUANTO FERRAMENTA CRÍTICA PARA O ENSINO DA DANÇA NA ESCOLA: UM OLHAR A PARTIR DA PHC

De acordo com a discussão realizada até o momento, é possível observar que mesmo a dança estando bem presente na escola ela não é discutida enquanto conteúdo, o que não garante seu ensino escolar e ainda contribui com a reprodução que chega até ela (MARTINS, 2022; PINHO, 2023). Pinho (2023, p. 114) afirma que “Tudo o que tem a ver com a dança no ambiente escolar é um desafio, porque raramente esta prática é discutida na escola”.

Segundo Allemand e Bonfim (2021), no Brasil a dança na Educação Básica é abordada em diferentes áreas de atuação, podendo ser ensinada por docentes com formação em Licenciatura em Dança, em Educação Física e em Artes Visuais. Sendo que as duas últimas,

pertencem enquanto conteúdo curricular e são disciplinas obrigatórias, assim como expresso nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na Base Nacional Comum Curricular (PINHO, 2023).

Ambas as áreas devem ensinar a dança em vários aspectos apresentando a sua diversificação, oferecendo informações, possibilidades e elementos que proporcionem acesso às vivências e experiências dos alunos de forma intelectual, corporal, social, cultural e expressiva. Objetivando o conhecimento da dança de forma íntegra, contemplando-a no seu sentido histórico, artístico e cultural (PINHO, 2023).

Pinho (2023) afirma que esse conteúdo tem permeado para além das salas de aulas, bem como vem ganhando gradativamente espaço, enquanto atividade extraclasse, e estando também presentes enquanto manifestação abordada pelos próprios estudantes “que se movem de diversas maneiras e a partir de diferentes referenciais de dança, muitos deles ensinados pela mídia” (ALLEMAND, BONFIM, 2001, p. 4).

Desse modo, a dança acaba se inserindo neste contexto educacional por meio de currículos ou não, e conseqüentemente nem sempre realizada e abordada sob a mediação docente. Logo se destaca a importância da sua contextualização, pois ela “[...] existe em diferentes lugares, em diferentes âmbitos e tem diferentes propósitos” (PINHO, 2023, p. 112).

Segundo Allemand e Bonfim (2021, p.5) nos anos de 2020 e 2021 em virtude da pandemia, o TikTok “tem alimentado os imaginários de dança de uma grande quantidade de jovens estudantes especialmente daquelas pessoas vinculadas ao Ensino Fundamental II e ao Ensino Médio”. Em seu livro *TikTok Boom*, Stokel-Walker (2022, p. 270) comenta sobre o mesmo período pandêmico em que a dança recebeu destaque nesta plataforma, “O aplicativo normalizou dançar em filas de supermercados e em canteiros de obras e familiarizou toda uma geração com as complexidades de aprender rotinas cuidadosamente coreografadas”.

A normalização foi tanta nesse aplicativo que isso acabou se configurando como definição e significado de dança. Partindo do senso comum, muitos jovens defendem que esta manifestação está mais valorizada, em ascensão, pois entendem que para valorizar algo basta colocá-lo em destaque, em evidência.

Pelo menos é assim que tem funcionado na mídia digital TikTok, desta forma os estudantes reproduzem uma dança incessantemente sob qualquer contexto e movimento. Cujo objetivo não é promover um olhar de destaque ou valorizá-la, mas sim conseguir: curtidas, viralização, fama, dinheiro e entre outras questões e interesses já abordadas no capítulo dois dessa pesquisa.

Contudo, o que realmente ocorre é uma desvirtuação em grande escala sobre o contexto da dança, ao qual se perde o aspecto cultural e histórico, assim como o significado artístico que

se esvai, e também a origem ou modalidade de uma dança que desaparece. Sendo que nos dias atuais muitos jovens, crianças e até mesmo adultos reproduzem movimentos, dançam, mas não identificam o conhecimento envolto acerca desta prática e do seu próprio corpo, assim como não sabem desenvolver-se expressivamente, e muito menos corporalmente, tudo o que sabem muitas vezes é seguir padrões, é algo mediatizado, automático e sem pensamento crítico.

Nessa descontextualização eminente que a dança enfrenta, devemos ensinar e incentivar os estudantes a conhecer sobre a trajetória história da dança, suas técnicas e modalidades, bem como as possibilidades de se mover e se expressar no mundo, adquirindo dessa forma a consciência desses movimentos, assim como as culturas que dela emergem.

Desta forma, defendemos a efetivação dos saberes sistematizados por meio da PHC, que além de promover o conteúdo enquanto conhecimento vinculado a história e cultura, possibilita pensar o pensamento, refletir sobre ele, e buscar a criticidade na informação como modo de aprofundar o conhecimento. Logo, esta pedagogia possibilita por meio de um ensino crítico e emancipador, tornar o indivíduo capaz de conhecer e se apropriar da dança enquanto conhecimento e suas possibilidade de crítica, por considerá-lo enquanto sujeito social e histórico (SAVIANI, 2012). Sendo a dança parte desse processo de humanização.

A dança faz parte do tecido histórico da humanidade, sendo construída a partir da mistura e diversidade civilizacional, necessidades, cultos e crenças. Nesse sentido, a dança é uma expressão cultural que combina: movimento físico, música, ritmo, expressão e emoções múltiplas. A dança como expressão cultural tem história, cultura, sensibilidade e significado do povo que ela reproduz, sendo uma forma de linguagem, um modo de expressão que interage com o mundo (PINHO, 2023, p. 113).

Justamente por isso, que identificamos a importância da aceitação e valorização da dança, principalmente dentro do ambiente escolar, sendo que esta manifestação artística enfrenta muitas barreiras que precisam ser desconstruídas, como por exemplo, a discriminação de gênero, os preconceitos culturais, corporais e religiosos, também enquanto profissão, além de ser diminuída e descontextualizada pela indústria cultural, que se utiliza dela como mercadoria para enriquecer o capital.

Por esta razão não reconhecemos que este aplicativo por si só possibilite a valorização da dança, pois, promove ela por meio de “rotinas coreografadas” e moldes prontos que esta plataforma viraliza, um exemplo claro disto vimos no capítulo dois, sobre a festa tradicional junina sendo invadida⁴² e descaracterizada pela “cultura” TikToker.

⁴² Estamos acabando de descrever esta dissertação em meados dessa época festiva, sendo que na escola ainda é possível ver efetivado o interesse e a insistência de alguns docentes em ensaiar este tipo de dança.

Allemand e Bonfim (2021) refletem sobre este novo olhar a dança, inclusive elas abordam ao longo de seu artigo diferentes termos para retrata-la: “dança da juventude”, a “geração TikTok”, considerando que essas são “produções de dança que estão “na moda”. O que apresenta disparidade sobre o ensino da dança na escola, quando comparadas com pesquisas de anos atrás:

Quando se fala em dança na escola, milhares de imagens começam a povoar nossas mentes. [...] Ao chegarmos nas instituições, costumamos interrogar as crianças e os adolescentes sobre sua compreensão de dança. É interessante observar que, se há alguns anos atrás, a primeira imagem que vinha à mente destes jovens era a figura da bailarina clássica nas pontas dos pés, hoje essa imagem (embora ainda presente) já está sendo substituída por outras trazidas pela mídia. As respostas variam entre as dançarinas do “Tchan” e algumas popstars norte americanas (nota-se a predominância da figura feminina). Quando interrogados, então, sobre o que querem aprender numa aula de dança, as respostas se multiplicam, indo do ballet clássico às danças de rua (STRAZZACAPPA, 2001, p.71).

Em relação a este trecho acima, destacamos que segundo a PHC essa primeira “compreensão” do que é a dança para os estudantes, se torna essencial para identificar a prática social inicial⁴³. É de onde o estudo deve partir, no sentido de tirar o estudante dessa condição de senso comum e mediá-lo por meio do conhecimento para uma situação de consciência filosófica. Neste sentido, considerando a realidade e o conhecimento prévio que os discentes têm sobre o conteúdo, tentando, portanto, alcançar o conhecimento já elevado mediado pelo docente, chegando a própria síntese. Proporcionando neste processo, o desenvolvimento dos estudantes que adquirem e melhoram essa prática/conhecimento social. Sendo o conhecimento viabilizado por meio dos saberes sistematizados historicamente e culturalmente.

O trecho acima de Strazzacappa (2001) se refere as respostas obtidas sobre o ensino da dança no início do século atual. Contudo após os anos se passarem muitas informações e interesses permearam o mundo da dança e foram transformando-o. As preferências que lá existiam principalmente por um estilo/modalidade de dança, agora dividem espaço com o modismo atual proporcionado pelas mídias digitais, pois “[...] se somam ao interesse pelo funk, pelo brega, pelo passinho, pelo Hip Hop, pela Fitdance⁴⁴, pelo K-pop⁴⁵ e, especialmente desde o ano de 2019, as danças e o modo de produzir dança que circulam no TikTok também habitam os referenciais da juventude” (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p.5).

⁴³ Identificada por Saviani (2012), como “etapa” do processo que faz parte do processo de ensino, sendo que essa se correlaciona de forma dinâmica as demais.

⁴⁴ Fitdance é uma atividade aeróbica na qual coreografias, elaboradas a partir de mistura de ritmos, são reproduzidas com o intuito de gasto calórico (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p.5).

⁴⁵ K-pop, abreviação de korean pop, é uma dança relacionada a um gênero musical sul-coreano (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p.5).

Allemand e Bonfim (2021, p. 11) defendem que deve haver um “[...] equilíbrio entre nossos saberes de dança e os referenciais de dança de estudantes de nossas escolas [...]”, contudo discordamos desse posicionamento, pois acreditamos que o docente estuda por muitos anos e se calça de muito conhecimento sistematizado, para no fim “equilibrar” tantos anos a um modismo, sendo que na concepção da PHC isso seria algo impossível e inviável.

Além do que “Ressalta-se que a dança é uma cultura, uma expressão corporal, uma comunicação e, por isso, contém muitos conceitos que precisam ser compreendidos e estudados de forma específica” (PINHO, 2023, p. 113). Claro que isso não diminui nem impede que dialoguemos com nossos estudantes, desde que na perspectiva crítica, onde devemos enquanto docente fazer nosso papel, que é ensinar, não equilibrar os conhecimentos da prática inicial como se estes fossem uma verdade, é necessário ir à essência do conhecimento desvelando o fenômeno aparente.

[...] Os indivíduos, tanto estudantes como docentes, trazem uma carga de conhecimentos prévios, experiências e expectativas em relação à Dança, além das influências de sua geração e de paradigmas que orientam as suas relações com o corpo e o movimento. [...] Nesse sentido, entendemos que não é possível ser professora de Dança de uma geração Tiktok sem considerar o que é produzido neste aplicativo (ALLEMAND e BONFIM, 2021, p. 12).

É importante destacar que o professor deve considerar o contexto atual em que a dança está inserida no cotidiano dos estudantes, até mesmo porque como retratado acima são “influências de sua geração”. Inclusive na vertente da PHC, o docente irá se deparar com essa questão logo no início, no momento de Síncrise, já que no ensino da dança cada estudante traz suas experiências e conhecimentos prévios sobre o conteúdo.

Portanto não há como não “considerar o que é produzido neste aplicativo”, até mesmo porque é algo pertencente a história atual, e irá permear cotidianamente tanto as aulas práticas, nas movimentações idênticas dessa “geração TikTok”, quanto na teoria, cuja interferência está impregnada enquanto conceito e definição de dança.

[...] a dança em seu contexto escolar pode se configurar como um conteúdo, que ao ser trabalhado pode viabilizar um caráter culturalmente constituído pelos gestos e expressão, buscando potencializar a expressão corporal, uma forma de linguagem, um conhecimento universal e um patrimônio da humanidade que igualmente precisa ser transmitido e assimilado pelos alunos. (COLETIVO DE AUTORES, 1992 apud MARTINS, 2022 p. 29).

Por entendermos que esses conhecimentos e manifestações atravessam as aulas, e permeiam o espaço escolar de forma indiretamente e acrítica, e apresentam interferência sobre

a educação dos educandos, é que eles fazem parte da nossa problematização⁴⁶. Sendo que se torna papel da escola e docentes abordar esse conhecimento por meio de uma análise crítica, saindo de uma análise imediata do conhecimento empírico, para entrar na problematização do conhecimento.

Deste modo estimulando os alunos a perceberem as contradições e por meio delas avançarem na compreensão da dança como produto histórico que se transforma também por necessidade do capitalismo, e por isso que “Percebe-se que o aplicativo, além de produzir novos tipos de dança e, por isso, novos discursos sobre dança, abre uma nova forma de aprender em dança [...] a mídia torna-se um dispositivo pedagógico para a dança” (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p. 12).

Entretanto, sob a visão crítica do docente que irá mediar esse processo de ensino, essa plataforma deverá ser contextualizada não necessariamente desenvolvendo elementos e movimentos presentes nela, mas que utilize a mesma para desconstruir esse conhecimento de dança enquanto produto industrial. Ao qual o docente por meio da dança deve buscar alcançar novas propostas, bem como criar novos desafios, que permitam direcionar o ensino para os saberes historicamente produzidos bem outras modalidades de dança e também a possibilidade dos movimentos.

Inclusive Vigotski (1991, apud MARTINS, 2022) “aponta que é necessário que os professores desafiem o nível dos alunos, não desrespeitando seus conhecimentos e experiências anteriores, mas que olhem para o futuro, para as habilidades que terão desenvolvimento, socializando a experiência cultural acumulada na história humana”. Considerando que a dança permite aperfeiçoar as habilidades dos estudantes, bem como complementar a sua educação (PINHO, 2023).

Com base nesta questão, iremos nos aprofundar na obra de Allemand e Bonfim (2021), sendo que as autoras exploraram o TikTok enquanto ferramenta de ensino da dança no ERE, ao qual identificaram meios para proporcionar o desenvolvimento e criação coreográfica dos estudantes. Entretanto ressaltamos que nossa proposta é analisar esses elementos presentes neste aplicativo, como forma de contextualizar o TikTok sob a mediação do professor, no ensino presencial. Pois é preciso trabalhar com o TikTok para desmistificar suas contradições como dança, como produção capaz de humanizar. Então usaríamos o aplicativo para desmascará-lo e não para ver nele alguma possibilidade de humanização.

⁴⁶ Identificada por Saviani (2012), como “etapa” do processo que faz parte do processo de ensino, sendo que essa se correlaciona de forma dinâmica as demais.

As autoras utilizaram-se dos recursos como as *trends*, os tutoriais, os memes, os duetos, e os diferentes tipos de efeitos que existiam (e ainda existem) no TikTok. Foram utilizados pelas autoras o efeito do espelho e o efeito da imagem congelada, onde este último “proporciona que uma imagem, em uma determinada posição, permaneça na tela para que a pessoa possa interagir com ela mesma” (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p. 23-24). Considerando que a maioria dessas ferramentas são muito populares em vídeos de humor.

Destacamos que iremos analisar e desenvolver algumas dessas possibilidades e alternativas para pensar a dança na perspectiva escolar, bem como contextualizar algumas problemáticas encontradas nesta obra e elementos. Considerando que nosso olhar é voltado para o ensino presencial da dança na escola. Sendo necessária à instrumentalização⁴⁷, essa apropriação, investigação e também experiência teórico-prática sobre o conteúdo TikTok entre professores e alunos tendo como base a discussão dos elementos como forma de desenvolver a problematização levantada.

Enquanto autoras e também docentes de dança Allemand e Bonfim (2021, p. 8) relatam que inicialmente não parecia ser uma boa ideia utilizar o TikTok no ensino da dança, pois segundo elas as suas concepções de criação e ensino de dança, igualmente como as preferências estéticas divergiam e se “[...] afastavam dos modos de produção das “dancinhas” do TikTok, que, à primeira vista, nos pareciam deveras reprodutivistas e simplistas”.

Porém, as autoras comentam que com a chegada do ERE, a educação teve que se moldar em novos formatos e isso aguçou explorar novas ferramentas para atingir este novo modelo de ensino. Este foi um dos principais motivos que as levaram a investigar esta plataforma e a desenvolver propostas para a dança através dela, além do que, foi levado em conta que essa era uma demanda oriunda da realidade dos estudantes - diferente da nossa concepção, já que o cotidiano impulsiona a didática - e igualmente serviria como forma de manter conexão com os estudantes durante este tempo pandêmico.

Para nossa surpresa, a plataforma mostrou-se bastante aberta para diversas possibilidades criativas, especialmente em função dos efeitos, filtros e ferramentas de edição de vídeo. Além de conhecer o aplicativo, a proposta acabou sendo também uma oportunidade para “seguirmos” e “sermos seguidas” por estudantes que cursavam o componente curricular Dança naquele momento em nossas escolas, estabelecendo vínculos sociais (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p. 8).

⁴⁷ Identificada por Saviani (2012), como “etapa” que faz parte do processo de ensino, sendo que essa se correlaciona de forma dinâmica as demais.

Esse recurso dos efeitos também foi utilizado para desenvolver processos de criação de Dança com estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Na plataforma TikTok os efeitos estão “[...] presentes principalmente em vídeos de humor, pois os tornam mais atrativos e divertidos” (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p. 9). Mesma situação aconteceu com os duetos que foram utilizados para desenvolver a criação em Dança a partir das subjetividades, funcionando da seguinte forma:

Dois ou mais vídeos podem ser colocados na mesma tela, lado a lado ou divididos na parte superior e inferior. Trata-se de uma forma de estabelecer relação direta com outras pessoas que possuem conta no TikTok, conhecidas ou desconhecidas, e criar novos vídeos a partir destes encontros. A possibilidade de interagir virtualmente, a partir do material compartilhado por alguém e desenvolver diálogos não apenas de cópia, mas de diversos modos por oposição ou complementaridade, despertou, como os recursos anteriores, a elaboração de procedimentos de Dança para as aulas (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p. 9).

É importante destacar novamente a questão que Saviani (2022) traz sobre tentar humanizar a tecnologia digital a todo custo, sendo que essa “relação direta” abordada pelas autoras inexistente na realidade. Consideramos também que essa possibilidade de “desenvolver diálogos” na plataforma do TikTok, não necessariamente correlacionam o pensamento crítico ou o objetivo de fazer um diálogo considerando-se um conteúdo. Mas pode ser projetada enquanto memes, com o propósito de criar situações extravagantes, impossíveis, cômicas e engraçadas (como mostraremos na figura 11), ou também pode ter um viés competitivo, sendo que esses duelos também apresentam competições de quem dança melhor.

Este recurso da plataforma: Duelos, abordado pelas autoras, podiam ser de corpo inteiro, no qual você divide a tela com outra pessoa que dança “ao seu lado”, ou com objetivo de “encaixar” e complementar um vídeo com seu próprio movimento, sendo que a pessoa pode escolher se quer um vídeo em que aparece apenas o tronco e membros superiores, ou apenas os membros inferiores. E com isso ela deve complementar com dança, ou não, a parte que falta, por exemplo aparece uma pessoa correndo na esteira (parte inferior), você pode gravar a parte superior como quiser: tomando café, se espreguiçando, dançando, lendo um livro.

Neste exemplo da figura 11, podemos ver que os recortes de duelos são feitos por meio dos membros inferiores destacando diferentes modalidades de dança, onde o ator Will Smith faz o complemento com o movimento do tronco e membros superiores.

Figura 11: Exemplo de Duelo no TikTok



Fonte: Perfil do TikTok @willsmith

Trazendo essa proposta para um olhar na dança através da problematização de Saviani, (2012) veremos algumas possibilidades, mas também problemáticas. Inicialmente devemos considerar que a maioria dos filtros são desenvolvidos para vídeos de humor, onde por mais que esteja tratando visualmente da dança, pode ser que não esteja abordando a dança em si, mas sim o lado cômico da imagem, assim como nesse vídeo da figura 11 cujo objetivo da filmagem não tem nenhuma relação propriamente dita com o dançar enquanto proposta histórica, cultural ou de ensino, apenas foi feita para ser engraçada⁴⁸.

Logo temos que ter ciência e refletir com os estudantes, que nem tudo o que visualmente apresenta dança, é uma abordagem a esta manifestação artística ou representa algum significado a ela, sendo este exemplo da figura 11 perfeito, para demonstrar como o TikTok pode misturar e confundir o significado do que é dançar realmente.

Portanto, tudo o que é levado para a escola, deve ser contextualizado e adaptado para a proposta de aula. É importante frisar que dançar não é só mexer o corpo, é necessário ter e adquirir consciência sobre ele, sobre os movimentos e expressões, derivando de um significado propriamente histórico, artístico e cultural, e por esse motivo que se torna fundamental o ensino ser mediado pelo docente, para possibilitar esse pensar.

Contextualizando de forma emancipadora esse elemento por meio da instrumentalização da PHC (SAVIANI, 2012), o professor poderia usar este filtro para dialogar sobre o contexto do vídeo, indagando os estudantes e os incentivando a pesquisar os estilos das danças que nele

⁴⁸ Devemos considerar que na pandemia foi feito o possível para aquele contexto, mas que essas práticas são pobres e apresentam dificuldades para atingir níveis de formação mais elevados no ensino presencial.

aparecem, investigar se há algum movimento predominante no vídeo; ou como poderíamos reformular este vídeo abordando a mudança dos anos e consecutivamente das danças no Brasil e/ou no mundo; analisar criticamente o que essa proposta significa pra dança e qual o objetivo desta filmagem; qual a estética da dança sem movimentar uma parte do corpo; além de igualmente possibilitar a prática experimentando desenvolver esses movimentos isolados, contextualizando por exemplo, que essa é uma função de isolamento e é uma característica encontrada no jazz; contextualizando e desenvolvendo diferentes encaixes de estilos de danças; poderia fazer duelos entre os próprios alunos com base em um direcionamento e objetivo proposto, utilizando-se nessas filmagens dos passos criados pelos estudantes; além de abordar os eixos, planos e dimensões espaciais fazendo uma análise crítica a estagnação e aos modelos frontais a câmera, sendo que de forma geral as danças que ocorrem na plataforma apresentam:

[...] um vocabulário próprio, são executadas em uma relação frontal com as câmeras e os movimentos corporais são realizados com a parte superior do tronco, com ênfase nos braços. Por se tratar de uma codificação de gestos, vários vídeos compartilhados ensinam as coreografias através de tutoriais (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p. 8-9).

Sendo que esse “vocabulário próprio” é um dos principais motivos que define a dança enquanto produto da indústria cultural, pois distingue-a do teor artístico e histórico, e apresenta a padronização, a mímica e o empobrecimento desta manifestação artística, que se torna limitante. A luta do docente que vive o mundo da dança, anseia possibilitar ao indivíduo a criação, expressão e a soltura e percepção corporal, sendo que o TikTok prende os estudantes dentro de padrões e modismos.

Segundo Saviani (2012) o objetivo da catarse⁴⁹ é essa nova síntese, sendo necessário mediar o processo pedagógico por meio dos signos⁵⁰, para que os estudantes tenham uma reelaboração de uma visão anterior e que agora passam a refina-la neste processo de ensino. Portanto agora irão expressar esse conhecimento enquanto nova prática social ascendida⁵¹, sendo esse o fim e igualmente o início de um conhecimento que irá continuar sendo construído e aprimorado em busca da emancipação do sujeito.

⁴⁹ Identificada por Saviani (2012), como “etapa” do processo que faz parte do processo de ensino, sendo que essa se correlaciona de forma dinâmica as demais.

⁵⁰ São importantes visto que em termos psicológicos posto por Vigostski na obra de Martins, Abrantes e Facci (2016) é o que diferencia o ser humano dos animais. Diferenciando o domínio de si, do domínio da natureza externa.

⁵¹ Identificada por Saviani (2012), como “etapa” do processo que faz parte do processo de ensino, sendo que essa se correlaciona de forma dinâmica as demais.

O desenvolvimento do aluno envolve uma progressão evolutiva em vários aspectos que se aplicam ao longo do ciclo de vida escolar. Este percurso nem sempre é linear, devido a diferentes áreas comportamentais, como: disposições emocionais, cognitivas, psicológicas, sociais e motoras (PINHO, 2023, p. 116-117).

Considerando tal desenvolvimento, é que a PHC não defende um ensino fechado em blocos, onde os momentos que compõem essa teoria dialogam a todo instante, sendo totalmente flexíveis de serem retomadas nesses processos, sendo essa a importância do professor que irá acompanhar e mediar o processo (SAVIANI, 2012).

Allemand e Bonfim (2021, p. 21) relatam que “Os Duetos foram principalmente experimentados na relação entre docente e estudantes, ou seja, foram gravadas sequências coreográficas, inspiradas nas referências e músicas populares no próprio aplicativo”, ao qual as autoras também disponibilizaram essa atividade em um perfil⁵² que elas criaram na plataforma TikTok.

Nesta atividade elas apresentaram a filmagem da parte de cima do tronco e membros superiores, ou a parte de baixo dos membros inferiores, e pedem na legenda que os estudantes escolhessem um dos vídeos para dialogar, cuja indagação era que observassem qual poderia ser o complemento da movimentação oferecida.

Neste perfil aparecem somente vídeos das docentes, ao qual não é possível observar o desenvolvimento dos estudantes, logo, não foi “palpável” analisar ou comparar como essa proposta de ensino chegou aos estudantes, ou como ela foi desenvolvida. Tentamos igualmente procurar *hashtags* sobre o perfil, mas também não encontramos nada. Porém com base na descrição de Allemand e Bonfim (2021, p. 21) “Esta atividade gerou criações diferentes e interessantes e o relato da dificuldade, vivenciada como um desafio instigante, de sincronizar os novos movimentos elaborados com o vídeo existente”.

Essa função de duetos destacada no TikTok, poderia ser uma boa proposta para ser utilizada no ensino da dança na escola, onde possibilitaria ao estudante criar percepções e possibilidades desenvolvidas por meio dos movimentos combinados ou não. Ensinando-os que as possibilidades do corpo se movimentar e se manifestar são inúmeras, e desta forma não podemos nos prender a padrões prontos.

Ao qual, posteriormente seria fundamental analisar o processo de criação nas filmagens comparando os objetivos propostos com os resultados obtidos. Servindo desta forma para

⁵² Perfil do TikTok: @Dancap2020. Ao exploramos um pouquinho desse perfil, encontramos cinquenta e um vídeos postados, seguindo mais ou menos esses exemplos divulgados, bem como outras propostas, algumas inclusive bem interessantes e criativas, retratando questões climáticas diferentes na região Nordeste e Sul, bem como o retrato da cena do filme Flashdance (1983).

ampliar as possibilidades de criação evitando competições e valorizando o desenvolvimento corporal de cada sujeito, bem como de reflexão sobre as propostas. É importante considerar que essa ferramenta não deve ser apenas reproduzida, mas sempre contextualizada e acompanhada pelo docente no ensino presencial, fazendo conexão com o movimento, história e cultura.

Neste sentido todas as *trends* bem como os efeitos, precisam de um propósito para ser abordado na escola, onde é preciso ter claro a abordagem e o objetivo da proposta, também o viés crítico de que a dança será orientada, e se esta teria algum vínculo a uma modalidade de dança ou não. Enfim, de que forma ela será contextualizada?

Destacamos que os vídeos produzidos e gravados pelos próprios estudantes, podem e devem ser considerados enquanto ferramenta de apoio aos estudos, contribuindo para analisar e visualizar o contexto e possibilidades da dança, bem como a reflexão sobre a dança que está sendo realizada e as possibilidades de sua criação. Contudo, o ensino direto entre professor e aluno deve acontecer em sua maior proporção, considerando que nem sempre as propostas de vídeos feitos sob efeitos serão viáveis.

Nesta questão deve-se ter o olhar do docente, para que os vídeos não ocasionem em uma aceitação da dança apenas do que surgiu como resultado em que a filmagem em si entregou (de forma mecânica ou automática), pois a partir daí englobam problemáticas de corpos e movimentos inexistentes. Dito isto, é fundamental saber que muitos dos efeitos modificam o contexto apresentado, colocando características, movimentos e funções que inexistem na prática, por exemplo como acontece no efeito espelho em que se duplica a pessoa do vídeo botando-a de frente para si mesmo.

Nele, os corpos são duplicados e é possível estabelecer uma relação com a própria imagem. Este efeito proporcionou uma espécie de versão virtual do tradicional jogo dos espelhos, muito utilizado em aulas presenciais de Dança e Teatro, realizado em duplas. Dançar em tempos de isolamento, através do encontro com sua própria imagem, pareceu fazer sentido para os grupos de estudantes, além desse recurso oportunizar sumir da tela, espelhar apenas partes do corpo, como os braços, e assim produzir efeitos visuais interessantes (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p. 23).

Esse impasse é essencial para mostrar que nem tudo vai se efetivar como proposta de ensino. Outra questão é indagar por que que pareceu fazer sentido? qual era a proposta das autoras? Houve diálogo com os estudantes, foram indagados sobre? Ao qual consideramos que toda proposta deve ser mediada e discutida entre o grupo.

Outra questão a destacar referente a esse exemplo do espelho e que necessita um olhar mais atencioso, é que nas aulas práticas de dança quando costumamos promover essa atividade o objetivo é muito diferente do que realizado pelo aplicativo. Cujas propostas desta dinâmica em

uma aula prática é justamente compartilhar movimentos com quem está a sua frente, aguçando a percepção e a atenção a resposta corporal de outra pessoa, compartilhando movimentos da sua história corporal e bagagem cultural, agregando movimentos diferenciados a outra pessoa e somatizando ao seu próprio repertório e saber.

No entanto, o que o resultado do aplicativo mostra é isso pronto sem esforço e reflexão, o que se torna uma problemática, pois, por qual objetivo a pessoa vai prestar atenção nessa proposta de “duplas” se não verá ninguém a sua frente? Deste modo, ela simplesmente vai realizar o passo de forma automática, sabendo que o filtro fará esse trabalho automaticamente. Logo, o que o aplicativo faz é entregar o resultado enquanto produto, pois na construção da proposta a pessoa dançou sozinha. Neste sentido a tela mostra algo que não está acontecendo na realidade, ou seu movimento não é aquele que aparece na tela... é um mundo de faz de conta, onde “Existe uma diversidade muito grande de efeitos, que vão desde filtros que inserem acessórios ou ressaltam maquiagem no rosto até imagens que multiplicam a pessoa, distorcem o corpo, introduzem elementos, entre muitos outros” (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p. 22-23).

As reflexões acerca desta questão são inúmeras, considerando que sem a condução de um docente, essa prática poderá até reduzir o contato da pessoa com a dança, pois, o indivíduo não experimenta necessariamente o movimento, porque o filtro o projeta automaticamente. Como por exemplo, o filtro que ondula toda a filmagem onde qualquer movimento, e até mesmo a pessoa parada criará movimento próprio através das ondulações. No qual, você irá realizar um movimento (ou até mesmo nem fazer) e esse se distorcerá em outro.

É sobre esse contexto da mecanicidade da atividade corporal que se torna necessário a mediação docente, para direcionar os estudantes ao objetivo proposto, e não deixando esta distorção acontecer. No entanto, esses vídeos ondulados, seriam uma opção para indagar os estudantes: Será mesmo que o resultado do movimento no vídeo remete aos movimentos feitos fora da tela? Existem estilos de dança que promovem essa ondulação com o corpo, se sim quais? Assim como, também poderia manusear o filtro em cima das ondulações já feitas e realizadas pelo próprio corpo, e analisar o resultado; podendo também sugerir a criação de outras ondulações possíveis. E posteriormente as respostas compartilhadas, poderiam se fazer uma observação acerca do que o aplicativo mostra, sendo que nem sempre podemos acatar tudo em aula ou fora dela também, como em nosso cotidiano.

No processo pedagógico na perspectiva da PHC os filtros podem ser estudados pelos docentes, vendo se as suas possibilidades não interferem na composição, criação e movimentos, ou mesmo como fator de reflexão crítica como no exemplo anterior, demonstrando que são

problemáticas que podem acontecer e que devem ser abordadas e contextualizadas em aula, nas quais o movimento deve ser sempre experimentado fora de tela, cujo filtro do aplicativo pode servir como ilustração, mas precisa de reflexão e mediação de um docente sobre isso. Pois fazer um gesto mediado por um filtro é diferente de pensar no efeito do movimento e tentar fazê-lo!

Logo “Quando se pensa em dança na totalidade escolar, deve-se priorizar abordagens pedagógicas, onde abordagem e produto são fundamentais para compreender a importância de uma prática respeitosa, corpo discente e liberdade de expressão” (MARTINS, 2022, p. 25). Devendo ser uma ferramenta crítica pensada nas possibilidades do corpo.

Em outra proposta, que Allemand e Bonfim (2021, p. 9) trazem como possibilidade de ensino para a dança, e novamente abordamos com atenção e cuidado estas ferramentas são sobre o recurso dos tutoriais sendo que “Muitos deles são organizados com uma sequência de emojis ou de palavras na lateral ou na parte superior da tela, indicando os movimentos que devem ser feitos a partir da relação com os símbolos”.

Essa inclusive foi uma *trend* de sucesso no TikTok e viralizou na plataforma, interessadas na proposta as autoras se utilizaram desse recurso. Nessa atividade de tutorial consistia em criar uma pequena coreografia com base em uma sequência de emojis, para isso os discentes precisariam definir os movimentos para cada figura (emoji) e escolher uma música. Além disto foi solicitado que os estudantes colocassem movimentos de transição entre um símbolo e outro, para dar fluidez a sequência (ALLEMAND, BONFIM, 2021).

Para que os estudantes compreendessem a dinâmica e também para aguça-los a explorarem os movimentos, as professoras colocaram em um perfil do TikTok, dois exemplos diferentes de movimentações, sendo que cada uma delas dançou e representou de forma distinta uma mesma sequência de emojis (ALLEMAND, BONFIM, 2021). Sendo que Valle e Ivanoff (2021, p. 10) afirmam que a disponibilização dos modelos, é outra questão que apresenta interferência, pois “[...] por um lado o exemplo deixa a tarefa mais clara, por outro ele pode ser negativo, pois tende a direcionar o trabalho criativo do aluno”. O que acaba direcionando e limitando a criação dos estudantes que ficam em torno daquilo.

No relato de Valle e Ivanoff (2021) por exemplo, essa ação de dar exemplos se manifestou de forma negativa com discentes do curso de graduação em dança principalmente na disciplina de Composição Coreográfica I. Em concordância com essa questão López et al., (2013, p. 82 apud VALLE, IVANOFF, 2021, p. 10) comenta que:

Exemplos dados pelo professor são uma ótima estratégia para deixar as tarefas claras solicitadas aos alunos. Por outro lado, podem interferir no que os alunos fazem e podar

sua forma pessoal de fazê-lo. De qualquer forma, para quebrar a timidez, principalmente para os menos experientes, o exemplo parece ajudar bastante.

Concordamos que, se realmente o objetivo da proposta é quebrar a timidez, ela pode ser uma boa atividade, mas se o objetivo do trabalho é a criação, muitas vezes poderá vir a ser limitante, pois se considerarmos que um adulto apresenta uma bagagem maior de movimento, conexões, conhecimentos, experiências, gerou devida estagnação em criar, precisaria de maior mediação para auxiliar uma criança/adolescente nessa proposta. Sendo algo realmente difícil projetar algo corporalmente tem que haver um repertório de movimentos básicos e solturas, e como escrito no artigo, essa era uma turma recente.

Entretanto, se voltarmos a questão dos emojis, esta proposta enquanto base iniciante para a dança, ela realmente poderia ser utilizada para desenvolver uma pequena sequência de passos, porém nesta forma de ERE não vemos possibilidades críticas para que esse ensino saísse da zona mimética, pois torna a comunicação empobrecida entre docente e estudantes, e sem a mediação presente do adulto enquanto docente da área, a dança volta novamente para um padrão de movimento mecanizados que tanto tentamos fugir.

Sendo que as autoras relatam que buscaram estratégias para evitar os movimentos usuais do TikTok, onde a sequência de emojis colocada criava movimentos “sem a necessidade de reproduzir os gestos do “repertório de dança do TikTok” (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p. 16).

[...] durante a pesquisa não nos propomos a repetir, de forma alguma, os princípios de cópia das coreografias frontais e blocadas do tronco para cima [...] ampliando as possibilidades de aprendizado em Dança a partir da realidade e dos interesses do corpo discente. (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p. 12-13)

Esse é fator interessante e até mesmo contraditório que surgiu por parte das docentes e também autoras, pois o objetivo desta atividade dos emojis produziu o mesmo viés e conceito de movimento mímico ofertado pelo TikTok, mesmo não sendo os mesmos da plataforma, ou sim, afinal não se descarta a possibilidade de os estudantes terem visto ou utilizado eles em algum outro momento.

Também, considerando a experiência em dança desta pesquisadora, os estudantes transformariam os emojis em movimento miméticos – que é o que o TikTok mais oferece – pois eles iriam realizar fielmente os movimentos a partir da relação direta com os símbolos ou desenho, como por exemplo um sapo ou um guarda-chuva, o que nos remete a mímica dessa figura, assim como notado pelas docentes “[...] percebemos que algumas figurinhas acabam

gerando os mesmos gestos para diferentes pessoas que utilizam a plataforma” (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p. 16).

Inclusive Allemand e Bonfim (2021, p. 26) afirmam que a maioria dos estudantes matriculados nesta disciplina, apresentavam a dependência enquanto cópia dos movimentos, sendo “[...] que a expectativa para o ensino de Dança é aquele que acontece a partir da reprodução do modelo exterior e o TikTok, à primeira vista, parece reforçar isso”. Não só parece, como reforça.

Contudo, Allemand e Bonfim (2021, p. 18-19) relatam e defendem que “[...] alguns recursos se mostraram potentes para a transformação das ideias corriqueiras de dança, como foi o caso da *trend* dos emojis e como também é o caso dos duetos e dos efeitos”. Porém, além das questões e problemáticas aqui já citadas, devemos considerar que por mais que os estudantes apresentaram uma sequência, um produto final, não quer dizer que eles tiveram uma consciência corporal ou contextual daquilo, pois a criação e o desenvolvimento é algo muito mais complexo, e até então abstrato aos estudantes, principalmente os mais jovens, e é justamente por isso que o docente tem a essencial função de mediar essa ação, sendo necessário aguçar o pensamento, refletir sobre o movimento, considerando que ele é histórico e presente em nossa rotina, desestereotipando significados e avançando na construção da dança.

Consideramos igualmente, que o papel docente de mediador não foi possibilitado por meio do ERE, onde não houve uma mediação significativa à essas propostas, pois foi uma orientação a distância, sem acompanhamento do desenvolvimento e processo, sem possibilitar recursos, a observação e avaliação do sujeito, cuja [...] resposta à tarefa poderia ser tanto em vídeo (produzido ou não no TikTok), como também através da descrição dos movimentos em texto ou áudio ou, ainda, através de um relato da experiência por escrito (ALLEMAND, BONFIM, 2021, p. 17).

Ou seja, todos os elementos aqui destacados seriam uma possibilidade para o ensino presencial, pois permitiria o acompanhamento do movimento e aí sim, a discussão e mediação do professor na proposta, refletindo sobre aquele movimento, “pensar o movimento”. Além do que, por mais simples que pareçam essas atividades, elas exigem bastante elaboração, pois os estudantes apresentam dificuldades em se expressar, criar e desenvolver algo, sendo que na prática eles já precisam ser mediados a todo momento e, portanto, a distância, sem essa mediação torna o ensino ainda mais complicado.

Logo, de forma presencial o docente conseguiria instiga-los a todo momento, como por exemplo, fazer uma ligação e diálogo do porquê o aluno representou de tal forma, possibilitando a reflexão sobre outras formas de realizar; indagando os estudantes sobre o significado e estilo

de cada movimento; além do estudante poder observar, contextualizar e até mesmo vivenciar as outras formas que foram desenvolvidas pelos colegas, fazendo junção de movimentos, e entre outras questões iniciais. Sendo este diálogo fundamental para recriar e avançar no repertório de movimento e de conhecimento.

Vimos, portanto, a importância do ensino da dança na escola, sendo que Martins (2022, p. 30) afirma, que ela também melhora o desempenho escolar e apresenta uma mudança positiva de comportamento, promovendo muitos benefícios a aprendizagem dos alunos na escola:

[...] atividades como a dança pode melhorar significativamente o comportamento social dos alunos, além de desenvolver aspectos cognitivos e motores que levam à cidadania moral, moldando suas perspectivas e ideias, consequentemente melhorando a sua aprendizagem.

Contudo, desde que essa dança na prática de ensino seja abordada de forma mais rigorosa pelos docentes, “[...] que norteie os indivíduos a desenvolverem suas habilidades criativas à medida que descobrem suas habilidades, contribuindo de maneira incisiva para a sua formação crítica, autônoma e consciente, visando uma transformação social” (MARTINS, 2022, p. 30). Reforçando mais uma vez a importância da mediação para a emancipação do sujeito.

Ou seja, analisamos que há possibilidades de avanço destas atividades propostas por Allemand e Bonfim (2021), isso se pensarmos nelas no ensino presencial com a mediação presente do professor, no qual poderiam sim ser propostas iniciais utilizadas nas unidades educativas de forma contextualizada e crítica para abordar o TikTok na escola. Considerando que ele é uma ferramenta da tecnologia digital, que já permeia diretamente esse ambiente e está em frequente contato com os estudantes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as análises desenvolvidas, bem como os posicionamentos e autores utilizados nesta pesquisa, pode-se notar o viés político e pedagógico deste estudo, que busca e defende um modelo específico de educação e de sociedade. Desta forma escolhemos a PHC para ser o fio condutor desta pesquisa, pois ela nos permite incorporar essa visão crítica de mundo, e a contextualização de algumas problemáticas que nos cercam cotidianamente neste sistema capitalista.

Consideramos o TikTok uma tecnologia digital extremamente complexa, por ser uma plataforma ligada a este sistema e a indústria cultural a qual ele pertence, assim como a sua abrangência no mundo, e a densidade que atinge e perpassa a vida das pessoas que tem acesso a ele, principalmente por meio de celulares e de modo geral um público jovem, em formação escolar.

Justamente por ter que contornar e lidar com as interferências de todos esses fatores, inicialmente nos parecia que essa proposta crítica para esse ensino, seria inviável e impossível de se consolidar por meio dessa ferramenta. Porém, vimos que é possível ao começarmos a dialogar com as ideias da PHC, e ver que não é só viável, mas como é fundamental que essa ferramenta seja contextualizada, devido ao TikTok estar presente em nosso dia a dia e se constituir enquanto elemento da produção humana. E desta forma necessitar de uma abordagem crítica e diferenciada.

Logo, essa pesquisa se constitui em uma tentativa de parar de ignorar as problemáticas que surgem nas aulas de dança na escola, pensando em possibilidades para um ensino crítico e de excelência aos estudantes. Propondo a descaracterização dessas falsas e medíocres informações que se projetam em colchas de retalhos no chão da escola. Ao qual a utilização deste aplicativo nas propostas seria uma desconstrução dele por ele mesmo, servindo enquanto de material de apoio e estudo - extremamente crítico - mediado pelo docente.

Reconhecendo que o ensino não ocorre de forma individual, nesta pesquisa também fica evidente a importância da mediação docente, sendo que na PHC ela é de suma importância ao processo de aprendizagem, no qual, não retratamos apenas a importância de o conteúdo chegar ao aluno, nos referimos como e de que forma isso irá acontecer ou atingi-lo, pois defendemos um ensino de excelência, participativo e emancipatório, que facilite que o conhecimento chegue ao estudante para que este o usufrua. Assim, o planejamento e as propostas de ensino dos docentes devem orientar o aluno e atingir os conhecimentos sistematizados, contribuindo para humanização dos sujeitos no contexto escolar.

Consideramos que no decorrer dos anos pandêmicos o ERE foi uma adaptação as condições provisórias da pandemia, que por meio do recurso tecnológico digital ajudou a enfrentar o momento, entretanto não se efetivou como um ensino emancipador. Nitidamente, vemos que o conteúdo sendo realizado através desse modelo de ensino, limitou e dificultou o desenvolvimento da dança enquanto prática, bem como o descaracterizou e o empobreceu, considerando que a mediação docente ficou restrita a práticas por vídeo ou impressas.

Sendo que neste processo pandêmico, docentes e estudantes tiveram que se readaptar e se reorganizar dentro desse período, cujas funções extras que surgiram são longe de ser um fator positivo, pois gerou muita sobrecarga e precariedade no ensino, além das questões emocionais por perdas na família ou até mesmo a própria doença. Sendo que também foi um ensino sucateado e falho para as condições de acesso, ocasionando a ausência de muitos estudantes principalmente os de baixa renda. Não podemos desconsiderar os professores, que além de todos os desgastes, muitos tiveram que arcar com os gastos na aquisição de tecnologias e acesso à internet.

Consideramos igualmente que as aulas nessa proposta remota não permitiram qualidade na mediação docente, pois não possibilitaram a proximidade com o estudante, nem tempo hábil e espaço para isso. Descaracterizando o ensino pela falta de possibilidades para compartilhar, corrigir, acompanhar o desenvolvimento, dialogar com o conhecimento sistematizado, sendo este diálogo com o professor essencial para os estudantes pensarem criticamente sobre esta plataforma e a dança, descontextualizando-a como produto e possibilitando a ela uma nova visão emancipada.

Logo, não vemos meios possíveis para utilizar o TikTok enquanto ferramenta para o ensino remoto, pois sem a intervenção docente se torna incapaz de contribuir na formação desenvolvendo dos estudantes. Pois, por mais que eles sejam criativos dentro desse modelo, sempre será o mesmo produto final, a mesma proposta ausente de conhecimento histórico. O que nos permite valorizar ainda mais a educação pelo ensino presencial, sendo que ele proporciona um melhor processo educativo, bem mais dialogado e palpável aos discentes, considerando que há uma melhor apropriação do conteúdo.

Considerando o contexto descrito, e a nossa concepção crítica de dança vista por meio da PHC, não concordamos na visão romantizada do ERE, devido as múltiplas problemáticas e limitações quanto ao movimento, e a apropriação do conhecimento e ensino. Portanto este estudo se posiciona contra qualquer tipo de ensino da dança sob um viés a distância ou virtual, para estudantes em contexto de escolarização formal na educação infantil, ensino fundamental

e médio, justamente por considerarmos suas barreiras e entendermos que a dança é uma prática que deve ser analisada e abordada em construção, em movimento.

Portanto através desta Pedagogia analisamos meios para desconstruir a visão entusiasta e romantizada sobre a dança nesta tecnologia digital que muito se vê presente hoje em dia. Além de desenvolver meios para oportunizar um ensino de excelência da dança na escola, ressaltando a importância da visão crítica sobre as mídias digitais que permeiam esse espaço, e a fundamental mediação docente perante o ensino presencial, sendo que o aplicativo seria um suporte desse ensino utilizado de forma crítica e comprometida.

Evidenciamos a possibilidade um ensino emancipatório para a dança na escola a partir da contribuição da PHC. Sendo que ela pode contribuir com o conhecimento da dança em vários sentidos: o da trajetória e história do ser humano e o movimento; desenvolver e proporcionar as diversas formas de deslocamentos, giros, eixos e dimensões do indivíduo se movimentar; pode possibilitar/aguçar a reflexão do real significado da dança e dos passos, ou seja, fazer com que os alunos aprendam interpretar a arte de forma crítica; proporcionar o conhecimento de estilos de dança bem como a cultura que pertencem; possibilitar o autoconhecimento e assim a consciência corporal de movimento; além de valorizar a cultura local do movimento; instigar a criatividade e expressão do movimento dos alunos e entre outras questões que contribuam para uma formação que não seja alienada ao senso comum e a viralização de movimentos.

Portanto, a dança que se encontra na escola, por meio do currículo da educação física e também das artes, não deve ter como objetivo central o doutrinamento do corpo/movimento (como no TikTok), assim como não deve oferecer uma padronização de movimento ou de um estilo determinado, muitos menos abordar a dança apenas como forma de comemoração de datas festivas ou apresentações de gincanas e homenagens. Mas deve ser abordada enquanto conteúdo crítico para oferecer informações, possibilidades e elementos que proporcionem acesso às vivências e experiências dos alunos de forma intelectual, corporal, social, histórica, cultural e expressiva. Objetivando o conhecimento da dança de forma íntegra, contemplando-a em seu sentido integral.

Por fim, concluímos que este assunto se faz presente nos dias atuais, e considerando a sua intensidade e frequência, pudemos identificar que os estudos acerca do tema em questão, foram pouco desenvolvidos por revistas científicas brasileiras, havendo uma escassez de pesquisas a respeito dessa conexão da dança com esse aplicativo. Tendo ainda muito a explorar e desenvolver sobre esta temática que vem ganhando espaço na vida dos sujeitos, contribuindo na constituição deles enquanto ser humano, histórico e social, participando de sua formação para além das escolas.

Portanto, nos dias atuais torna-se indispensável existirem mais estudos sérios e comprometidos com a emancipação dos sujeitos, tendo como objeto de pesquisa o TikTok, enquanto plataforma digital atual que permeia não somente o espaço escolar, mas o cotidiano de pessoas de todas as idades e em muitas tarefas. Cujas interferências e predominância engloba diversas áreas e questões e que são importantes de investigação. Sendo o TikTok uma ferramenta que participa da formação do sujeito, e a escola pode e deve trabalhar esse aplicativo, não no sentido reprodutivo, mas com o objetivo de desconstruir e contextualizar os interesses que ali percorrem e estão presentes.

Desta forma concluímos que esta metodologia se desenvolvida com responsabilidade e estudos pode contribuir com a desconstrução das ideias disseminadas por essa cultura TikToker, bem como promover a elaboração da dança como conteúdo crítico e de excelência aos estudantes. Sendo que esta pesquisa não se constitui enquanto uma receita, muito menos uma solução dos problemas, mas é o início de um pensamento crítico aos leitores que o fizerem, estando aberto a outros debates e diálogos. Ficando como sugestão a pesquisa da autora Ávila (2009) sobre a *Pedagogia histórico-crítica e o ensino da dança: construindo uma ação pedagógica possível*, que caminha nessa direção crítica de ensino.

REFERÊNCIAS

- ALLEMAND, Débora Souto; BONFIM, Larissa. **Diálogos entre Dança na Escola e dança no TikTok**: Propostas no ensino remoto. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 2, n. 41, set. 2021.
- ALMEIDA, Marcia. **Saber sensível e acuidade corporal**: metodologia de ensino de dança a partir de um estudo com estudantes cegos. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, [s.l.], v. 15, n. 4, p.148-176, 24 out. 2019.
- ÁVILA, Regiane; **Pedagogia histórico-crítica e o ensino da dança**: construindo uma ação pedagógica possível. In: III EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino. 2009, Anápolis - GO; p. 1 – 7.
- BANDEIRA, Alexandre Elesbão. **O conceito de tecnologia sob o olhar do filósofo Álvaro Vieira Pinto**. *Geografia Ensino & Pesquisa*, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 111–114, 2011. DOI: 10.5902/223649947381. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7381>. Acesso em: 17 jun. 2023.
- BARIN, Claudia Smaniotto; ELLENSOHN, Ricardo Machado; SILVA, Marcelo Freitas da. **O uso do TikTok no contexto educacional**. *Revista Novas Tecnologias na Educação*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 630–639, 2021. DOI: 10.22456/1679-1916.110306. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/110306>. Acesso em: 3 jun. 2023.
- BARROS, J. D. **O conceito de alienação no jovem Marx**. *Tempo Social*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 223-245, 2011. DOI: 10.1590/S0103-20702011000100011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12659>. Acesso em: 2 dez. 2022.
- BUENO, Vieira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Lisa. 1990.
- COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e indústria cultural**: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e cultura de massa dessa sociedade; São Paulo, Editora Nacional, 1977. p. 287 – 311.
- COSTA, Jean Henrique. **A atualidade da discussão sobre a indústria cultural em Theodor W. Adorno**. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 36, n. 2, p. 135-154, Mai/ Ago, 2013.
- Dermeval Saviani: A pedagogia histórico-crítica**. Direção: Rodolfo Pelegrin. Leituras Brasileiras - Youtube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=13ojrNgMChk>. Acesso em: 06 jun. 2023.
- DINIZ, Isabel Cristina Vieira Coimbra. **Linguagem, tecnologia e dança**: o corpomídia em cena. *Revista Texto Livre*, v. 4, p. 1-6, 2015.
- FRANCO, Neil; FERREIRA, Nilce Vieira Campos. **Evolução da dança no contexto histórico**: aproximações iniciais com o tema. *Repertório: Teatro & Dança (Online)*, v. 26, p. 266-272, 2016.

FREIRE, Ermaela Cícera Silva; FÉRRIZ, Adriana Freire Pereira; FERRIZ, José Luis Sepúlveda. **Indústria Cultural e Cultura de Massa: Simetria ou Assimetria Ideologia ou Cultura?** In: XIII Encontro de Iniciação Científica da Univap, 2009, São José dos Campos. XIII INIC/IX EPG. São José dos Campos: Editora da Univap, 2009. v. Único. p. 1-4.

FREITAS, Carmen Laenia Almeida Maia de; MAIA, Maria Irani Mendes; OLIVEIRA, Maria José Alves de Freitas; COLAÇO, Soraia. **Dermeval Saviani: um pouco de sua vida, algumas de suas obras.** Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 19–32, 2018. DOI: 10.33027/2447-780X.2018.v4.n2.03.p19. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RIPPMAR/article/view/8656>. Acesso em: 27 nov. 2022.

GOMES, Marco Antônio de Oliveira; CAETANO, Suzane Meneses. **A crise do capital e a atualidade da pedagogia histórico-crítica.** Educa - revista multidisciplinar em educação, v. 9, p. 1-18, 2022.

GOECKING, Dandara; PEREIRA, Lilian; SANTOS, Lorena dos; FERREIRA, Luís Eduardo; GALVÃO, Rodrigo Arthur; ALMEIDA, Leonardo. **A Compulsão do TikTok e a Exibição de Transtornos Psicológicos.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Recife. **Anais [...]** Pernambuco: Intercom, 2021. p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/ij02/rodrigo-arthur-galvao.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2023.

HARVEY, David. **Os limites do capital.** São Paulo: Boi-tempo. Tradução de Magda Lopes. 1982. 697p.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LAVOURA, Tiago Nicolas; GALVÃO, Ana Carolina. **Fundamentos da didática histórico-crítica: superando limites e recolocando desafios.** In: GALVÃO, Ana Carolina (org.). **Pedagogia histórico-crítica: 40 anos de luta por escola e democracia.** Campinas, Sp: Autores Associados Ltda, 2021. p. 1-133.

LEITÃO, Fátima Cristina do Valle; SOUSA, Iracema Soares de. **O homem que dança... Motrivivência,** Florianópolis, v. 8, p.250-259, 8 dez. 1995.

LUSZ, Pedro. **Tempo é Dinheiro, o Resto é Silêncio.** Cadernos de História, v. 3, p. 1-23, 2015.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão; CURY, Carlos Roberto Jamil. **Dermeval Saviani: uma trajetória cinquentenária.** Interface (Botucatu. impresso), v. 21, p. 497-507, 2017.

MARTINS, Lígia Márcia. **As aparências enganam: divergências entre o materialismo histórico dialético e as abordagens qualitativas em pesquisa.** In: 29 Reunião Anual da ANPED, 2006. Educação, Cultura e Conhecimento: desafios e compromissos, 2006. v. 1.

MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Angelo, Antonio; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice.** Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

MARTINS, Vanéria Paula Sousa. A influência da dança na aprendizagem escolar. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, 2022. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/influencia-da-danca>. Acesso em: 13 jun. 2023.

MARX, Karl. **O capital. Crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MINUZZI, Crislaine. FACHIN, Paulo Cesar. **Estudo sobre língua e linguagem: considerações**. 2012 (Publicação). Disponível em: http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_63471/artigo_sobre_estudo-sobre-lingua-e-linguagem--consideracoes. Acesso em: 10 dez. 2021.

NASCIMENTO, Aline. Santos. do. **“Vai se tratar garota”**: tematizando as dancinhas do TikTok. 2023. Disponível em: https://www.gpof.fe.usp.br/capitulos/nascimento_02.pdf. Acesso em: 13 jun. 2023.

NETTO, Paulo José. **Introdução ao estudo de método de Marx**. 1. Ed. São Paulo: Expressão popular, 2011.

ORGAZ, Cristina J. ‘TikTok foi feito para ser viciante’: o homem que investigou as entranhas do aplicativo. **BBCNews**, 03 de dez. de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55173900>. Acesso em: 20 de mar. 2022.

ORSO, Paulino José; MALANCHEN, Julia. **Pedagogia histórico-crítica e a defesa do saber objetivo como centro do currículo escolar**. In: X seminário nacional do Histedbr, 2016, campinas. 30 anos do Histedbr (1986-2016) contribuições para a história e historiografia da educação brasileira. Campinas: Unicamp, 2016. v. 1. p. 50-65.

ORSO, Paulino José. **Pedagogia histórico-crítica: uma teoria pedagógica revolucionária**. In: PEDAGOGIA histórico-crítica revolução e formação de professores. Campinas, Sp: Armazém do Ipê, 2018. p. 1-233.

PINHO, Raquel de Deus. **O ensino da dança nas aulas de educação física e sua influência no bem-estar físico e mental dos alunos do ensino fundamental**. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, v. 6, p. 112–119, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao-fisica/ensino-da-danca>. Acesso em: 13 jun. 2023.

SALCEDO, Bernardo. **Como redes sociais hackeiam sua mente**. A senha para sua atenção é: neurociência e psicologia comportamental. *Revista Arco*. 28 jan. 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/como-redes-sociais-hackeiam-sua-mente>. Acesso em: 06 jun. 2023.

SANTOS, Camila. **6 estratégias simples para viralizar no Tiktok em 15 dias**. 2021. Disponível em: <https://sejaceo.com/estrategias-para-viralizar-no-tiktok>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SANTOS, Magnólia Pereira. **Os fundamentos da pedagogia histórico-crítica e os desafios e possibilidades do trabalho educativo em classes multisseriadas**. *Entrelaçando Revista*

Eletrônica de Cultura e Educação. V. 2, n. 10, p. 1-16, 2016. Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/edicoes-entrelacando>. Acesso em: 24 jan. 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia** - 42.ed. – Campinas, SP; Autores Associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política!** 32. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999 - (Coleção polêmicas do nosso tempo; v.s).

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 4.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013 - (Coleção memória da educação).

SAVIANI, Dermeval. **Teorias pedagógicas contra-hegemônicas no Brasil.** Revista Ideação. Centro de Educação e Letras. Unioeste. Campus Foz do Iguaçu, v.10, n.2, p.11-28, 2º sem. 2008.

SCHMITT, Silvana Lazzarotto. **Pedagogia histórico-crítica: possibilidades para compreensão.** In: X SEMINÁRIO NACIONAL DO HISTEDBR. 2016, São Paulo; p. 1-17.

SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da; FERNANDES, Vera Lúcia Penzo. **Observatório da Formação de Professores de Artes Visuais: um estudo da materialidade das condições de trabalho do professor de Arte no Brasil.** Palíndromo, Florianópolis, v. 14, n. 32, p. 13-29, 2022.

STOKEL-WALKER, Chris. **TikTok Boom: um aplicativo viciante e a corrida chinesa pelo domínio das redes sociais.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022. 304 p. Tradução: Alexandre Raposo, Carolina Selvatici, Diego Magalhães.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola.** Cad. CEDES, Campinas, v. 21, n. 53, p. 69-83, 2001. Acesso em: 15 jul. 2020.

TikTok. Canal Tech, sem data. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/empresa/tiktok/>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

VALLE, Flavia Pilla do; IVANOFF, Vanessa de. **Dança, educação e tecnologia: a docência em tempos de pandemia.** Revista da FUNDARTE, v. 21, n. 44, p. 1–15, 2021.